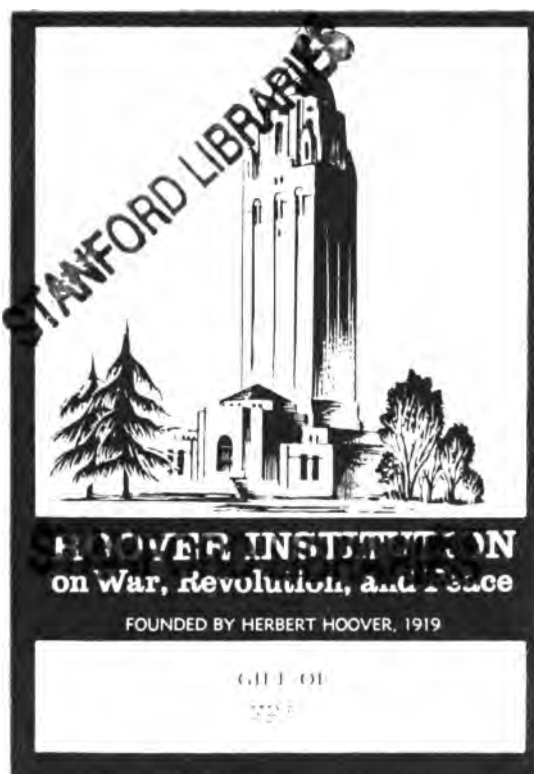
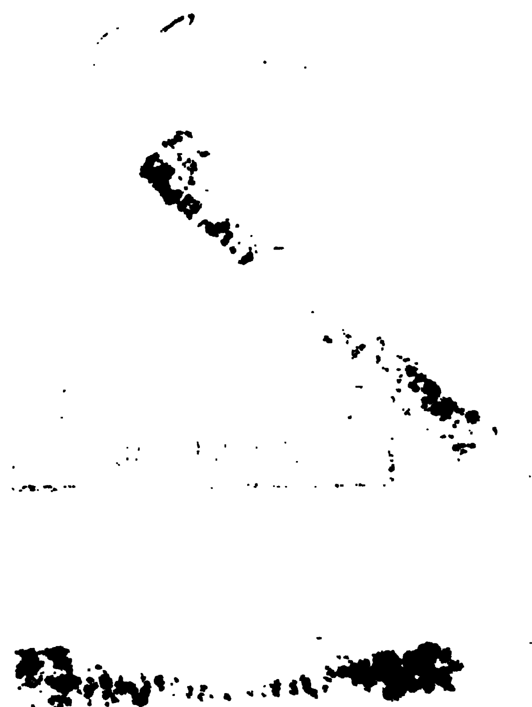



STANFORD LIBRARIES
HOOVER INSTITUTION
on War, Revolution, and Peace
FOUNDED BY HERBERT HOOVER, 1919
GIFT OF







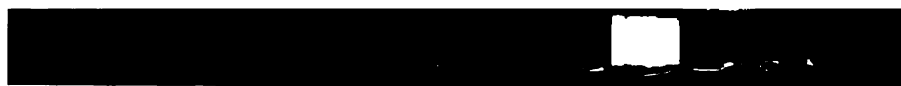






UMA EXPLORAÇÃO AFRICANA

A NOVA LISBOA





VIAGENS PORTUGUEZAS

UMA EXPLORAÇÃO AFRICANA

A NOVA LISBOA

POR

A. E. VICTORIA PEREIRA

TENENTE D'INFANTERIA



Marinha Grande
EMPRESA TYPOGRAPHICA
1890



A

Roberto Ivens

Ha vinte e trez annos, quando nós do cesto da gavea da velha corveta *Paciencia*, faziamos caretas ao pobre e excellente mestre Jacintho, longe estava eu de ver o teu nome immortal vinculado a essa grande obra da civilisação da Africa, a esse grande emprehendimento d'uma exploração de cerca de tres annos, deixando em cada dia, e em cada logar atrevessado, um rasto da tua verve resplandecente, do teu espirito scintillante, e a memoria de cruciantes soffrimentos, rasgando para a sciencia, á custa da tua audacia, o ignoto do continente negro.

Lendo a descripção da tua viagem, apesar de commodamente recostado na *chaise-longue* do meu gabinete, sentia-me muitas vezes transportado ao sitio onde tu e o teu valente companheiro o ex.^mo^ sr. Capello, corriam os maiores perigos.

A minha alma ficava por momentos suspensa á espera do desenlace.

Sentia uma profunda angustia n'estes momentos solemnes da vida; e como tu devias vêr, quando o delirio das febres paludosas se te apossavam do teu espirito viril, via eu tambem em sonhos, rios caudalosos, pretos selvagens, sertões virgens, serras inatravessaveis, animaes monstruosos, e abysmos insondaveis; e tão cheio d'esta leitura inibriante, ouzei escrever este mal alinhavado livro, filho das tuas viagens, e acommodando-o ao romance, fazer d'elle, quanto possivel, á minha fraca intelligencia, um meio para que, todas as pessoas acostumadas a leituras ligeiras, saibam o que soffre o escravo da honra, do dever e da sciencia, que pisa o continente negro, e que cada ponto marcado n'aquella carta, tem custado e custará, muitas vidas, muitos martyrios e muitos desenganos.

Dedico-te pois este modesto trabalho em memoria da nossa amisade, e especialmente pela lembrança d'aquelle tempo em que ambos frequentavamos a *Escola Naval*, e das garotices que então faziamos.

Leiria, janeiro de 1890.

Albino Estevão Victoria Pereira.

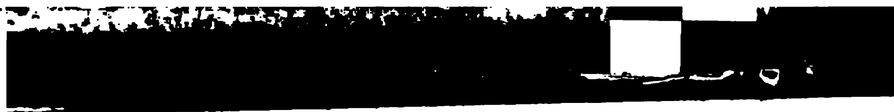
AO EX.^MO SNR.

Brito Capello

Como humilde admirador dos trabalhos de v. ex.ª em Africa, na exploração de Benguella ás terras de Iacca e amparando-me a elles no presente livro, peço licença a v. ex.ª para consignar n'esta pagina o testemunho do meu profundo respeito; e que ella sirva para prestar a tão arrojado explorador, um tributo de sincera homenagem.

Leiria, janeiro de 1890

Albino Estevão Victoria Pereira.



AO EX.^mo SNR.

Serpa Pinto

Tendo o meu humilde trabalho, entre os mais humildes, apenas o fim de fazer conhecida do maior numero de leitores, essa Africa que tão gloriosamente foi atravessada por v. ex.ª de oeste a leste, e seguindo eu algumas vezes as pegadas de tão illustre viajante, não posso, nem devo deixar de patentear aqui a minha admiração por tão temeraria travessia, devendo o nome de v. ex.ª junto ao de Capello, Ivens, Cardoso, Carvalho, Gamito, e de todos aquelles que, com a sua indomita coragem, e á custa da sua saude, e ás vezes da vida, rasgaram algumas das malhas do veu mysterioso que cobre o continente negro, ser escripto, com caracteres d'ouro, nas paginas da historia.

Leiria, janeiro de 1890.

Albino Estevão Victoria Pereira





Ao Leitor

Julio Verne esse portentoso talento que d'um ponto conhecido nos guinda até ao infinito, até ao maravilhoso do impossivel, que incarna os seus personagens nos vultos dos grandes homens, taes como: Barth, Burton, Speeke, Grant, Henglin, Muzinger, Sebastião Cabot, Nordenskiold, Jonh Wood, Henry Hudson, Barentz, Edison, Ponton Amecourt, Nadar, Krebs, Renard, Cok, etc., etc.

Que com a chimica, com a physica, com a botanica, com a mineralogia, com a geologia, com a astronomia, com a geographia, com a meteorologia, com a mechanica, com a balistica, com a hydrographia, com a metallurgia, com todas as sciencias e com todas as artes conhecidas manejadas pela sua habil mão, nos extasia, instrue e arrebata ao ler as paginas d'ouro dos seus livros scientificos.

Que em fraternal convivio com Arago, Foucanl, Quatrefages, Petermann, Faraday, Humboldt, Henry Saint Claire, Milne-Edwards, Barthelot, José Bertrand, Cuvier, Lacépède, Linneo, Homero, Xenophonte, Rabelais, Victor Hugo, Michelet, George Sand, Raphael, Murillo, Velasquez, Corregio, Ticiano, Vinci, Veronése, Holbein, Rubens, Vernet, Prondhom, Decamp, Delacroise, Troyon, Rossini, Mozart, Haydn, Wagner, Beethoven, Weber, Mayerbeer, Auber, Gounod, vôa com essas azas prodigiosas d'aguia, com que a natureza o dotou, ás regiões ethereas do desconhecido, e com a sua vista de lynce desce ás profundezas dos mares e atravessa o centro da terra!

Com a força do seu poder omnipotente os seus personagens são dotados d'uma dupla organisação e tanto vivem nas regiões hyperboreas, como na zona torrida; tanto vivem n'uma atmosphera do mais puro oxigenio, como n'um ambiente carregado d'hydrogenio e gazes mephyticos.

Só este talento privilegiado pode escrever assim e só a França se pode ufanar de possuir tal homem.

Eu o mais infimo dos seus admiradores julgando-me inspirado um tanto na leitura das suas grandes obras e nas lições do seu methodo, procurei fazer alguma coisa portugueza que instruisse os menos lidos nos nossos acontecimentos patrios d'alem-mar, seguindo passo a passo Capello, Ivens, Serpa Pinto, Cardoso, Lacerda Monteiro, Gamito, Silva Porto, Carvalho, Simeão d'Oliveira e alguns celebres exploradores estrangeiros, e (declaro bem alto para que me não chamem plagiario) procurei com um pouco de phantasia, mas *phantasia* que julgo realisavel, mostrar um tanto o que é esse

grande continente negro, e esse colossal imperio africano que em parte de direito nos pertence, como herança honrosa dos nossos maiores, e como a opulencia e o poderio que d'ali emanar fará renascer esta nação heroica, se um dia houver os meios sufficientes para a sua exploração, e a boa vontade indispensavel para essa empreza, que tanto urge.





CAPITULO I

A boa nova

DIRECÇÃO GERAL DOS CORREIOS, TELEGRAPHOS E PHAROES

Estação d *e Villa Real de Traz-os-Montes*

Telegramma de recepção n.º *187*

Data da re. *23* **de** *12* **de 188**..	**Registado por** *Silva*
Linha do trajecto *Porto*	**Expedido ás** *9* h *2* m **por** »
Estação *Lisboa*	OBSERVAÇÕES
Hora do entendido *8-57 t.*	
Recebido por *Silva*	

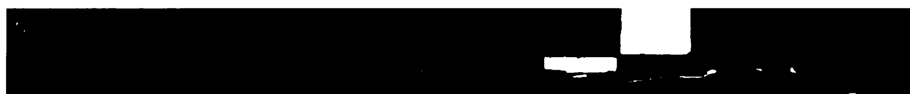
ℒ	*Villa Real Traz-os-Montes* **d** *Lisboa* **N.º** *345*
	p.s **taxadas** *22* **p.**s **gr.**s **Em** *23* **ás** *3-24 t.*

Fronteira **Via**

Doutor Arthur de Magalhães Villa Real Traz-os-Montes. Urgente. 1493 quatrocentos cincoenta contos. Parabens. Nossa casa rebate.

Fonseca

MODELO N.º 72 — Emp. Typ.—Marinha Grande



CAPITULO I

A boa nova

DIRECÇÃO GERAL DOS CORREIOS, TELEGRAPHOS E PHAROES

Estação de *Villa Real de Traz-os-Montes*

Telegramma de recepção n.º 187

Data da re. 23 **de** 12 **de 188**	**Registado por** *Silva*
Linha do trajecto *Porto*	**Expedido ás** 9 h 2 m **por**
Estação *Lisboa*	OBSERVAÇÕES
Hora do entendido 8-57 *t.*	
Recebido por *Silva*	

Villa Real Traz-os-Montes **d** *Lisboa* **N.º** 345

p.^s taxadas 22 **p.^s** **gr.^s** **Em** 23 **ás** 3-24 *t.*

Fronteira **Via**

Doutor Arthur de Magalhães Villa Real Traz-os-Montes. Urgente. 1453 quatrocentos cincoenta contos. Parabens. Nossa casa rebate.

Fonseca

MODELO N.º 73 — Emp. Typ.—Marinha Grande

Este telegramma expedido de Lisboa ás tres horas e vinte e quatro minutos da tarde do dia 23 de dezembro de 188... pela muito acreditada casa de cambio da rua do Arsenal, do commendador Antonio Ignacio da Fonseca, foi recebido pelo seu destinatario em Villa Real de Traz os Montes, ás nove horas e cinco minutos da noite, o que não abona muito os telegraphos nacionaes.

O empregado já tinha arrumado a meza do trabalho, accendido um cigarro, e dispunha-se a pôr o commutador com a terra.

De repente a campainha do despertador chama com a violencia e intimativa de quem vem apressado para cousa de grande monta.

O empregado de má vontade e resmungando, lá foi dando o signal de *entendido*.

Os *pontos* e os *traços*, invenção do grande Morse, registaram a feliz noticia!

O telegraphista como era amigo d'Arthur de Magalhães, apressado metteu o telegramma no bolso e foi elle proprio dar-lhe a boa nova.

Este empregado, homem de tino, e sabendo que ha alegrias que matam, noticias fataes que embranquecem os cabellos, não quiz dar a novidade de chofre, e com boas palavras foi dispondo Arthur, dizendo-lhe que o seu bilhete estava premiado.

O que o dr. não suppunha, era que esse premio, fosse realmente o maior da loteria hespanhola.

Arthur era rapaz da epoca, talento privilegiado, tinha apenas vinte e cinco annos, e já obtivera a carta de medicina pela escola de Lisboa, e se ainda não tinha clinica certa, não lhe faltaria no futuro.

Quatrocentos e cincoenta contos porem, cahidos as-

sim das nuvens, sempre produzem uma *sensaçãosita*, ainda no mais estoico philosopho.

Arthur leu o telegramma, ficou aturdido um momento, e sahindo d'aquelle attonismo abraçou o empregado, agradecendo-lhe penhorado, a boa nova que lhe trouxe, pedio-lhe que acceitasse o seu relogio, como lembrança d'aquelle dia.

Depois de felicitado pelos amigos, da terra que o vio nascer, partio para o *Peso da Regua*, onde tomou o comboio para Lisboa, afim d'ir receber o seu thesouro inesperado.

No trajecto tinha vontade de mostrar a toda a gente, aquelle *sublime pedacito* de papel, que representava uma fortuna!

A locomotiva não andava com a velocidade que o dr. desejava!

Parava nas estações! Recebia passageiros e outros apeavam-se! Tomava agua, e fornecia-se de carvão! Alojava mercadorias no seu seio e alijava outras!

Como todas estas demoras magoavam e irritavam o apressado Arthur!

Quanto não daria elle pára já estar no anno tres mil, e fazer aquella viagem dentro do celebre *obuz?*

Finalmente o comboio chegou a Lisboa, e Arthur tomando um trem, foi logo direito á casa Fonseca, rebater o *papelito*, que elle tinha tanto medo se lhe desencaminhasse.

O bom do commendador, honra lhe seja feita, estava deveras satisfeito em ter *dado* a sorte a um freguez, contou o dinheiro, com o competente cambio, já se vê, e foi acompanhar o dr. até ao trem com os mais profundos *salamaleks*, protestando-lhe a sua estima e

consideração, e fazendo-lhe as zumbaias do estylo.

Arthur não poude conciliar o somno em toda a noite, milhares de projectos lhe passavam rapidos pela mente, sem se deter em nenhum, todavia perseguia-o continuamente a idea de ver essa Africa tão fallada, e visitada por Claperton, Caillé, Combes, Tamisier, Ricardson, Overweg, Barth, Anderson, Spek, Borton, Grant, Baker, Nachtigal, Stanley, Cameron, Livingston, Lacerda, Monteiro, Schweinfurth, Brazza, Gamito, Silva Porto, e ultimamente pelos illustres exploradores Capello e Ivens, Serpa Pinto, Carvalho, Cardoso e Simião d'Oliveira.

O mappa d'Africa apparecia-lhe em lettras scintilantes de rubis, os seus sertões desconhecidos attrahiam-n'o como o magnete ao ferro, e os perigos descriptos por tantos viajantes, retemperavam-lhe a sua coragem indomita.

O sangue do seu antepassado Fernão de Magalhães (a) corria-lhe nas veias, e esse heroe indicava-lhe do tumulo, que o melhor emprego que poderia dar a uma fortuna tão inesperadamente adquirida, seria illustrando o seu nome com grandes emprehendimentos; e se já não tinha um estreito para descobrir, um novo caminho da India a encontrar, tinha comtudo uma grande área da Africa central para exercer a sua actividade, devassando os seus mysterios.

Muitos dos amigos do dr. tendo conhecimento da sua grande fortuna, correram solicitos a dar-lhe pa-

(a) Que nos desculpem o ex.mo sr. dr. Alexandre Manuel Alves Pereira d'Aragão, e os seus descendentes — os unicos representantes da casa de «Sabrosa,» do illustre Fernão de Magalhães, o augmentar esta vergontea, á frondosa arvore genealogica de suas ex.as, porem a admiração que temos por Fernão de Magalhães, nos levou a escolher este nome.

rabens e conselhos, desejosos de saber o que elle faria a tanto dinheiro.

Magalhães, com a sua habitual franqueza não occultava o seu grande desejo de viajar n'Africa; e então a maioria d'elles lhe fizeram ver os grandes perigos a que ia expor-se.

Estas pequenas contrariedades aos seus desejos, não o poderam demover do proposito de partir.

Havia apenas um *porem*. Arthur amava com todo o fogo do seu genio ardente, a filha gentil e espirituosa do general Soares d'Albergaria, antigo official d'Africa que ali adquirira uma grande fortuna por herança de sua fallecida esposa.

E se Arthur amava, tambem era correspondido da mesma forma e com a mesma vehemencia; o seu casamento estava somente subordinado a uma liquidação que o doutor tinha ido fazer a Villa Real, quando ali recebeu o feliz telegramma.

Mas querel-o-ia ella acompanhar n'uma viagem perigosa atravez de paizes desconhecidos e selvagens?

Seria mesmo licito sacrificar uma joven e fraca mulher ás ambições desmedidas da sua alma? Expol-a ás febres, á inclemencia do tempo, ás contingencias innumeras d'aquellas paragens?

O dr. pensava que uma expedição organisada com todos os meios, com todas as commodidades que o progresso das artes e das sciencias teem posto á disposição da humanidade, poderia impunemente arrostar com o clima inhospito, os indigenas selvagens, as feras, e os outros perigos.

Baseado nos livros dos exploradores illustres, prover-se-ia de todos os objectos indispensaveis, para tão ar-

dua empreza, que tinham faltado ás outras expedições, e animado d'estes pensamentos, communicou a D. Amelia Soares, sua noiva, os seus futuros projectos.

A formosa filha d'Africa, saudosa do paiz que a viu nascer aonde brincou até aos dez annos, aonde estava a sepultura de sua boa e chorada mãe, exultou com esta resolução, e só o pezar de deixar seu velho pae por algum tempo, a fez hesitar momentaneamente.

O velho general oppoz-se primeiro a esta resolução, mas taes foram os argumentos d'Arthur e tão convincentes, que o levaram a annuir a separar-se da filha, visto o seu estado de saude não lhe permittir acompanhal-os.

Poucos dias em seguida ao casamento começaram os preparativos para a expedição.

A imprensa periodica, sempre avida de noticias, já tinha feito conhecer ao publico os projectos do dr. Arthur de Magalhães, e então começou para elle o primeiro e fastidioso trabalho, o de ser procurado por milhares de pessoas a fazerem-lhe offerecimentos e a ter de abrir e ler cartas de centenas de fornecedores.

Arthur a todos attendia e com esse fino e privilegiado tacto com que a natureza o dotara, tomava apenas os apontamentos que julgava necessario, para depois escolher o que mais lhe conviesse.

Assim encommendou á casa Motola da Suecia, armações de ferro para seis barracas, com dimensões para accommodar vinte homens cada uma, d'um systema d'armar de prompto, e d'umas meias canas, o que tornava a armação muito leve.

A cobertura das barracas foi mandada fazer em uma casa americana, d'um tecido impermeavel de tafetá e cautchouc.

Duas d'estas barracas deveriam ter quatro divisões, para quarto, casa de jantar, sala e gabinete de trabalho, sendo uma d'ellas para Arthur e sua mulher e a outra para o secretario, capellão e commandante da força.

A' mesma casa americana mandou fazer diversos objectos de cautchouc, taes como coberturas para cavallos e camelos, malas, botas, fatos inteiriços similhando escaphandros, alguns barcos, banheiras, copos, bacias, baldes, pratos, terrinas, lençoes, toalhas, colchões e travesseiros d'ar, e muitos outros objectos necessarios ao uso da vida no sertão, e de facil transporte.

Na casa Scott de Glasgow foi mandado construir um pequeno barco a vapor que se dividiria em oito partes perfeitamente transportaveis, e com um apparelho tão sensivel, que a lenha da floresta lhe servisse de motor, podendo transportar bem vinte pessoas, armas, e viveres para oito dias.

Da fabrica Argentina Martins & Bruno, de conservas alimenticias da Praia da Nazareth, foi feita uma encommenda dos excellentes productos que fabríca.

Da casa Martins do Chiado, Lisboa, foi levado tudo que ali havia de melhor, para o uso do pessoal superior, calculado para dois annos.

A confeitaria Ultramarina encarregou-se de mandar encaixotar e soldar hermeticamente cem caixas com latas diversas de chá, café, assucar, hortaliças, farinhas, manteiga, e outros generos da especialidade de tão bem montado estabelecimento.

Um primoroso forno de campanha para poder cozer quatorze litros de farinha d'uma só vez, um moinho que a mais ligeira brisa fazia mover e uma cosinha

americana, mandou fabricar nas officinas da Companhia de Preserverança.

Á casa Leard de Liverpool foi encommendada uma ponte d'arame de especial construcção, assente em boias de cautchouc cheias d'ar, e de facil lançamento, para que quatro ou seis homens a podessem desdobrar e prender ás margens de qualquer rio.

Os apparelhos electricos para produzirem a luz, foram encommendados a Edison de Nova-York.

A companhia portugueza d'electricidade tambem forneceria um pequeno apparelho, que alem de muito portatil, produzia uma boa luz para uma só barraca.

Mr. d'Homy, engenheiro francez, residente em Londres, offereceu um apparelho de sua invenção, apenas d'um metro de comprido e de cicoenta centimetros de largo, que somente por meio d'uma bateria electrica, produzia uma luz da força de cem vellas.

Sessenta armas de repetição de 8.^{m} e dez mil cartuchos, foram offerecidas ao dr., pelo governo portuguez.

Duas metralhadoras Hiran Maxim, foram pedidas para a Austria.

Uma botica portatil, foi cuidadosamente organisada pelos Azevedos da Praça de D. Pedro de Lisboa, com preparados dosimetricos de Burggraeve.

O calçado grosso foi feito debaixo das vistas da caza Stlpflug da rua do Alecrim.

O fato para toda a expedição, composto d'um tecido especial, consistente e confortavel, foi incumbido á casa Nunes Corrêa e C.^{a}.

O Bello da Praça de D. Pedro, encarregou-se dos capacetes.

Um explendido carro, de mollas d'aço, com uma tem-

pera apropriada, assentes em cautchouc, e d'um systema completamente novo d'armar e desarmar, foi mandado executar nas officinas do Navarro da Rua Larga de S. Roque.

Já se vê este carro só deveria ser aproveitado em casos que a natureza do terreno o permittisse.

Os instrumentos de precisão, taes como alidades de Peignet, lunetas astronomicas de Cazella e de Bardoú, bussolas circulares de Duchemim, agulhas azimuthaes, sextantes de Cazella e Lorieux, horisontes de mercurio de Secretan, barometros de diversos auctores, pedometros, bussolas, thermometros, pyrometros, hygrometros, pluviometros e anemometros, foram encommendados ao Instituto Industrial deLisboa e á casa Ribeiro da rua do ouro.

Um telegrapho completo de campanha, muito portatil, systema Morse, ampliado por Herman, e com uma forte bateria Leclanché carregada para um anno, foi egualmente encomendado ao Instituto Industrial.

A casa de ferragens Thiago, da Praça de D. Pedro, encarregou-se do fornecimento de machados, pás, serras, serrotes, alviões, picaretas, martellos, e de todos os outros objectos necessarios ao sapador.

Nas ilhas Canarias, foram mandados comprar trinta camelos para transporte, e dez dormedarios para montadas ([a])

(a) Não é caso novo o serem empregados camelos para as communicações do interior, — já em 1840 o Conde de Bomfim, então ministro do ultramar, mandava n'esse sentido ordem ao governador geral d'Angola, n'um officio datado do Paço das Necessidades de 24 de abril de 1840, em que entre muitas cousas dizia: 3.º que se examine se será possivel a mesma communicação entre as duas provincias (Africa oriental e occidental) por meio de camelos ou elephantes.

Em 1839 já tinham sido comprados nas ilhas Canarias,e conduzidos a Loanda seis camelos de carga,que morreram.Em 1844 nova tentativa se fez,sem que desse resultado.

Os celebres *bois cavallos* indigenas, seríam aproveitados, se fossem necessarios.

Da caudelaria do *Dande*, melhoramento fundado pelo governador Antonio de Saldanha da Gama (conde de Porto Santo ([a]) e das manadas do Bengo, onde ha bons cavallos, fortes, sobrios e capazes de grandes marchas, poz o governo ao dispor do dr. os que necessitasse.

Para o tiro da sua carruagem, fez-lhe o sogro presente de duas parelhas de puro sangue normando que tinham feito a admiração dos entendidos no *sport* lisbonense.

Revolvers, espingardas caçadeiras, facas de matto, buzinas de caça, cartuchos com chumbo, e com balas explosivas, encarregou-se a casa Himberton, da rua do ouro, do seu fornecimento.

Todos os outros objectos para permutações no interior, foram encommendados ás fabricas de maior nomeada.

As encommendas feitas no estrangeiro, deviam estar satisfeitas e completamente acondicionadas em Benguella no dia 1.º d'abril de 188...

O dr. tencionava seguir um tanto o itinerario de Capello e Ivens, ou o de Serpa Pinto na expedição de 1877, reservando-se irradiar para outro qualquer ponto, conforme as conveniencias d'occasião.

(a) Infelizmente não houve quem secundasse as ideas e os esforços do illustre governador.

CAPITULO II

No Tejo

Era um formoso animal!

Tinha a cabeça larga, soberba, imponente. Os olhos fallavam essa linguagem muda que levou Byron a dizer:

«Mais vale muda expressão;
«Os labios mentem, os olhos não»

A alma, essa alma que o naturalista Scheitlin encontrou nos animaes de fina raça, tão especialisada por Lenz, transparecia-lhe ora n'esse olhar suave, meigo e grato com que retribuía as caricias de seus donos, ou se inflamava ardentemente quando a abnegação e o desapego da sua existencia o levavam á lucta temerosa com o mar embravecido, com a torrente caudalosa, d'onde sempre sahia incolume e vencedor, depois d'arrancar das garras da morte algum ente humano.

As orelhas, de mediana grandeza, cahiam-lhe em airosos bandós aos lados do focinho, um tanto grosso, que um sorriso constante e alegre animava, deixando ver duas ordens de dentes.

O barco, completamente aberto tinha capacidade para seis pessoas, armas e munições de bocca para trez dias.

Por aqui se verá a impaciencia com que Arthur olhava para o mostrador do relogio do seu toilette, parecendo-lhe que os ponteiros caminhavam vagarosamente, e que n'aquella manhã não marcavam 10 $^1/_2$, hora a que tinha combinado sahir para estar ás 11 em ponto na Praça do Commercio, afim de embarcar na sua elegante guiga que tinha sido baptizada com o nome querido de «Amelia». O povo de Lisboa, sempre prompto a correr ás grandes novidades, lá estava apinhado, disputando lugares até para alem d'Alcantara; e, aquelles que poderam alcançar um barco por alto preço para ver a experiencia mais de perto, julgavam-se uns felizes, e olhavam com alguma ironia para os que ficavam em terra.

Ás onze em ponto, Arthur, sua esposa, o relojoeiro inventor da machina e o seu fiel Zaino largavam da amarração a bordo da guiga «Amelia» com a proa á *Fonte da Pipa*.

Ia luctar contra as celebres «bailadeiras» e tentar vencel-as.

A maré estava n'este momento na maior força da praia mar, e as aguas vivas n'aquella lua eram de respeito para barqueiros encanecidos na travessia do Tejo.

A «Amelia» deslisou rapidamente sobre as aguas do rio como a andorinha de vôo poderoso. Só se via os quatro bustos da sua arrojada tripulação, e a bandeira portugueza desfraldada ao vento, parecendo que tudo emergia do seio das aguas!

Bravos repetidos saudavam a passagem d'aquelle meteoro.

A luz solar reflectindo-se nas delgadas e polidas amuradas do barquinho, fazia sair d'ellas chispas luminosas.

A velocidade era tal, que com propriedade se lhe podia chamar meteoro; não havia barco algum a vapor capaz de o acompanhar.

Chegou ao sitio onde a corrente tinha uma rapidez considerada, até ali invencivel pelos barcos de remos ou de vela. A «Amelia» empregou toda a sua força motriz; as poderosas cordas dos seus cylindros obedeceram á vontade do constructor, e o barquinho cortou as aguas com uma velocidade maxima de 60 kilometros por hora (36 milhas)!

Navegou assim até defronte da «Cova da Piedade» onde, virando de bordo aproou á Praça do Commercio.

Foi então que se poude avaliar toda a sua velocidade, fazia 80 kilometros por hora!

Era menor 57 kilometros que a da locomotiva do Trenlou a Jersey.

O barquinho fez varias evoluções, escorregando-se como uma sylphide por entre os centenares de navios de grande e pequeno lote, que estavam ancorados no porto, dando uma prova da docilidade com que obedecia ao leme.

Já Arthur se dispunha a voltar a terra, quando um accidente inesperado o fez parar subitamente.

— De bordo d'um barco catraeiro dois homens pediam soccorro para um individuo que se tinha deitado ou cahira ao rio.

Os pobres homens não ousavam lançar-se á corrente impetuosa, porque nenhum d'elles sabia nadar.

A um signal de Arthur «Zaino» lançou-se ao rio e mergulhou na profundidade das aguas.

De bordo do couraçado Vasco da Gama largou im-

mediatamente um escaler tripulado por dez valentes marinheiros, como são os nossos, promptos todos a arriscar a propria vida pela vida d'um seu similhante.

Felizmente não foi necessaria esta intervenção, e a algumas braças mais abaixo do sitio do sinistro, appareceu «Zaino» nadando com toda a força herculea das suas patas, trazendo fisgado nas presas, o corpo inanimado d'um homem.

O escaler do Vasco da Gama recebeu o salvado e o salvador, e *de conserva* com a guiga navegaram para bordo do couraçado, onde foram prestados todos o soccorros ao suicida.

Já se lhe pode dar este nome, porque os barqueiros tinham declarado, com aquelle tom rude e franco do homem do mar que não deixa duvidas no espirito do juiz mais exigente:

Contavam elles, que estando á espera de freguez no «Caes das columnas» onde é a sua amarração, viram um individuo bem vestido dirigir-se para ali.

Immediatamente lhe offereceram os seus serviços, ajustando com elle dar-lhes meia libra para o levarem a ver a experiencia do barco «que havia de navegar sem vela, nem remos, nem vapor.»

O freguez não regateara, e socegadamente entrou para o barco, um valente barco, «que era mesmo novo em folha.» Tudo correra perfeitamente e cousa alguma fazia suppor aquelle desenlace.

Minutos antes da catastrophe, o freguez levantara-se da ré, onde se assentara quando embarcou; tirou meia libra da bolsa, e dando-a a um d'elles, dissera: «Tenham paciencia por não lhes dar para uma pinga, porque não trago mais dinheiro; mas guardem este bilhete (dera-lhes

um bilhete em que esteve escrevendo,) e quando alguma vez passarem por minha casa, os gratificarei melhor.»

Elles agradeceram, guardaram o bilhete e não prestaram mais attenção ao caso.

Então o freguez passou para a proa, onde elles o não viam bem, por causa da posição de remar.

Ouviram um — «Adeus amigos!» e o desgraçado precipitara-se ao rio, mesmo no sitio onde a corrente ia com mais força, sem que elles tivessem tempo de o impedir.

Era tudo quanto sabiam, e que declararam ao official de serviço do couraçado, entregando-lhe um bilhete de visita, em que se via um titulo nobiliario encimado por uma corôa de marquez e escripto a lapis.

O official leu:

«Attrahido por esta corrente vertiginosa, vou lançar-
«me a ella, e assim porei termo á minha vil e desgra-
«çada existencia.»

«Sou christão, que Deus me perdôe. Marquez de...»

Entretanto, á força de fricções e de cuidados empregados em casos taes, o suicida ia, a pouco e pouco, voltando a si.

Parecia acordar d'um somno profundo em que um sonho mau lhe tivesse entorpecido as suas faculdades intellectuaes.

Felizmente para elle, Arthur era medico, e com alguns cordeaes que lhe applicou e que sempre existem nas boticas de bordo, o marquez de... dentro em pouco estava completamente senhor de si.

O official emprestou-lhe o fato á paizana que tinha a bordo,e um escaler foi leval-o a terra, acompanhando o do dr..

A noticia d'este acontecimento correu entre a multi-

dão com a velocidade com que se transmittem as más e as boas novas.

Arthur, o seu cão e os seus companheiros, enthusiasmando os circumstantes, receberam ao desembarcar ruidosas salvas de palmas.

Tinha sido um bello dia aquelle!

As esperiencias da guiga excederam a expectativa de todos. «Zaino» salvara uma vida humana, um dos rapazes mais conhecidos de Lisboa e do *sport*.

Devia estar satisfeito o amor proprio do dr.; mas Arthur apenas antevia no que se tinha passado, um feliz agouro para o emprehendimento dos seus trabalhos futuros.

A massa do povo e as camadas illustradas da população de Lisboa que assistiram ás experiencias, retiraram-se satisfeitas; e houve quem dissesse (referindo-se ao barco:) «Aquillo pareciam trez pessoas e um cão «mergulhados até aos hombros n'uma facha de luz, cor«rendo vertiginosamente uns atraz dos outros, conser«vando sempre a mesma distancia entre si, sem nunca «se poderem alcançar.

— E a imagem era exacta.

O dr., sua esposa e o habil artista, para fugirem ao enthusiasmo da multidão, metteram-se no primeiro trem de praça que appareceu, e convidando o Marquez de... a acompanhal-os, mandaram seguir para casa.

O Marquez obedecera machinalmente, e mesmo parecia que sem saber o que fazia.

Desde o choque physico que tinha recebido e do abalo moral por que passara, ficou sem vontade propria, e o dr. receava um tanto pelas suas faculdades intellectuaes.

Foi por isso que, apenas chegou a casa, o seu primeiro cuidado foi aconselhar repouso completo ao seu hospede, administrando-lhe um leve narcotico e retirando-se de junto d'elle, depois de se certificar que dormia bem e com a respiração regular.

Não lhe fizera a mais insignificante pergunta, o que não é de estranhar, conhecida a delicadeza do dr.

Esperava que o Marquez se declarasse, se não tivesse fortes motivos para se calar.

D. Amelia, apesar de arder em curiosidade de saber as razões que levaram um rapaz de pouco mais de trinta annos, com um bonito nome, boa figura e reputação no *Sport*, a attentar contra a existencia, tambem nada inquiriu de seu marido, esperando que este se explicasse quando entendesse.

O dia tão bem principiado, devia continuar da mesma forma, e Arthur já anteriormente havia feito convite a alguns amigos e familias para jantar.

A hora aprasada era ás sete.

O dr. depois de deixar dormir o seu hospede pelo espaço de quatro horas, foi ver como este estava.

De mansinho e com todo o cuidado entrou no quarto do Marquez, mas apesar de toda a cautella, a porta ao abrir-se rangeu levemente nos gonzos, e a este tenue ruido, o Marquez descerrou as palpebras e reconhecendo Arthur, fallou-lhe.

O dr. certificou-se de que o seu doente estava completamente bom, e o somno reparador de quatro horas lhe restituira toda a sua força physica e moral.

O Marquez é que estava um pouco embaraçado; e o dr. conhecendo isso tratou logo de o pôr á vontade, indo buscar fato seu e quasi ajudando-o a vestir.

O Marquez, vendo tanto carinho e solicitude da parte do dono da casa, estava commovido, e dentro da sua alma travava-se um combate entre o resto do seu orgulho e o dever.

Por fim, o Marquez dirigiu-se ao dr., e disse-lhe:

«Meu caro doutor — Não devo nem posso por mais «tempo deixal-o em duvidas a meu respeito; e seria o «maior dos ingratos se o não fizesse...»

Por quem é, Marquez, deixe de apoquentar se. É de de suppor que um grande motivo o levasse a... querer tomar um banho; porem eu não quero saber d'isso

Precisa de mim, precisa de dinheiro, diga; estou ao seu dispor.

«Preciso de tudo, meu amigo, e ainda mais da sua «amizade para retemperar esta minha alma angustiada «pelas desillusões do mundo, e é por isso que lhe peço «me ouça e que me ajude a sahir d'este passo difficil.



CAPITULO III

Confissão e Arrependimento

O dr.e o marquez assentaram-se um em frente do outro.

— Saiba meu amigo que tenho soffrido muito. principiou o marquez, e que ha tempo trago afivelada na cara a mascara mais odiosa que um caracter como o meu, pode supportar.

O meu fato de *dandy* do Chiado, de *gentleman* nas corridas e de janota das ruas, é um costume de polichinello.

Para ostentar um luxo balofo, para hombrear com esses ainda predestinados da sorte e com outros que se enfeitam com ouropeis ou se adornam com joias de pechisbeque e diamantes de pyrilampo, desci degrau a degrau a escada, que do fastigio da opulencia e das honras, vae até á miseria sordida, commetti as acções mais vis, que devem fazer estremecer no tumulo os meus gloriosos e honrados antepassados, enlameei-me com a lama dos atoleiros aonde chafurdei!

Afoguei a alma na orgia das pocilgas mais immundas

de Lisboa, para não ouvir a voz da consciencia que ás vezes queria soltar-se debaixo do entulho com que a esmagava continuamente.

A's vezes tinha horror de mim mesmo!

Uma ceia que eu alegremente partilhava no *Augusto* ou no *Silva* em companhia de elegantes rapazes, tinha custado a fome e a miseria todo um mez á infeliz familia d'algum funccionario publico, ou pobre artista!

O meu coração bom revoltava-se contra isto. As fingidas exigencias sociaes e as leis que eu creara para meu uso, obrigaram-me a continuar na senda do labyrinto em que me mettera.

O jogo e os prazeres tinham-me arruinado — O jogo e os prazeres sustentavam-me!

Não incommodarei muito o sr. dr., serei o menos prolixo possivel, e passarei até em claro a maior parte da minha vida, que não vem a proposito agora, e depois me dirá se não seria melhor que o seu valente *terra-nova* me deixasse mais uns minutos no fundo do rio; d'ali iria dar á costa em qualquer praia, e a valla d'um cemiterio serviria d'epilogo á existencia do marquez de..., e uma tôsca cruz de madeira com um numero, marcaria o logar onde repousava o ultimo dos descendentes de...de quem os feitos gloriosos a historia aponta!

O marquez tinha lagrimas na voz, e o dr. estava deveras impressionado com a sinceridade d'aquella confissão.

Meu amigo, disse Arthur, vejo que tem sido desgraçado, mas a obrigação do homem forte é arrostar os perigos, combatel-os corajosamente, e quando o não faz ao primeiro impulso do coração, tem sempre tempo de arrepender-se e de mudar de caminho.

A actividade humana abriu por tal fórma os diques

ao trabalho, que não ha ninguem, pobre ou rico, fidalgo ou plebeu, sabio ou ignorante, moço ou velho, que não possa honradamente tomar, sem desdouro e conforme as suas aptidões, lugar no certamen do progresso sem ter que curvar a fronte pelo remorso, nem escondel-a da multidão que o cerca.

— Tem razão, meu caro dr., e as suas palavras rasgam-me a penumbra dos horisontes do porvir.

Tres vezes fui cobarde, — cobarde quando me entreguei de mãos e pés atados aos conselhos de falsos amigos *que não eram mais do que companheiros*, e duplamente cobarde quando me lancei á corrente sem procurar rehabilitar-me a meus proprios olhos.

— Conte comigo, meu caro marquez, como se fossemos antigos conhecidos.

— Acceitarei os seus offerecimentos depois d'informar v. ex.ª da minha vida, e depois de desabafar n'um peito leal as angustias que me tem torturado, e se me dá licença, continuarei:

Como sabe, sou o marquez de...; o meu titulo é bem antigo, e por isso bem conhecido.

Chamo-me D. João de... nome por que peço me trate de futuro, o marquez de...vae desapparecr, e só resurgirá honrado pelo trabalho, senão succumbir na lucta.

Sou o ultimo dos varões da minha casa.

Fiquei bem pequeno quando meus paes falleceram na epidemia de 1857.

Um tutor nomeado pelo juiz, e uma creada, foram quem se encarregou da minha primeira educação.

Aos dezoito annos emancipei-me, porque os rapazes que me acompanhavam nas touradas de curiosos em que

picava a cavallo, e nas caçadas que faziamos no Alemtejo e Ribatejo, a isso me aconselhavam.

Foi aqui que principiei a jogar.

Era certo que, antes e depois dos jantares, e emquanto se não ia para a lide, apparecia sempre algum baralho de cartas, vindo não se sabia d'onde, e tambem quem estendesse negligentemente algumas moedas de ouro diante de si, e logo por encanto os companheiros o cercavam.

O ouro e as notas de banco sahiam das nossas carteiras, e eram ali despejados.

Não havia que recear com amigos a falta de dinheiro, quem ganhava, emprestava aos outros menos favorecidos da sorte.

Eu era sempre d'estes ultimos. Notava porem que o banqueiro ganhava a maior parte das vezes.

Esta vida facil, repartida entre os jogos, as orgias, as touradas, as caçadas, os bailes, o theatro e as praias, passava-se rapida como o vôo da ave.

O meu mordomo advertia-me ás vezes, que a minha casa estava seriamente compromettida, e que era necessario mudar d'habitos.

Recebi sempre estas leaes admoestações fazendo um bocejo d'enfado e acabando por pedir-lhe mais dinheiro.

O pobre do homem tanto se amofinou com os meus negocios, e tanto trabalhou por mim, que uma phtysica gallopante o chamou a dar contas a Deus, já que eu não queria tomar-lh'as.

Deixou na miseria viuva e quatro filhos, e eu movido, talvez mais pela ostentação do que pela philantropia, quiz assegurar o futuro d'aquella honrada gente.

Parti para o Alemtejo, mas quando quiz dinheiro, só

encontrei as arcas, os celeiros e as adegas despejadas! —Foi então que fui ver o livro da casa.

As minhas extravagancias tinham absorvido os rendimentos todos, os dos trez annos seguintes, e até os salarios de cinco annos do meu pobre mordomo!

Desesperei-me comigo mesmo, e em um impeto d'orgulho ou de vergonha, vendi uma das minhas propriedades — dei áquella familia o que lhe devia e entreguei-lhe por meio de uma escriptura uma pequena propriedade em Arrayollos, para elles viverem.

Pensei seriamente no futuro.

Paguei as dividas e fiz-me lavrador.

Aquella vida monotona,insipida e uniforme não se tinha feito para o meu organismo — eu precisava do movimento das massas que embatem, dos echos estridentes da orgia, da confusão das multidões, do vozear infrene, unisono e alegre das ruas.

A luz coada dos *abat-jours* dos cafés, o ar saturado de carboneo e gazes mephiticos das grandes cidades, eram para mim a vida.

O ambiente puro dos campos, dos bosques e das serras, parecia estragar-me os pulmões com o seu oxigeneo impregnado de aromas balsamicos.

A luz radiante e vivificante que innunda as aldeias desde o nascer até ao accaso do sol, feria-me a retina, cegava-me.

Poucos dos meus companheiros de Lisboa me visitavam — estava longe e elles não deixavam os prazeres. quotidianos, só pela minha pessoa.

N'uma *ferra* de novilhos que necessitava fazer convidei os meus amigos.

Tratava-se d'um divertimento que todo o *rapaz* de

sangue prefere a todos os outros — nenhum faltou, e alguns trouxeram outros rapazes, o que lhes agradeci.

No numero dos apresentados vinha um tal Silva B... que me foi dito ser um valente rapaz, rico e *grand vivant!*

Tinha maneiras insinuantes, galantes até, boa *verve*, e ditos apimentados para tudo, e realmente estava á vontade com todos, mesmo com aquelles que via pela primeira vez.

Como sabe, na nossa sociedade de rapazes ninguem, está a perguntar, como as senhoras da aldeia, d'onde veiu fulano e para onde vae, o caso é saber-se que está, que tem dinheiro, que se apresenta bem e que é bom conviva.

O Silva agradou-me — quando mais, elle procurava agradar-me com as solicitudes d'amigo velho e conhecedor dos meus desejos.

Depois da ferra jantou-se.

Era-mos quarenta e tantos á meza.

Depois de jantar e sufficientemente alegres, de todos os lados pediam em altos berros «*cartas, venham cartas!*»

Eu tinha feito protesto de não jogar, mas não podia impedir aos meus convidados que o fizessem.

Depois das cartas, principiou a discussão sobre quem *faria monte*.

Todos queriam, e nenhum queria.

Só o Silva e eu estavamos calados. Os mais, depois d'uma grande algazarra chegaram-se ao Silva e disseram-lhe; «vae tu fazer monte, que sabes mecher n'isso»

O Silva fez-se rogado e quasi aos empurrões se deixou levar para o logar do centro da meza.

Voltou-se então para mim, e disse-me: «Ó marquez, quer ir feito? »

Não, respondi eu, não posso prender-me esta noite, pois quero receber bem os meus hospedes.

O Silva disse então: «Quem me ajuda a fazer as pagas? »

O rapaz apresentado offereceu-se logo, e assentou-se defronte d'elle.

Só mais tarde, quando iniciado nos grandes mysterios do jogo, é que dei valor a todo aquelle bem preparado misenscene, e recordei todas estas palavras.

O Silva puchou por uma bolsa bem recheada de libras, e voltando-se com negligencia «Quanto querem «hoje? Cincoenta libras chegam-lhes? Em se acabando «o ouro, vamos ás notas de banco»; e como por demais deixou um bocado aberta na meza uma carteira recheada de nottas — que só metteu na algibeira depois de baralhar e *fazer o galho de cima.*

Insisto n'estes pormenores por que foi este Silva que me levou á beira do abysmo, onde depois, com o pé, me precipitou.

O dr. accendeu um charuto de puro Havana, deu outro a D. João, e este continuou: O jogo attingiu logo proporções gigantescas para individuos a maior parte d'elles filhos familias.

O ouro e a prata tiniam em todas as mãos; a ideia de todo o mundo exterior desappareceu completamente do cerebro d'aquelles rapazes.

O Chartreuse, o Cognac, o Madeira, o Porto, o Champagne, o Kermann, o Gin, o Kummel e o Coraçau scintillavam nos copos, em todas as mãos, nas dos felizes que estavam com sorte, para festejar a *Mascotte*, e nas dos que perdiam para lhes dar coragem para os grandes lances e para lhes afugentar a *Macaca.*

Eu, difficilmente resistia á voragem attrahente do jogo, esperava o primeiro incidente que me precipitasse.

O visconde de * * *, que estava perdendo, voltou-se para mim e disse-me: «*Ó aquelle...* dá-me cá dez li«bras para fazer-mos uma *vacca* e levar o Silva á gloria.

Dei as dez libras ao visconde.

Elle pol-as n'uma carta,...ganhou. Poz tudo n'outra, ganhou. Tornou a pôr tudo n'outra e tornou a ganhar.

Então, o visconde voltou-se para mim, e disse-me:

«Olha marquez, eu não as *vi nascer* — tudo de cerco «n'esta dama»

Á terceira carta veiu uma dama! A banca não chegou bem para pagar — dividimos seiscentas e trinta e duas libras.

O Silva sorria-se, e nem um só momento deu a perceber o menor abalo; nem um musculo se contrahiu n'aquelle rosto, que mostrasse o mais insignificante incommodo pela perda d'aquelle dinheiro, que já era d'elle.

Meus senhores, disse: reforço a banca com mais cem libras, para poderem jogar desafogados.

O jogo recomeçou e eu continuei a jogar por minha conta... — Escuso demorar-me mais n'este incidente; quando a manhã principiava a aclarar a casa com um tom azulado e frio, e a luz das velas começava a fazer-se amarella e pequena, eu tinha perdido dez contos de réis em dinheiro e mais dois sob palavra!!!

Em casa e nas algibeiras não tinha senão uns reles cobres! Os convidados retiraram depois de almoço.

Fiquei só e mais aborrecido que nunca, sentia em mim um phrenesi, parecia que um vasto formigueiro me sahia de meu todo.

Mandei chamar o meu novo procurador e ordenei-lhe que me fizesse um corte de cortiça, que vendesse todos os poldros e alguns novilhos, em summa, que me arranjasse quanto dinheiro pudesse.

O patife aproveitou bem as minhas ordens, e fez as vendas depressa, mas só poude apurar cinco contos de réis para mim, porque outros cinco ou mais guardara-os elle para si.

Voltei para Lisboa e paguei os dois contos que devia do jogo, divida que pela mais tola das convicções se chama *divida de honra!*

Dentro em pouco os trez contos restantes tinham desapparecido.

O meu procurador, em vez de dar-me dinheiro, pedia-m'o. As cartas d'elle eram sempre umas geremiadas: Hoje tinham morrido tantos cavallos com mormo; hontem tinha dado a gafa nas ovelhas; outro dia era um boi que tinha morrido d'epizootia, outra vez eram os novilhos que foram levados pela cheia!

As sementeiras não produziam,as chuvas tinham innundado os campos, não havia sol, outras vezes sol de mais.

Os pardaes comiam o trigo nas eiras, os estorninhos as azeitonas nas oliveiras.

O oidium, a lagarta, o pulgão e o phyloxera levava-me as vinhas. O vinho voltava-se, a caldeira da distillação rebentava.

As contas de concertos eram fabulosas, na minha casa tudo se quebrava — eram carros, arados, charruas, aravessas, grades, trilhos, tudo, tudo estava podre!

Como vê, isto não podia continuar assim.

Primeiro, hypothequei para fazer face ás despezas, depois vendi para fazer face aos juros!

E uma vez mettido no enredo da agiotagem, e nos meandros escabrosos do jogo, forçoso foi ficar sem a pelle!

Andava triste, apoquentado, desvairado, estolido, mas só comigo mesmo é que podia desabafar, e desabafo tão opprimido que tinha de o esconder no mais recondito do meu coração, nas profundezas da minha alma, para apparecer em publico com o riso cynico dos *felizes!*

O que eu mais temia, era que a sociedade em que vivia me voltasse as costas por já não ter dinheiro!

Não pensava na fome, na miseria e em todos os horrores do seu cortejo, não! Pensava só que no futuro deixaria de ser cortejado da Casa Havaneza, quando passasse ao Chiado, que no theatro, mais nenhum binoculo se assestaria para mim, a não ser por compaixão. O meu fato deixaria de ser do *Keil;* as minhas botas do *stlpflug*, e os meus chapeos, as minhas bengalas, as minhas gravatas e os meus mil nadas deixariam de vir directamente de Paris.

Não era o não ter nenhum d'estes objectos que me enchia de desalento, era não poder ostental-os ao pé dos meus amigos e das minhas amantes.

E depois, o que havia eu de fazer? O que sabia fazer?

Montar menos mal, guiar um carro, picar a cavallo, comer, dormir e divertir-me.

Não sabia mais coisa alguma.

Aprendera um bocado de francez, de latim, de geographia, de mathematica, de sciencias naturaes, quando estive no collegio; mas de que me servia isso agora?

O Marquez de... havia d'ir tornar-se em amanuense de qualquer repartição publica, com cinco tos-

tões por dia, sujeito ainda aos competentes descontos?

Havia d'ir para qualquer lugar insignificante da Alfandega?

Havia de ser caixeiro d'alguma loja de modas, moço d'algum padeiro, ou vender cautellas ou senhas de theatro?

Ha nos preconceitos sociaes da nobreza tal horror a certos mesteres da vida, que aquelles que uma vez se viram guindados ao mais alto fastigio da grandeza humana pelo seu nascimento, preferem todos os meios para se sustentarem n'aquella altura a curvarem-se vencidos e a passar hombro a hombro com os que salpicaram com a lama dos seus carros, ou com as patas dos seus cavallos de passeio.

E, quando teem de despenhar-se, preferem cahir para sempre, cahir na eternidade!

Era o que eu tencionava fazer.

No dia em que a minha ultima nota desapparecesse, e a ultima garrafa de champagne se despejasse, apoiaria risonho o cano do meu melhor rewolver no coração, e n'um segundo passaria a outro mundo, aonde todos são eguaes e aonde os fastigios do poder e do dinheiro desapparecem.

Pensava assim quando o meu creado annunciou o Silva B.

«Sem mais preambulos — disse-me elle — Sei que deves estár bastante atrapalhado, e que não sabes como te has-de ver livre dos credores que te apoquentam.

Vim hoje de proposito para te salvar, e para que continues na vida de rapaz *chic*»

Eu estava pasmado d'aquelle atrevimento, de se metter nos meus negocios, sem o chamar nem lhe ter feito

confidencia alguma; e, com um resto d'orgulho fui-lhe dizendo:

Informaram-te mal, meu amigo, e agradeço-te a tua consideração extemporanea, mas por ora não é necessaria.

«Deixa-te de tolices, marquez.

«O que eu sei, não o sabe por ora toda a gente. Tenho por costume ser um pouco pratico nas minhas cousas, e por curiosidade ou outro motivo qualquer, faço uma recapitulação de tudo que passei durante as ultimas vinte e quatro horas, e tomo nota do que alguns dos meus amigos fazem. Isto tem-me servido d'alguma cousa na realisação dos meus negocios, e por isso vaes ver...»

— E o Silva mostrou-me uma carteira d'apontamentos, onde estavam escripturadas com uma precisão mathematica as notas que eu tinha perdido e ganho ao jogo.

Confesso-lhe, dr., que fiquei pasmado.

O Silva continuou:

«Ora, sendo a tua fortuna de pouco mais de quatro centos contos, deves a esta hora ter um saldo negativo, mettendo em linha de conta as tuas despezas pessoaes e os juros das hypothecas.»

— Com estes dados, tão positivos, não poude deixar de lhe confessar a verdade e a resolução em que estava de acabar com a vida.

«Tolices sobre tolices» — me disse elle.

«Crê que a vida não é cousa que se dê de barato por uma onça de chumbo.

«Escuta-me bem. — Pensas que a maior parte d'esses rapazes enfatuados que andam por ahi a cavallo e

de carro, gastando á larga, teem fortuna propria que os possa trazer assim?

«Enganas-te!« Ha entre elles alguns que o tem podido fazer, como tu, mas, quasi sempre o resultado final é o que te está succedendo a ti agora.

«E' tempo de tirares o juro do dinheiro que tens semeado por essa Lisboa. E agora é boa occasião de colheita.

«O visconde de * * * e o barão de A... acabam de herdar boas fortunas.

Nem menos de trez brazileiros podres de ricos procuram ser admittidos no templo divino da orgia fidalga.

«Eu, como teu amigo, venho propor-te um pacto, uma sociedade ou como queiras chamar-lhe; e fica certo de que nunca mais se te acabará o dinheiro, e se tiveres juizo podes ir desempenhando-te e continuar na vida fidalga do passado. Ha uma differença; até equi eras *pato*, e agora passas a *aguia*. A distincção é toda a favor da metamorphose.

—Realmente, dr., não sabia bem aonde o Silva queria chegar, mas, confesso que n'aquelle estado d'espirito em que estava, fazia um pacto até com o proprio diabo, a troco d'alguns dias mais da existencia facil que até ali tinha levado.

O Silva continuou: —«Fica certo marquez que tens sido altamente comido, e d'uma maneira que tu não o sabes; pois é com a polvora dos teus inimigos que lhes vaes fazer fogo!

«Julgo que pouco dinheiro terás; pois bem, aqui tens seis contos para o principio da campanha.»

Fiquei um pouco admirado de ver assim o Silva dar-

me seis contos, sem mais recibo nem outras formalidades. —Elle que percebeu isso, continuou:
«Deves ter por ahi um cofre seguro?

Tenho, no meu quarto, o cofre á prova de fogo.

«Vaes ensinar-me como se abre e dares-me uma chave e tu ficas com outra.

Como queiras, lhe disse eu; mas não vejo que com esse dinheiro mettido na caixa, possa fazer face aos meus compromissos.

«Dás-me a tua palavra, disse o Silva—que não revelas a ninguem a nossa sociedade, e que fazes o que poderes no bem commum?

— Dou, disse eu, sem ligar grande importancia a este compromisso.

«Pois então, tu vaes fazer tudo o que te vou explicar.

—Sim, disse eu.

«Vaes mandar pôr o teu carro, dás uma volta pela baixa, (eu morava então no Campo Pequeno,) pela *Avenida* e lá me has-de encontrar com os dois, ou com um dos taes brazileiros que te apresentarei.—Tu convida-os a jantar, offerece-lhes o carro, e vê se os trazes para aqui.

Escreve um bilhete de convite para o visconde de *** e barão de..., e para o Antonio Alves, para o Diogo, para o Serpa, para o Victorino, para o Pinto, para o Gastão e para mim. Dize-lhes que podem vir acompanhados das *deidades*, e deixa o caso por minha conta.

Não faças mais convites por hoje, porque estes são só o *casco* que necessitamos;—são uns *pãesinhos* que nos convem.

Mas disse-lhe eu, e depois?

—«Depois do jantar, bebidas fortes e depois... o jogo! E has-de ser tu quem *faz banca.*

Tudo isso é muito bonito; porem por esse systema são seis contos que se vão embora; porque, como sabes, quando pego em cartas sempre perco.

— «D'esta vez não perderás. Vou dar-te umas lições para saberes mexer-lhe.

O Silva então corrigio-me todos os defeitos, e em pouco tempo eu fazia o mesmo que elle e com ligeireza, não deixando ver as cartas, e baralhando bem.

«O jogo tem muitos segredos e é preciso que a gente saiba defender o seu dinheiro, disse elle.— Ha parceiros que só gostam de figuras, outros que só gostam de quinas e a maior parte embirram com os azes.— Chamam-lhes *carecas* e nomes feios.

Pois é preciso que o banqueiro em casos de aperto, já se vê, saiba arranjar azes, e negar figuras quando é necessario.

Dizendo e fazendo, o Silva ia-me ensinando como se collocavam as cartas,como se fingia baralhar não baralhando.

Torno a repetir-lhe, dr., eu estava pasmado d'aquella habilidade, e com franqueza, não sabia bem o que sentia; mas julgo que o pensamento de me vingar d'aquelles que me tinham roubado a fortuna, e a lembrança da miseria em que me achava, fizeram com que não puzesse aquelle patife a pontapés pela porta fora!

Annui a tudo.

Os rapazes vieram e os acontecimentos passaram-se tal qual o Silva previra.

Ao amanhecer já não restava nenhum dos convidados senão o Silva.

Elle contou os ganhos. — Achamos-nos com sete contos e trezentos mil réis!!

O resultado do ganho fez-me calar o resto dos escrupulos que ainda tinha.

E se perdessemos, disse eu?

«És um tolo, marquez, ninguem desconfia de ti; podes por ora fazer o que quizeres, e n'um caso apertado pedes-me para te dar uma *cartada;* e eu com este baralho — e o Silva mostrou-me um baralho que tirou da algibeira puramente egual aos que estavam na meza — salvarei a situação!»

Estava moido e com somno, fui-me deitar.

Mezes decorreram assim, ora em vaccadas, ora em corridas, ora na minha casa, ora n'outras ou na sociedade; e os fundos augmentavam apesar das grandes e fabulosas despesas que faziamos.

Demos balanço um dia, e encontramos de ganho 300:000$000 réis!! e em caixa havia só perto de cem, porque o resto tinha-se gasto em ostentação!

O Silva andava, havia dias, pensativo, e chegava mesmo a não apparecer, — dizia que andava adoentado.

Uma noite, emquanto eu estava em S. Carlos, o Silva foi a minha casa, roubou o dinheiro e desappareceu. — Até hoje, não tive mais noticias d'elle.

Eu, vendo-me sem meios, voltei ao credito, e com o vicio que tinha adquirido de jogar todas as noites, procurei sociedade pelas *batotas* de Lisboa.

Fui primeiro socio do Menezes, no Chiado, e acabei socio do *Gallego*, no Arco do Bandeira. — Passei desde a casa atapetada do rico banqueiro da primeira sociedade, onde só o ouro e as notas do banco tinham

acceitação, até á espelunca immunda do moço de fretes onde o cobre sordido e vil era a moeda corrente!

Desci toda a escala social, deixando em cada pegada a dignidade, o brio, e a honra!

Farto de mim, e enojado do meu ser, fui attrahido pela voragem da corrente, onde repito, melhor fora ter ficado!!

O marquez esgotara com esta sincera confissão, toda a sua energia, e aquelle homem... chorava!!!

O dr. estava commovido, e foi a custo que recuperou o sangue frio.

Bem, D. João, disse elle — Tenha presente esta maxima de um grande escriptor: «O passado nada é, e o futuro em breve se irá juntar a elle!» — O marquez de ... morreu — e a D. João de... offereço-lhe o lugar de meu secretario particular na expedição commercial e scientifica que vou fazer atravez da Africa equatorial.

Acceita?

Acceito de todo o coração, e o amigo dedicado ha de estar sempre junto de v. ex.ª, se for necessario o meu sangue, elle lavará as nodoas do passado; o meu procedimento do futuro será o testemunho do meu arrependimento sincero.

N'esta occasião davam 7 horas, e o dr., D. João e os convidados foram para a meza, onde o marquez foi apresentado como o secretario da expedição.



CAPITULO IV

Partida para Benguella

O acontecimento de sensação na imprensa periodica era a grande viagem de Arthur de Magalhães.

El-rei e o ministerio tinham-se dignado receber o dr.

A nação um pouco envergonhada, dos seus representantes votarem apenas na sessão das camaras de 1877 a proposta do sr. Corvo, d'um subsidio de trinta contos de réis para uma viagem d'exploração Africana, para o que foram escolhidos os illustres srs. Capello — Ivens e Serpa Pinto, collocando aquelles benemeritos cavalheiros em serias difficuldades, porque de mais a mais a expedição foi dividida em duas; andava um pouco cheia d'essa febre d'enthusiasmo, por ver um rapaz tão novo como o dr., dispor de quatrocentos e cincoenta contos, só para se instruir e dar um simples passeio pela Africa, como Arthur lhe chamava; e por isso os elogios e

os artigos laudatorios occupavam paginas inteiras dos jornaes diarios e semanaes.

A sociedade de geographia n'uma sessão solemne elegeu Arthur de Magalhães seu socio honorario, e um dos seus membros de mais consideração foi encarregado de lhe levar o diploma.

Verdade era que até áquella data ainda senão tinha realisado uma exploração Africana dispondo de taes meios pecuniarios, e de todos os recursos que as sciencias e a industria tinha produzido.

Arthur conhecendo bem todas as faltas que os modernos exploradores teem apontado nos seus livros, quiz remedial-as, porque desejava fazer a sua viagem o mais commodamente possivel, colhendo os melhores resultados que podesse para a sciencia e para o commercio.

Não queria aproveitar o preto para *besta de carga*, e essa grande difficuldade d'obter carregadores encontrada por todos os exploradores, removia-a elle, substituindo aquelles por vigorosos e sobrios camelos, que tão bons serviços teem prestado n'outros pontos da Africa.

Para sua guarda pessoal e para se fazer respeitar, recrutou cincoenta homens, antigos soldados do exercito e marinheiros militares, com exemplar comportamento e robustez necessaria ás grandes fadigas de longas e continuas marchas.

Estes homens, apesar de engajados por um contracto particular, ficavam sujeitos a um regulamento e á obediencia rigorosa ao seu chefe.

No dia 1.º de março a expedição estava assim organisada:

Dr. Arthur de Magalhães e sua esposa D. Amelia Soares de Magalhães.

D. João de... secretario particular.

Padre José da Natividade, capellão da casa de Sabrosa.

Zinga, creada particular de D. Amelia.

José Francisco — o *Só* — caçador, Antonio Cintra, creado de meza.

Mestre José da Maria Angelica, cosinheiro.

Francisco Antonio, ex-primeiro sargento d'engenheiros, commandante militar.

Dois corneteiros.

Cincoenta homens para escolta, indo entre elles, carpinteiros, ferreiros, sapateiros, alfayates, cosinheiros etc..

Em Benguella deviam ser contractados guias, linguas, e alguns auxiliares para conductores e tratadores de gado que acompanhassem a expedição.

Os camelos deviam ser conduzidos por homens praticos no lidar com elles.

O governo deu ordem ás auctoridades portuguezas dos pontos aonde se presumia tocar a expedição, para que lhe prestassem todos os soccorros e coadjuvação necessaria.

Uma rica bandeira de seda azul e branca, bordada a ouro, foi offerecida pela sociedade de geographia.

A expedição bem provida de todas as cousas necessarias, estava prompta a embarcar, e no dia 6 de março de 188... o vapor D. Antonia largava da amarração, no meio d'uma quantidade innumera de barcos, ultima homenagem que a população de Lisboa prestava na despedida áquella gente tão arrojada e tão satisfeita de si, que ia fazer echoar novamente no sertão o nome portuguez, outr'óra tão temido e respeitado nas longiquas plagas africanas, e com um derradeiro adeus a

multidão via desdobrar-se ante si, envoltos nas brumas do passado, os quadros epicos dos nossos maiores, onde o vulto de D. João I o heroe d'Aljubarrota, acompanhado de seus filhos D. Henrique, D. Duarte, D. Pedro e do celebre condestavel D. Nuno Alvares Pereira, seguidos de Ayres Gonçalves de Figueiredo, João Fogaça, Ruy Gonçalves, Vasco Martins d'Albergaria, Conde de Barcellos, Vasco Fernandes d'Athayde, Martim Affonso de Mello, Gonçalo Lourenço Gomide, Fernão Chamorro, D. Pedro de Menezes e muitos outros, que saiam d'aquelle mesmo Tejo em 25 de julho de 1415, com uma das mais poderosas armadas d'aquelle tempo, que pela primeira vez ouzava singrar as aguas do oceano em busca de conquistas em terras d'Africa, e que com prodigios inauditos de temeridade e valor arvoraram a bandeira de S Vicente em Ceuta, futuro baluarte do christianismo e escola bellica d'esses homericos e legendarios cavalleiros que haviam d'assombrar o mundo e a posteridade com as epopeas dos seus feitos!

D. Fernando o infeliz infante que estoicamente se offerece em refens aos moiros na triste e temeraria tentativa da tomada de Tanger, esse santo martyr que com tanta gloria se sacrifica pela honra do seu paiz, se lhes representa em todo o seu esplendor. Surge depois o quadro ridente das nossas descobertas e a figura serena do Infante D. Henrique, do sabio scismador, mathematico e geographo, esse heroe de Ceuta, de Tanger e d'Alcacer, que estudava no bramir das vagas alterosas que vinham rojar-se-lhe aos pés, e nos sons roucos e cavos das tempestades, a linguagem dos mundos ignotos, que descerrou com as suas caravellas, occupa o primeiro plano, com João Gonçalves Zarco, Tris-

tão Vaz Teixeira, e 1418 com todas as suas cores sublimes pinta os frageis lenhos com que aquelles homens ouzam devassar os segredos profundos do pelago mysterioso e arrostam com os espiritos malignos que se dizia existirem alem do cabo *Não*, ponto final das cartas conhecidas, e a quem o genio das tempestades arroja a essas formosas ilhas de Porto Santo e Madeira, como premio do seu valor e coragem, ensinando-lhes a elles, aos seus novos marinheiros e a outros arrojados portuguezes, taes como Bartholomeu Perestrello, Gonçalo Velho Cabral e Vasco Eanes Cortereal, o caminho das bellas e ricas pleiades d'ilhas, de que ainda hoje estamos de posse, e que se chamam o archipelago dos Açores e da Madeira.

Em seguida veem Gil Eanes, Affonso Gonçalves Baldaya, Heitor Homem, Diogo Lopes d'Almeida, Antão Gonçalves, Affonso Guterres, Nuno Tristão, Gonçalo de Cintra, Diogo Annes de Valladares, Lançarote, Rodrigo Alvares, João Dias, João Bernardes, Diniz Dias, Estevão Affonso, Gomes Pires, Diogo Affonso, João Fernandes, Garcia Homem, Alvaro Fernandes, Diogo Gomes, e todos os outros navegadores, que desde 1418 a 1460, despresando as lendas absurdas de How Rozmitale, da ilha das Sete cidades, de S. Brendan, do naufragio dos cincoenta navios de Brekam, filho do rei Niel, da ilha dos Passaros e muitas outras estupendas maravilhas, dobram o cabo Bojador e foram dando o baptismo á costa africana até á Serra Leoa, fazendo com que os mappas d'André Bianco de 1436 apparecessem com os nomes de Angra dos Ruivos, Rio do Oiro, Ponta da Galé, Porto do Cavalleiro, Cabo Branco, Arguim, Ilha das Garças, Palmar, Cabo Verde, Ca-

bo Sant'Anna, Cabo dos Mastros, Rio Grande, Cabo Resgate, Ilha de Cabo Verde etc, nomes que alguns invejosos teem apagado, mas que existem comtudo indeleveis em todos os mappas que se publicaram até aos de Coronelli de 1689. ([a])

Logo atraz apparece-lhe Affonso 5.º o africano, que com o marquez de Valença, o mesmo infante D. Henrique, D. Duarte de Menezes, Lopo d'Almeida, Martim de Tavora, Luiz Alvares de Souza, Gonçalvo Vaz Coutinho, Conde de Villa Real, Affonso de Vasconcellos, Duque de Bragança, Luiz Mendes de Vasconcellos, D. Alvaro de Castro, D. João Coutinho, principe D. João, D. Francisco Coutinho, D. João de Castro, D. Henrique de Menezes e Ruy de Mello, desenrola triumphante a bandeira portugueza ao bafo suave e quente das praças d'Argilla, de Tanger e d'Alcacer-Ceguer!

E este rei temerario, feliz e leviano, que com o esforço de Pedro de Cintra, Fernão Gomes, João de Santarem, Pedro Escobar, Martim Fernandes e Alvaro Esteves, vê explorada a Senegambia, a Guiné, a costa da Malagueta, do Marfim, da Mina, de Benin, do Calabar e do Gabão, passado o equador e descoberta longa parte da costa africana para alem da Serra Leôa, e ficar conhecido dos vindouros a embocadura do Geba, Bassegue, rios de S. Vicente, Verde, Vermelho ou Roxo, Santa Maria das Neves, das Palmas, dos Fumos ou das Gallinhas e Soeiro da Costa, Cabo da Verga, de Sagres, Ledo ou Alegre, Roxo, Sant'Anna, do Monte, e Mensurado ou Cortez, ilhas Selvagens ou Bravas,

(a) Vide a excellente collecção de mappas d'estas epocas, que o erudito visconde de Santarem aponta na sua obra —«Recherches sur la priorité de la découverte d'Afrique au delá du cap Bojador—pag. 109.»

8

Roxa, dos Bancos, de S. Thomé e Principe e Anno Bom! [a]

Sem interrupção divisam os navios de Bartholomeu Dias, de João Infante e de Pero Dias, com o seu intrepido piloto Pero d'Alemquer a sumirem-se alem no horisonte da barra, no dia 2 de agosto de 1486 em demanda do lendario *Prestes João*, e a quem as suas equipagens atemorisadas não deixam passar alem do rio Infante, (hoje inglezado em *Great Fish River*), tal foi o pavor de que se apoderaram ao verem essa massa d'agua infinita, rugidoura e magestosa, que se lhe desdobrava á proa dos seus navios depois de passarem o cabo Tormentoso ou das Tormentas, que D. João 2.º transformou em cabo da Boa-Esperança, e que estrangeiro algum ainda se atreveu a mudar; e os padrões de S. Filippe, de Santa Cruz e de S. Thiago que foram collocados em differentes sitios e que são um attestado indestrutivel de que fomos nós os primeiros europeus que pisámos aquellas remotas paragens, embora tenham transformado em bahia *Spencer* a Angra dos Ilheos ou Angra pequena, em *Flesh Bay* a Angra dos Vaqueiros e um *Mossel Bay* a enseada de S. Braz.

O quadro da partida de Vasco da Gama, collorido pelo nosso fino epico nos Luziadas, revivia-lhe ali n'aquelle mesmo sitio onde estavam, e o dia 8 de julho de 1497, representava-se-lhe tal qual como quando o povo de Lisboa, como elles agora, se despedia d'aquelles te-

(a) Alguns d'estes pontos foram chrismados por estrangeiros, em Mellacoree, o rio de S. Vicente; em Great Scarcies, o rio Verde; em Cockboro, o rio Roxo; em Sherbro, o das Neves; em Grand Bassan; o de Soeiro da Costa; em Tumba o cabo de Sagres; em Sierra Leone, o Alegre; em Ponta Tassa, o Roxo; em Bananas as ilhas Bravas; em Plantain, a Roxa; e em Turtle, a dos Bancos.

merarios marinheiros do S. Miguel, do S. Raphael e do Berrio, e diziam o ultimo adeus áquelles, que, depois de descobrirem o caminho das Indias á posteridade, delegaram aos seus sessenta e cinco companheiros sobreviventes de tão audaciosa e arrojada empreza, o encargo de contarem ao mundo a epopêa brilhante d'esse rasto refulgente dos mares orientaes que ficaram marginados por Vasco da Gama, Nicolau Coelho, Pero d'Alemquer, Fernão Vellozo, Martim Affonso, Fernão Martins, Gonçalo Pires, Diogo Dias, João de Sá, Alvaro de Braga, e Alvaro Velho ([a]) com os nomes escriptos em letras aureas de: Terra da Boa Gente, Monçambique, Ilha do Açoitado, Mombaça, Melinde, e a desejada, rica, poderosa e mysteriosa Kalikut ou Calicut, o sonho de rubis, saphiras e esmeraldas d'El-Rei D. Manuel!

Na esteira dos mesmos navios seguia Pedro Alvares Cabral com Sancho de Toar, Simão de Miranda, Ayres Gomes da Silva, Nicolau Coelho, Bartholomeu Dias, Gaspar de Lemos, Luiz Pires, Simão Pina, Pero d'Athayde Inferno, Gonçalo Gil Barbosa, Pero Vaz Caminha e Frei Henrique, no dia 9 de março de 1500, com destino a Calicut, e a quem o acaso, protector dos audaciosos, leva a descobrir o Brazil!

O sulco luminoso das quilhas luzitanas não se apagava nas salsas ondas oceanicas, e ainda aquella multidão não tinha tempo de contemplar os quadros homericos que a sua imaginação lhes surgia e já a figura magestosa de D. Francisco d'Almeida, o primeiro vice-rei da India se divisa com seu filho D. Lourenço a bordo

(a) Auctor do «roteiro» da viagem de Vasco da Gama.

da sua esquadra com as velas enfunadas, a demandar a barra em 25 de março de 1505, levando as pedras promptas a assentar nas fortalezas de Quilôa, de Cananor, de Cochim e d'Anchediva onde ficam como commandantes Pero Ferreira, Lourenço de Brito, D. Alvaro de Noronha e Manuel Pessanha.

E a essa multidão humedecem-se-lhes os olhos quando vêem cair ingloriamente na Aguada do Saldanha, ferido por uma seta d'um selvagem, esse roble gigante que emmudeceu d'espanto o mundo com os seus feitos gloriosos, e abateu a cerviz altiva do Samori de Calicut, dos rajahs de Cananor, de Coulam, de Mombaça, de Diu e do poderoso Mir- Hussein, derrotando-lhe a sua invencivel esquadra!

Vêem Fernão de Magalhães ao serviço do imperador Carlos V, descobrir a communicação do Atlantico com o Pacifico a 27 de novembro de 1520; o problema da circumnavegação resolvido, e a passagem para a India pelo sul da America realisada. E o cabo da Boa Esperança e o estreito de Magalhães, são como diz o sr. Latino Coelho «as duas sentinellas que guardam o thesouro precioso das nossas tradições.

Tendo por um momento visto um portuguez, ao serviço d'um reino estrangeiro, associado á descoberta que immortalisou o seu nome, depara-se-lhe o quadro do grande Affonso d'Albuquerque, o fundador do imperio Luso-Indiatico! Esse heroe entre os heroes, que assombra o mundo com as suas acções mais que sobrehumanas, e que sómente com quatrocentos e cincoenta portuguezes avassalla ricas, poderosas e fortes cidades! E com este punhado de bravos, com estes leões terriveis arvora a bandeira portugueza nas fortalezas de Calaya-

te, Curiate, Mascate, Orfacate, Soar ou Sohhar, Ormuz Goa, Malaca, Benastarim e Calicut!

É com esses homens que realisa o vasto plano que só os titans, os hercules, os argonautas, poderiam executar; o que levou Coge-Sofar a dizer: eram menos, que os reinos que escravisaram»

Mas a sua vontade de ferro, o seu genio immortal e a sua coragem inquebrantavel suprem por si só um grande exercito, e o golpho Persico, a costa do Malabar, o oceano Indico, a Indo-China, a China, a Arabia e o mar Roxo tremem diante d'elle e curvam-se á passagem rapida das suas hostes vencedoras!

Na galeria de tão raros quadros confundem-se por suas façanhas — Diogo d'Azambuja, o fundador do castello de S. Jorge da Mina, primeira fortaleza de Portugal construida na Africa desconhecida dos antigos e que deu o titulo de *Senhor de Guiné,* a D. João 2.º — Lopo Barriga o terror dos moiros em Zanfim, Ceuta, Tanger, Arzilla e Alcacer Ceguer. — Pedro Anaya o fundador da fortaleza de Sofala. — Tristão da Cunha o descobridor das Ilhas do mesmo nome e o vencedor de Socotará. — Diogo Cão o explorador da costa do Loango, Congo, Angola, Benguella, Mossâmedes, Cabo Negro e Costa Cimbebaia. —Duarte Pacheco o heroe de 1504 e tantos outros que a imaginação d'aquelle povo descendente dos heroes luzitanos, já estava cançada de ver; não se podendo comtudo furtar a admirar o ultimo quadro que fecha n'aquella epoca a nossa epopea nacional, o de D. João de Castro, vice-rei da India, que com o seu exemplo de lealdade, de rigidez, de probidade inabalavel, de justiça, d'austeridade, de bravura, de constancia, d'integridade e de virtude, faz estacar a torrente de despo-

tismos, de fraudes, de prepotencias e vilanias em que os nossos soldados se despenhavam, depois de no campo de batalha se terem batido como leões, e disputado entre si a honra de morrem como heroes!

Vulto venerando, que com o prestigio do seu nome inconcusso dobra a altiva fronte dos seus guerreiros indomaveis e os faz ajoelhar deante do preclaro S. Francisco Xavier e purificarem-se das suas faltas no ambiente divino que cercava a aureola d'aquelle santo varão; e a seu pesar, talvez, seguirem as maximas sacro-santas da sua palavra evangelica e inspirada! ([a])

. . . .

Estas visões do passado desfizeram-se por fim e essa multidão que por um momento se deslumbrou ao vel-as, foi retirando a pouco e pouco para casa, triste e cabisbaixa, pensando que do fructo do nosso trabalho prodigioso, de tanto sangue gloriosamente derramado por nossos avós, são hoje os estrangeiros, e principalmente os inglezes que estão auferindo os proventos, e o que mais é, negando-nos muitas vezes a primasia das

(a) Seguimos no fecho d'este capitulo as indicações preciosas que o sr. Pinheiro Chagas nos dá na sua — Historia de Portugal popular e illustrada, e até ás vezes talvez empregasse-mos algumas das suas proprias palavras, porque de todos os escriptos d'este genero, é o seu livro incontestavelmente o melhor e o mais consciencioso, tendo aquelle sr. tido o insano trabalho de compulsar innumeras obras, taes como — Commentarios do grande Affonso d'Albuquerque, edição de Nicolau Pagliarini — Chronica d'El-rei D. Manuel, por Damião de Goes, Lendas da India, e muitas outras publicações de C. Lavollé, E. D. Fourques, Augusto Bonchot, Meadows Taylor, Varnhagem, Schoeffer, Richard Henry Major, Ferdinand Dinis, Cezar Cantu, Weber, Patin, Visconde de Santarem, Gaspar Correa, Barros, Thomé Lopes, Castilho, Ruy de Pina, Azurara etc, e com o seu esclarecido talento deduziu para a sua Historia o que realmente deve ser a verdade, colorida com aquellas finas cores de mestre que nos extasia e arrasta no seguimento da sua palavra eloquente; e commettemos sempre um enorme attentado, quando substituimos pela nossa prosa insipida e fria aquellas expressões cheias d'imagens inimitaveis e d'um cunho e significação que só elle sabe dar aos factos insipidos que os outros historiadores narram.

nossas descobertas e mudando os nomes que tão homericos guerreiros deram áquellas amplidões que assenhorearam.

. . . .

Entretanto o vapor D. Antonia cortava ligeiramente as aguas do oceano levando a seu bordo uns homens que não desmentiam as tradições dos nossos maiores, sem contudo verterem sangue nos combates selvagens e deshumanos, conquistariam commercial e scientificamente as regiões do interior da Africa, campanha de tanto valor como as dos nossos antepassados, e a expedição d'Arthur de Magalhães ficaria conhecida por: *Expedição portugueza de 188..., commercial e scientifica ao centro da Africa equatorial.*



CAPITULO V

Em Benguella e a caminho do sertão

A viagem a bordo do D. Antonia foi feita sem o menor incidente, e todos iam satisfeitos.

D. Amelia recordava-se com saudade de seu extremoso pae.

Os carinhos d'Arthur porem minoravam-lhe um tanto a sua dôr.

Á meza da camara fallava-se bastante nos revezes d'uma travessia em Africa, e o commandante uma vez, com a muita franqueza que o caracterisava fez ver a D. Amelia os perigos e trabalhos a que ia expôr-se.

Então ella com grande enthusiasmo disse: o commandante esquece por certo que não sou eu a primeira mulher que se aventura com seu marido nos sertões africanos, do que tenho grande pesar, e entre outras, lembro-lhe a espoza de Livingstone que em 1849, com seus trez filhos acompanhou o grande explorador de Kolobeng á descoberta do lago Negami?! E novamen-

te o acompanhou na exploração do Zambeze caminhando ao longo do Chobé, até ao paiz dos Makololos!

É verdade minha senhora, lhe tornou o commandante, mas v. ex.ª não deve esquecer tambem, que essa heroica dama falleceu a 27 d'abril de 1862 victima das febres que mataram o bispo Mac-Kensie e um missionario, nas pestilentas margens do lago Niassa; e que mais tarde o proprio Livingstone succumbio em 1 de maio de 1873 n'essa pequena aldeia de Chitambo, nas margens do sul do lago Banguelo.

E esse sabio e intrepido viajante só encontrou junto a si, depois de tantos serviços prestados á civilisação e á sciencia, o seu fiel Suzi!

Não contesto commandante; porem, para gloria d'elle e da Inglaterra, o seu corpo está em *Westminster* descançando junto dos reis e dos grandes homens!

E o nome de mademoiselle Tienne, d'essa formosa hollandeza, massacrada com sua mãe em Kabilia, quando tentava devassar esse continente para onde me dirijo, passará á posteridade e a sua alma está no ceo.

Depois d'essas considerações, minha senhora, e do modo como v. ex.ª diz isso, estou meio resolvido a pedir ao Doutor que me deixe fazer parte da expedição.

—É pena comtudo, meu caro commandante, disse D. João, que esteja apenas meio resolvido.

—E quando o estiver, acrescentou Arthur, tem sempre um lugar d'honra de que é merecedor.

Com estas e outras conversações semelhantes, e com um tempo bonançoso, fundeou finalmente o D. Antonia na espaçosa bahia de Benguella.

A expedição desembarcou em seguida ao lançamento da ancora.

As auctoridades portuguezas fizeram o melhor acolhimento que poderam ao Dr. e aos seus; chegando o proprio governador a offerecer-lhes a sua residencia.

Os pedidos feitos de Lisboa a differentes fornecedores estrangeiros já ali tinham sido recebidos por agentes especiaes.

As compras de fazendas, algodões, riscados, fazendas de lei, pannos da costa, lenços de côr, zuarte, chitas de ramagens, contaria variada, missanga grossa, cassungo, almandilhas, riscado, e outros artigos que ainda faltavam para completar o fornecimento para troca de generos no sertão, e que nem todos servem para os mesmos sitios, por não terem *curso*, foram depressa comprados, e a expedição contractando os guias, estava prompta a partir.

O itinerario seria em direcção ao Bihé.

O Dr. e sua mulher, depois d'algum repouso, foram ver Benguella.

A impressão que lhes deixou foi das mais agradaveis, para quem só espera ver cubatas, kilombos, armazens e palhoças.

Bastantes casas construidas á européa em ruas largas, formavam o bairro dos negociantes, e se este não tinha o cunho da elegancia dos da moderna Paris, era comtudo espaçoso e asseado; verdade seja que as melhores casas eram edificios publicos, como o hospital, a alfandega, obra do governador Mendes Leite, a escola, a cadeia, a casa da camara municipal, e a egreja matriz.

Como obra d'arte, tinha uma excellente ponte de ferro.

O bairro dos indigenas era, como são sempre os bairros privilegiados das escorias da sociedade, como o cele-

bre *Pateo dos Milagres*, a nossa antiga *Alfama*, a *Mouraria*, e outros de egual jaez; viellas immundas e infectas povoadas de palhoças miseraveis, sujas, sem conforto, davam guarida ás innumeras caravanas de ***ban-dombes bailundos***, ***biénos***, ***ganguellas*** e outros povos, que do interior ali veem fazer permutação de marfim, cera, borracha, dentes de cavallo marinho, pontas de abbada, liconte, canna d'assucar, anil, arroz, café, couqueiros, cajueiros, azeite de palma, ginguba, gomma copal, tamarinheiros, ricino, mel, pelles de panthera, de tigre, de leão, de empalanca, de hyena, de leopardo, de lobo, de lontra, d'onça, de rapoza, e de muitos outros animaes; pennas d'aguia, de manga, de veludo, de pavão, etc, e passarinhos de lindo matiz de cores e de melodioso canto muito estimados em toda a parte, taes como: a benguelinha, o bico de prata, o bico de lacre, o cardeal, o monsenhor, o palanque,a viuva, que trocam por fazendas, missangas, contas, polvora, armas de fogo, latão, bebidas alcoolicas, e outras cousas de pequeno valor.

O Dr. e sua esposa viram tudo com minuciosidade, e por acaso acharam-se ao pôr do sol na fortaleza de S. Filippe, construida na praia em 1617, por Manoel Cerveira Pereira, muito melhorada já, com duas baterias, uma á flôr d'agua, e outra superior, onde gosaram o espectaculo magestoso e sem egual dos cambiantes de luz do occaso do sol dos tropicos.

Fitando esse mar immenso que lhe trazia no bafo de cada onda uma recordação da patria, vendo esse sol d'uma radiação côr de sangue e abrasadora, que parecia mergulhar no oceano, a alma d'Arthur voou n'um momento á patria tão querida, a essas serras de Sabrosa, onde foi passada a sua juventude entre as caricias

da mãe que já não tinha, e do extremoso pae que ha pouco perdera, e pensando n'essas duas sepulturas tão adoradas, e que talvez não tornasse a ver, duas grossas lagrimas rolaram pelas suas escandecidas faces!

D. Amelia deu um beijo em seu marido, compenetrada do que se passava na alma d'elle, e ao contacto d'aquelles labios tão puros, Arthur voltou a si d'aquelle acabrunhamento moral e disse, apertando-a d'encontro ao coração — são as primeiras, e espero sejam as ultimas, — foi o meu adeus á patria, e amanhã, *ávante, coragem e Deus nos acompanhará.*

A' noite ao chá, o governador contou aos seus hospedes a historia de Benguella, e entre muitas cousas disse que: Benguella fôra conquistada em 1617 por Manoel Cerveira Pereira, que até ali constituia um reino; que no reinado dos Filippes passou parte ao dominio dos hollandezes; que foi reconquistada em 1648, e forma hoje um districto pertencente a Angola, com seis concelhos, Benguella, Catumbella, Dombe Grande, Quillengues, Caconda e Egito; que a população está calculada apesar de grandes variantes em 87:980 almas em todo o districto, e na sua capital, S. Filippe em 2:400.

O governador teve a amabilidade de lhe mostrar a copia d'um documento muito raro, e de que existe o original no codice da real bibliotheca d'Ajuda, lançado de fl. 33 a fl. 39 V, intitulado «*Relaçam da Conquista de Benguella*» documento d'um grande valor para a nossa litteratura historica, digna da maior fé, escripto por um individuo que tomou parte n'aquella conquista; e por ser demasiado longo, nos abstemos de transcrever.

O governador informou mais os seus hospedes, que

o terreno é em partes bastante accidentado e muito cortado pelos rios Quicombo, Tapado, Egito, Anha Catumbella, Cavaco ou Maribondo, Copororo ou S. Francisco, Equimina e muitos outros.

Que o districto produzia cobre, enxofre, chumbo, ouro, café, canna, milho, feijão, mandioca, algodão, guinguba, gomma copal, azeite de palma e de mendobi, cera, coiros, marfim, e que em alguns concelhos abundava o gado vaccum, caprino e suino.

Que a exportação tinha chegado n'estes ultimos annos a seiscentos contos, a importação a setecentos e o rendimento da alfandega já subira a cento e tantos contos.

Que nos arredores da cidade havia bastantes hortaliças, tão boas ou melhores como as que existiam na Europa, e até a vinha se dava muito bem.

Que um grande canal para o esgotamento dos pantanos formados pelas aguas das chuvas, que em enxuro veem das escalvadas montanhas, concorria hoje muito para a salubridade do clima, não havendo já tantas febres ataxicas, como outr'ora, flagello lugubre e terrivel que continuamente victimava europeus e indigenas sem excepção.

Que a antiga cidade fôra em parte arrasada por flibusteiros francezes, e reconstruida em 1700.

Que d'então para cá muitos melhoramentos se tinham feito e esperava se fizessem.

E o bom e illustrado governador fez uma prelecção completa sobre uzos e costumes, que muito agradou aos seus hospedes.

. . . .

Guias e conductores estavam finalmente justos até ao **Bihé**.

As difficuldades promovidas por alguns negociantes, que ainda hoje, apesar de todo o rigor das auctoridades, teem alguma parte no nefando e atroz trafico da escravatura feito no interior, foram removidas com essa alavanca universal, o ouro, e o Dr. que não conhecia obstaculos, aprontou tudo para partir, em poucos dias.

Os camelos, cavallos, dormedarios, bois, cavallos e burros, tinham sido experimentados, e até o proprio carro de molas d'aço e cautchouc já tinha rodado pelas ruas de Benguella, e a soberba parelha normanda, dado prova do seu bom ensino.

Nas marchas cada camelo levaria uma carga de dez quintaes, o que corresponde a quinhentos e oitenta e sete kilos e quinhentas e vinte grammas, ou o que melhor era, o equivalente á carga de vinte carregadores.

O camelo é, para o habitante d'Arabia uma cavalgadura veloz e infatigavel, podendo caminhar n'um dia quarenta leguas, fornecendo-lhe a lã, o leite a carne, e até combustivel, para o que aproveitam o seu excremento; sendo tão sobrio, a ponto de se contentar, á falta de melhor, com umas poucas d'hervas seccas, um punhado de favas, cevada, ou mesmo um pedaço de pão; passando sem beber aguá muitos dias, pois a conserva depositada n'um reservatorio especial que tem no estomago; de genio brando e intelligencia superior, para um irracional, aprende facilmente tudo que lhe ensinam.

O Dr. conhecendo bem todos os proveitos que poderia tirar d'aquelle ruminante, estava satisfeitissimo com a sua acquisição.

Havia apenas a mosca Zé-Zé ou Tsé-Tsé, que o poderia aniquilar para sempre, com a sua mordedura mor-

tal, porem um oleo vindo da Arabia, com que seriam untados de vez em quando, evitaria esse mal.

Com os trinta camelos e os dez dormedarios, tinha o dr. com que transportar carga, que só novecentos carregadores levariam!

Os seus cincoenta homens, convenientemente vestidos, armados e equipados, fariam uma excellente escolta ao resto da expedição.

....

No dia 25 d'abril os dois cornetas da expedição fizeram o toque d'alvorada, e em seguida deram o signal para a partida.

Meia hora depois estava tudo prompto, Arthur, D. Amelia, o secretario, capellão e Franciso Antonio, depois de se despedirem dos principaes de Benguella, montaram a cavallo e a marcha começou.

D. Amelia montava elegantemente, tendo sido seu professor o eximio Galiardi, successor de Figueiredo, e para ella o andar a cavallo dias e dias, era apenas um prazer, que em cousa alguma a encommodava.

A expedição sahiu de Benguella na direcção do Bihé, pela seguinte forma: uma secção de dez sapadores com um guia. A cem passos D. Amelia a cavallo, hasteando a formosa bandeira da expedição, com seu marido á esquerda, e o capellão á direita.

Seguia atraz d'elles um corneteiro a cavallo.

A alguns passos, o lingua, os muleques, e as creadas.

A pouca distancia seguiam quinze homens da escolta.

As bagagens, os bois e camelos, com os competentes conductores e guardadores.

D. João com quinze homens da escolta seguia immediatamente.

A quarenta passos fechava a marcha Francisco Antonio com dez homens e o outro corneteiro, servindo de guarda da rectaguarda.

O commando, pois, estava assim distribuido. Arthur commandava a frente e os quinze homens da primeira secção.

D. João, o centro, e Francisco Antonio a rectagurda.

O uniforme de todos, era — bota branca impermeavel de duas solas, ccm o cano até um pouco abaixo do joelho, apertado com quatro fivellas; calça e jaleco de brim, tambem impermeaveis; tendo por baixo camisola camisa e collete de flanella; capacete de brim branco, com uns ventiladores especiaes, que muito concorriam para o arejeamento da cabeça.

A escolta, alem d'um excellente material de sapador, ia armada com pequenas carabinas de repetição systema Kropatscheck, de grande alcance e justeza de tiro, levando tambem algumas armas destinadas exclusivamente á caça miuda.

O estado maior ia tambem armado com rewolveres Francotte, de grande alcance.

A expedição tinha dado o primeiro passo para o centro d'esse continente cheio de mysterios, e tão fallado por viajantes illustres.

A marcha foi dirigida a Quipupa, lugar do primeiro descanço, distante de Benguella treze milhas ([a]).

O caminho era triste e agreste entre serras aridas e desertas de vegetação, que só a alegria dos expedicionarios animava, e o som das suas vozes dava vida.

([a]) Tomamos aqui sempre a milha geographica de 1851 metros, e a legua por cinco kilometros, como foi decretado em 2 de maio de 1855.

Dado o signal d'alto e de descanço, as cargas foram arriadas e as barracas armadas n'um momento.

Uma forte grade d'arame cercou o campo, ficando em communicação com a poderosa machina electrica que produzia a luz, e tão bem combinadas estavam as correntes, que sem fazer a menor alteração na luz, carregava por tal forma d'electricidade a grade, que qualquer fera ou pessoa que a tocasse soffria um choque electrico, de que cairia fulminado, ou seria arremessado a distancia.

A bandeira portugueza foi içada n'um pequeno mastro, e os expedicionarios olhando para ella, julgavam-se na patria estremecida.

Seis homens foram nomeados para guarda do campo, fornecendo dois vigias permanentes e attentos, que dariam signal d'alarme ao primeiro caso extraordinario.

As cosinhas de campanha funccionaram perfeitamente, e mestre José da Maria Angelica, o cosinheiro, apresentou ao estado maior um jantar capaz de se ver e comer.

O rancho para o resto da expedição, fez-se tambem sem o menor incidente, em pequenas caldeiras e fornalhas improvisadas de barro amassado.

Á noite foi todo o acampamento illuminado pela poderosa luz electrica.

O dr. sua esposa, D. João e o capellão jogaram o seu voltarete até perto da meia noute e entre um *passo*, *um peço licença*, *um faço-me só*, *um vou á casca*, ouviam-se os uivos e os roncos das pantheras, dos lobos, das hyenas e dos outros terriveis animaes da fauna africana; mas isso em cousa alguma alterava o levantamento das *remissas*, quando as havia.

Algumas fogueiras serviam para aquecer os homens, e para conter as feras a distancia respeitosa.

Ao amanhecer do dia seguinte, feito o toque d'alvorada, todos almoçaram e n'um momento estava o campo levantado.

Foi dada a ordem de marchar em direcção ao Dombe.

Esta jornada tinha que ser um pouco mais longa, atravessando terras assás insalubres, devido ás plantações de canna e á lagoa Tumba, nome que já de si dá idéa pouco agradavel e de sinistro agoiro.

O dr. resolvera acampar na serra que deveria encontrar no caminho do Dombe a Quillengues, perto do rio Cabindondo, evitando em quanto podesse a permanencia nos lugares baixos, sempre muito nefastos aos europeus.

No mais alto da serra o dr. fez a observação da sua altitude, e o aneroide marcou-lhe trezentos metros. O que é uma boa altura!

Ahi o ar era puro, e a comitiva achava-se bem disposta e ainda não tinha soffrido o menor incommodo.

As ordens mais rigorosas foram dadas com respeito á hygiene: era prohibido expressamente beber agua, que não fosse fervida primeiro, e assim mesmo traçada com forte aguardente.

Apenas o campo estabelecido eram postos em acção com uns fios d'uma pilha electrica desinfectantes energicos, que purificavam o ambiente das barracas e conservavam fora o ar livre de perigosos microbios.

Cada homem levava um frasco de desinfectante activo para se servir d'elle em circumstancias especiaes, e quando se achasse isolado em algum sitio miasmatico.

A roupa de flanella era substituida em todos os acampamentos, lavada e desinfectada convenientemente.

Como meio preventivo, tomavam ao levantar uma chavena de forte café misturado com um preparado de segredo do dr..

Todos eram obrigados ao mais rigoroso asseio, e a tomar banhos frios todos os dias, para o que prestavam um bom serviço as banheiras de cautchouc.

O capellão era o encarregado de vigiar o exacto cumprimento d'estas ordens.

O campo foi estabelecido no sitio que o dr. lhe pareceu melhor.

Pelas seis e meia da tarde, quando se dispunham a ir para a meza, foram agradavelmente surprehendidos pela visita do sr. J. Reis, negociante do Dombe, que vinha satisfazer uma recommendação que tivera d'amigos de Benguella, e offerecer os seus serviços.

O dr. convidou-o a jantar, e aquelle cavalheiro tão amavel animou com a sua presença o resto do dia ali passado.

Por elle souberam que no Dombe havia umas excellentes plantações d'algodão, que n'aquelle anno estavam muito bonitas, e a canna produzia uma importante quantidade d'aguardente.

Dos costumes dos povos d'aquelle concelho, disse aquelle senhor, que viviam miseravelmente em pequenas aldêas, tendo só por fato um immundo panno a tapar-lhe os rins, adornando-se com collares de contas, com argolas de latão nos pulsos, e manilhas feitas d'uma leguminosa do paiz, na perna direita.

As aldeias são formadas de cubatas (cabanas) com uma forma espheroidal e as camas são feitas de barro amassado, untadas com manteiga rançosa!

São muito estupidos e supersticiosos.

O dr. não podia deixar de ser amavel com um hospede tão delicado, e em seguida ao jantar foi mostrar-lhe o acampamento, ficando aquelle cavalheiro deveras surprezo por esta maneira de viajar.

A luz electrica, as differentes armas, e todos os apparelhos de que a expedição fazia uzo, mereceram-lhe immensa attenção, e não foi pouco omisso em elogios ao dr.

O nosso compatriota que voluntariamente se foi estabelecer n'aquellas longiquas paragens, onde de certo ha de chegar a fazer uma boa fortuna, como é digno, retirou-se penhoradissimo com o estado maior da expedição e com o pessoal com que privou.

Quatro dias depois a expedição chegava a Quillengues, onde devia descançar tres e prover-se de mantimentos.

D. Amelia conversando com seu marido e com o capellão, foi-lhes contando as impressões que recebera na viagem, sendo uma d'ellas, a vista d'um formoso e collossal *bao-bab* que encontrara nas faldas da serra Tama, e cujo tronco tinha uma cavidade onde estiveram jantando.

O dr. contou a sua esposa que o bao-bab era uma das maiores e mais frondosas arvores da flora africana, chegando alguns a terem no seu tronco a circumferencia de cem pés, e a sua ramagem cobrir um circuito de mais de quinhentos! Sendo por isso chamado com razão o *monarcha* das florestas.

Tanto as flores, como as folhas, o fructo e a casca tinham diversas applicações.

Do fructo, que amadurece nos fins d'outubro fazia-se

um excellente manjar refrigerante, misturando-lhe somente um pouco d'assucar.

Da casca do fructo e do mesmo fructo, quando já não presta, se fabrica um excellente sabão, fazendo uma lixivia das suas cinzas, fervendo tudo depois com oleo de palma rançoso.

Do pó da cortiça e das folhas seccas á sombra, faziam o *lillo*, com que temperavam a comida e era tido como efficaz preservativo contra as febres epidemicas.

Tambem servia de jazigo e não era raro encontrar no escavado dos seus troncos, algum cadaver, ou mumia dos poetas, feiticeiros, musicos ou bobos, aquem não dão outra sepultura.

Por differentes nomes e datas que teem apparecido gravados no seu gigante pé, levam a crer que o bao-bab vive cinco ou seis seculos!

O dr. ainda contou mais outras minuciosidades e anedoctas, até Quillengues.

N'este trajecto a primeira senzala ou banza (aldeia) que tinham encontrado foi a do soba N'anja, velho sujo e nojento que governava uma duzia de palhoças infectas e miseraveis, habitadas por entes, que d'homens só tinham a forma, vivendo de parceria com os porcos, com as gallinhas e com os cães.

Foi este o primeiro *senhor* de quem receberam o celebre presente, tão fallado por todos os exploradores, para em troca darem o quintuplo do valor d'elle, em riscado, contaria, pannos ou outro genero de commercio.

Esta ascorosa personagem ficou extasiada com o que viu.

D. Amelia corou e virou a cara á vista de tanta nudez.

Mal sabia ella o que ainda tinha que ver!

A idea, pois, que fez dos potentados da Africa, não foi muito lisongeira.

O secretario e o capellão encarregados do diario, pouco tiveram que registrar.

A região atravessada era arida e deshabitada, porque o dr. tinha seguido os sitios mais altos, e as aldeias são de preferencia construidas nos planos baixos.

Só tinham visto alguns raros alóes, ficoides, stopelias, irassulaceas e rasteiro capim quando atravessavam algum valle.

No caminho percorrido por Tara, Mangamba, Tiué, Ganga, Chalucinda, Caluculla e serra Tama, só viram grandes massas de granito, ravinas e morros com rara vegetação.

Algumas ribeiras totalmente seccas, não poderam fornecer a menor gotta d'agua e senão fosse a explendida nascente ferrea encontrada em Quipupa e as *cacimbas* depositadas nas cavidades das rochas, de que fizeram grande provisão, não poderia a expedição seguir por taes sitios.

Em Quillengues o campo foi estabelecido perto da residencia do chefe do concelho, uma estacada ampla, com quatro fortins guarnecidos de peças antiquissimas, tendo uma ainda bem visivel a data de 1593!

Alem da residencia do chefe, só existiam umas vinte choças, com o nome pomposo d'habitações!

D'esta vez o dr. mandou postar uma estacada de circumvalação a vinte metros da rede d'arame, para servir mais de limite, do que para defesa contra o ataque das innumeras feras que povoam aquelles sitios, a que a rede electrica conteria em respeito.

Algumas *cubatas* foram construidas pelos pretos que

faziam parte da expedição, para abrigo dos cavallos, camelos, e do gado que ali se compraria, por ser aquelle sitio muito abundante d'elle.

O chefe do concelho veio logo cumprimentar o dr. e offerecer-lhe os seus serviços, de que elle se aproveitou bastante.

Numerosos sobas circumvisinhos vieram visital-o, nos quatro dias que ali se demorou, admirando bastante todo o material da expedição.

Os indigenas não sabendo como explicar a maravilha da luz electrica chamavam-lhe *feitiço!* e muitos outros chamavam-lhe a *lua do branco*, e ao dr. o *branco que fazia a lua.*

Casos curiosos se deram n'aquelles quatro dias.

Um soba de nome Quendengongo, tido por *sabio doutor* entre os seus, fazia caçoada da rede de defeza, com um riso zombeteiro, se assim se podesse qualificar uma alvar careta, e apesar das advertencias de Arthur quiz tocar a grade, estando ella carregada d'electricidade.

O effeito foi surprehendente!

Apenas o pobre diabo tocou nos fios electricos, foi arremessado ao chão a trez metros de distancia, e a sua negra côrte fugiu, dando grandes gritos; e só com a muita eloquencia dos guias interpretes voltaram ao *campo*, onde o dr. lhes fez bons presentes, e lhes deu saborosa aguardente.

Alguns *ba-nanos* do interior tambem vieram no ultimo dia visitar o *homem da lua.*

Toda a expedição fazia aos indigenas a melhor acolhida, e as trocas d'objectos entre uns e outros, realisava-se a contento das partes.

Como Quillengues estava mui perto do rio Calunga ([a]) que com alguma agua das ribeiras Vambo, Umpuro, Comooluena e Cumbambi, tinha a altura necessaria para os barcos poderem navegar, o dr. mandou armar o escaler a vapor, que tinha sido baptisado com o nome de D. Luiz, e fez algumas excursões no rio acompanhado do chefe do concelho e d'alguns sobas, a quem Arthur explicava como as machinas funccionavam, e outras cousas que deixavam os pretos deveras attonitos.

Na vasta planice, D. Amelia deu alguns passeios de carruagem.

Os caçadores fizeram um bom provimento de caça.

A expedição que ainda até ahi não tivera um unico caso de febres, foi então acommettida por ellas, e sete homens foram violentamente atacados, porque deixaram de seguir as ordens estabelecidas sobre hygiene, comendo fructas fora das horas regulamentares, em grande quantidade e bebendo immoderadamente o extracto do *gongó*.

Arthur tirou algumas photographias dos sitios mais pitorescos.

Entre alguns calculos que fez, achou uma differença de trinta e sete milhas na latitude de Quillengues, ratificando-a, a sul para 14.° — 03' — 10" e a leste de Grenwich para 14.° — 0,5 — 03 ([b]).

O dr. estava tomando chá, quando lhe foram dizer que grande numero de pantheras cercava o acampa-

(a) Tambem é conhecido por Coporolo, Capororo e S. Francisco, que vae desaguar no oceano atlantico, formando a bahia de Loacho e percorrendo uma extensão de 50 leguas.

(b) Ratificacões feitas pelos srs. Capello e Ivens em dezembro de 1877.

mento attrahidas pelo cheiro da carne morta para consumo, havendo até algumas mais atrevidas que tinham sido repellidas pelo choque electrico.

Arthur lembrou-se de fazer um morticinio n'aquelles animaes, e aproveitar-lhes as pelles, que eram bonitas.

Mandou matar alguns carneiros e deital-os a distancia da estacada, ficando junto d'elles um pequeno torpedo ligado com a machina electrica.

Sete soberbas pantheras, gulosas e atrevidas chegaram, farejaram a facil presa e com os olhos ensanguentados saltaram n'ella!

Estava imminente uma lucta com outro bando que tinha chegado, ambos queriam satisfazer a sua voracidade, quando o dr. do alto do seu observatorio improvisado tocou o botão de communicação da machina electrica com o torpedo e os dois bandos foram fulminados.



CAPITULO VI

Idyllio

O dia destinado para a partida era um domingo. Logo em seguida ao almoço se procedeu ao levantamento do campo, e no sitio mais vasto da planicie foi armado o altar onde o capellão havia de celebrar a missa.

Os sobas N'Anja, Alpa, Lucundi e outros, assim como alguns secúlos que já tinham praticado com o dr., vieram despedir-se, e a pedido do capellão ficaram para a missa que elle ia celebrar.

Nunca n'aquelles sertões se viu um espectaculo tão sublime!..

O dr., o secretario, D. Amelia e o chefe residente á frente da expedição, ajoelharam perto do altar, e a distancia respeitosa os sobas e numeroso gentio assistiam mudos e concentrados ao solemne acto.

Parecia que uma uncção divina penetrara n'aquelles corações selvagens.

Á elevação da hostia, como que tocados por uma força occulta, todos se curvaram reverentes.

O capellão servindo-se do interprete, fez-lhes uma breve allocução, demonstrando-lhes a sublimidade do christianismo, resumido n'estas maximas — todos os homens são irmãos, amai-vos uns aos outros.

Finda a ceremonia, deu-se ordem para a partida, em direcção a Quipangula, no sopé da serra Vissecua.

O dr. sabendo que aquella gente não se civilisa só com sermões, e que a catecheze de davidas é mais facil, fez aos sobas alguns mimos, e mandou distribuir a todos, grande quantidade de aguardente.

Despedidas cordeaes tiveram lugar de parte a parte, e depois de reciprocos protestos de amisade, começou a marcha.

As cornetas romperam o toque, e todos iam na melhor disposição.

Os sete doentes e o gado já tinham partido, havia muito, com um guia.

A ponte de arame foi pela primeira vez experimentada no Calunga e deu os melhores resultados que se poderiam esperar.

N'aquelle dia foi resolvido ficarem perto de Quipangula, para no immediato, mais descançados, fazerem a ascenção da elevada serra Vissecua, que tinham a atravessar.

Como ainda era muito cedo, quando ali chegaram, o dr. D. Amelia, o caçador e um guia aproveitaram o tempo fazendo uma excursão venatoria de que o Só muito gostou.

Bem armados com carabinas de dois canos, internaram-se em magestosas florestas virgens, onde a accacia

de flores brancas engrinaldava com formosas erythrinas de bellos cachos vermelhos, formando copadas abobadas entrelaçadas de formosas e odoriferas trepadeiras.

Não lhes foi preciso andar muito para encontrarem antilopes pastando na verdejante campina, e fugindo espavoridos ao menor ruido que sentiam.

Uma manada de bufalos foi avistada n'uma vasta clareira descendo a encosta da serra e encaminhando-se em direcção ao rio.

O Só já por vezes mettera a arma á cara, não podendo domar os seus instinctos de caçador, e se não disparou foi por advertencia de Arthur, que entendia não estar a caça a tiro.

Caminhando mais para os lados do riacho Obaba, o caçador teve occasião de aproveitar bem uma balla explosiva, e um soberbo bufalo de grandes dimensões beijou a terra, ficando instantaneamente morto.

A balla acertara-lhe no coração!!

Emquanto o caçador e companheiros procediam á conducção do animal para o acampamento, o dr. e sua mulher foram-se afastando a pouco e pouco e entranhando-se no copado do bosque.

Uma graciosa e timida gazella, de esbeltas formas, passou a pouca distancia do dr.; um tiro partio, e o antilope, apesar de ficar com uma perna quebrada, continuou fugindo.

Zenith, o perdigueiro de D. Amelia, foi-lhe na pista. O dr. cujo orgulho de caçador ficou ferido, por não acertar melhor no animal, correu na direcção do cão e da caça, esperando sempre vel-a fraquejar e cahir.

Não calcularam quanto tempo durou aquella perse-

guição, até que, junto d'um soberbo *bao-bab*, encontraram o fiel perdigueiro, deitado, cançadissimo, tendo ao pé de si o lindo animal, que elle, provavelmente, acabara de matar.

O dr. e D. Amelia assentaram-se extenuados no macio capim.

O sol ia quasi no seu occaso, se assim se pode chamar á passagem rapida, na Africa, do dia para a noute.

Uma suave briza substituia os ardentes calores do dia, e tanto mais fresca, que o aneroide, ali, accusaria 1300 metros se fosse observado.

Sós, n'essa immensidade da floresta, sentados ao pé um do outro, o dr. sentia palpitar o seu ardente coração.

A pouco e pouco, a floresta, as arvores, a immensidade do desconhecido que o cercava, as feras, as aves, as soberbas rochas de granito, os rios, o acampamento, o ceu, a terra e até Deus foi esquecido, e o dr. não sentia n'aquelle momento senão o extasi divino, que duas almas experimentam, quando unidas vôam por esses espaços ethereos.

D'elles se podia dizer como disse um dos nossos grandes poetas:

Ali sós, no mundo sós
Santo Deus como vivemos,
Como era tudo nós
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida
De tudo mais esquecida.
Que longos beijos sem fim,

Que fallar dos olhos mudos,
Como eu n'ella tinha tudo:
O meu sangue no seu coração,
A minha alma na sua razão. [a]

O Zenith, com o pello erriçado procurava occultar-se nas pernas do dr.

Um soberbo leão de hirsuta juba e de olhar altivo e chammejante estava a vinte passos, olhando ora o dr. e D. Amelia, ora o corpo palpitante ainda, do antilope.

Ambos ficaram petrificados na presença do rei das florestas.

O leão, indeciso entre a preza que devia escolher, esteve estatico meio minuto.

Arthur, saindo do torpôr que, momentaneamente o accommettera, lembrou-se apenas, de cobrir com o corpo, a sua extremosa esposa e deu um passo para o lado.

O leão, vendo mecher o dr. firmou-se nas patas trazeiras, e dispunha-se, d'um pulo, a lançar-se sobre elle, que, seria victima irremediavelmente.

D. Amelia não perdera, nem um momento o sangue frio, sem pestanejar, sem que um só musculo do rosto se contrahisse tinha seguido todos os transes d'este afflictivo drama, e corajosamente metteu á cara a sua carabina, cujo cano esquerdo estava carregado, pela mão de seu marido, com uma balla explosiva, para qualquer eventualidade.

Quando o leão se firmava para o salto, a gentil e intrepida senhora, fazendo uma rigorosa e certeira ponta-

(a) Estes versos não são rigorosamente assim, mas foi necessario alteral-os.

ria, como se estivesse n'uma carreira de tiro, puxou lentamente o gatilho e..... o leão cahiu fulminado.

A balla esmigalhara-lhe o craneo!

O dr. tornado a si do assombro, que esta surprehendente scena lhe produzira, e em que, por momentos, esteve a ser victima, olhou ternamente para sua mulher, e com um ardente beijo lhe disse — obrigado — orgulhoso de possuir uma companheira tão docil, illustrada e heroica!

Alguns toques de buzina de caça se ouviram ao longe! Arthur que reconhecera por elles os seus companheiros, respondeu immediatamente, e d'ahi a alguns minutos chegavam o Só, os guias pretos, e mais homens que o capellão, sempre receioso, mandara seguissem os caçadores, para os auxiliar, em caso de necessidade.

O leão foi carregado n'uma padiola improvisada com ramos de arvores, e levado por oito homens, para o acampamento.

Era já noite, quando ali chegaram, e se não fosse a luz electrica que alumiava a grande distancia, bem facil seria desorientarem-se.

O jantar foi servido, e entre saudes jubilosas a D. Amelia, a heroina d'aquella tarde, o dr. contou que os leões tendem a desapparecer. Na Thracia, Macedonia e Thessalia já os não ha, sendo abundantes, ali, no tempo de Herodoto, Aristoteles e Pausanias.

Da Syria e da Asia menor desappareceram totalmente, e hoje, só na Africa e mui raramente em certas regiões da Persia, da India e da Arabia se encontram, o que era realmente uma pena!

O capellão fez n'esta parte da conversa uma grande

Que fallar dos olhos mudos,
Como eu n'ella tinha tudo:
O meu sangue no seu coração,
A minha alma na sua razão. ([a])

O Zenith, com o pello erriçado procurava occultar-se nas pernas do dr.

Um soberbo leão de hirsuta juba e de olhar altivo e chammejante estava a vinte passos, olhando ora o dr. e D. Amelia, ora o corpo palpitante ainda, do antilope.

Ambos ficaram petrificados na presença do rei das florestas.

O leão, indeciso entre a preza que devia escolher, esteve estatico meio minuto.

Arthur, saindo do torpôr que, momentaneamente o accommettera, lembrou-se apenas, de cobrir com o corpo, a sua extremosa esposa e deu um passo para o lado.

O leão, vendo mecher o dr. firmou-se nas patas trazeiras, e dispunha-se, d'um pulo, a lançar-se sobre elle, que, seria victima irremediavelmente.

D. Amelia não perdera, nem um momento o sangue frio, sem pestanejar, sem que um só musculo do rosto se contrahisse tinha seguido todos os transes d'este afflictivo drama, e corajosamente metteu á cara a sua carabina, cujo cano esquerdo estava carregado, pela mão de seu marido, com uma balla explosiva, para qualquer eventualidade.

Quando o leão se firmava para o salto, a gentil e intrepida senhora, fazendo uma rigorosa e certeira ponta-

(a) Estes versos não são rigorosamente assim, mas foi necessario alteral-os.

ria, como se estivesse n'uma carreira de tiro, puxou lentamente o gatilho e..... o leão cahiu fulminado.

A balla esmigalhara-lhe o craneo!

O dr. tornado a si do assombro, que esta surprehendente scena lhe produzira, e em que, por momentos, esteve a ser victima, olhou ternamente para sua mulher, e com um ardente beijo lhe disse — obrigado — orgulhoso de possuir uma companheira tão docil, illustrada e heroica!

Alguns toques de buzina de caça se ouviram ao longe! Arthur que reconhecera por elles os seus companheiros, respondeu immediatamente, e d'ahi a alguns minutos chegavam o Só, os guias pretos, e mais homens que o capellão, sempre receioso, mandara seguissem os caçadores, para os auxiliar, em caso de necessidade.

O leão foi carregado n'uma padiola improvisada com ramos de arvores, e levado por oito homens, para o acampamento.

Era já noite, quando ali chegaram, e se não fosse a luz electrica que alumiava a grande distancia, bem facil seria desorientarem-se.

O jantar foi servido, e entre saudes jubilosas a D. Amelia, a heroina d'aquella tarde, o dr. contou que os leões tendem a desapparecer. Na Thracia, Macedonia e Thessalia já os não ha, sendo abundantes, ali, no tempo de Herodoto, Aristoteles e Pausanias.

Da Syria e da Asia menor desappareceram totalmente, e hoje, só na Africa e mui raramente em certas regiões da Persia, da India e da Arabia se encontram, o que era realmente uma pena!

O capellão fez n'esta parte da conversa uma grande

saude, com trez hurrahs, e na verdade, Arthur era digno d'ella; estando prestes a ser devorado por um leão, tinha pena que a especie fosse desapparecendo!

O dr. depois de agradecer a saude feita com precioso Madeira, continuou: O leão é tão reconhecido ao homem, que Androdo sendo lançado ás feras, no circo, por esses sanguinarios romanos, o leão que o havia de devorar, olhou para elle, conheceu-o, lambeu-lhe as mãos e rojou-se as seus pés, em signal de submissão e amisade, reconhecido ao beneficio, que em tempo Androdo lhe fizera, tirando-lhe um espinho d'uma pata.

É tão facil domar este animal, que Hannou os tinha domesticados como cães, e Marco Antonio andava n'um carro puchado por quatro soberbos leões.

O dr. foi, n'este momento interrompido por Francisco Antonio que pedia licença para entrar.

Era um caso tão fora do costume, que só um motivo poderoso o poderia admittir, e Francisco Antonio, severo mantenedor da disciplina, que vinha interromper o *toast*, era porque coisa séria occorria. O dr. mandou-o entrar immediatamente.

O que ha, meu amigo? disse Arthur.

Eu explico — O caso é que... olhe sr. dr. eu para orador tenho pouco geito. Se for preciso deixo-me estar no meu posto, sem dar um pio, mas para *parolas*, nem uma nem duas.

Mas o que succedeu? perguntou o capellão já um pouco aflicto com aquelle preambulo.

Eu digo senhor... é que... olhe sabe que mais? a rapaziada está ali fora e quer ver a sr.ª D. Amelia, e fazer-lhe uma venia por ter desfeito a cabeça áquelle medonho bicho que ia matando o nosso chefe.

O dr., D. Amelia, o capellão e o secretario sahiram immediatamente da barraca.

Estrepitosos *vivas* á portugueza sahiram do peito d'aquelle punhado d'homens, que acompanhavam o dr. e sua mulher, a quem uma amisade mais que nascente e que promettia crescer, tornando-se roble gigante, ia ligando.

O dr. ficou tão commovido que, despresando as etiquetas da sociedade, foi abraçar cada homem por si, e mandou distribuir a todos uma ração dobrada da melhor aguardente que possuia.

Assim terminou aquelle dia, e passadas algumas horas, todos se entregavam a um somno reparador.



CAPITULO VII

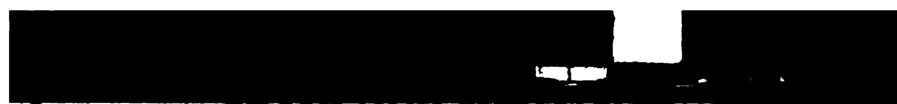
A serra Vissécua e a caminho de Caconda

Ao primeiro alvor do dia foi feito o signal de partir e com aquella presteza que só a boa vontade dá, mais poderosa do que a disciplina de ferro dos allemães, n'um momento estava tudo a postos e logo em seguida a uma succulenta refeição, principiou a difficil subida pela abrupta serra Vissécua.

Tinha-se recommendado que fizessem uzo dos casacos e botas de guttapercha, por causa das humidades e cacimba continua que existe nas partes mais elevadas, onde o frio é ás vezes tão intenso que parece atravessar-se os Alpes ou os Andes, o Himalaya ou o Dawalagiri.

Os cavallos tambem vestiram pela primeira vez o seu fato de cautchouc e parecia que não se zangavam com os seus preciosos *costumes*, porque em rinchos alegres mostravam impaciencia por partir.


R. Cubango
AFRICA
OCCIDENTAL
D. CIVENS A. REGO. GRAV.
ITINERARIO DO DR.
DE
BENGUELLA AO BIHÉ
B. dos Pombos
EGITO
B. do Lobito
CATUMBELLA
BENGUELLA
DOMBÉ GRANDE
C. de Sta Maria
P. do Bomfim
Cha-Lucingo
MU-GUANDOS
P. dos Mandillas
B. dos Tigres
B. de S. Nicolau
MU-CUISSOS
HUMPATA
HUILLA
B. das Pipas
V. PEREIRA. DES.
LESTE DE GREENWICH




ITINERARIO DO DR.
DE
BENGUELLA AO BIHE
B. dos Pombos
EGITO
Quioco
R. Egito
B. do Lobito
CATUMBELLA
BENGUELLA
P. de S. José
DOMBE GRANDE
B.ª dos Elephants
C. de S.ta Maria
P. do Bomfim
C. de S. Marta
P. das Mantilhas
B. dos Tigres
B. de S. Nicolau
B. das Pipas
MU-CUANDOS
Cha-Lucingo
QUILLENGUES
QUIDUNGO
HUMPATA
HUILLA
CACONDA
HUAMBO
NOVA LISBOA
Bailundo
Macongo
BAILUNDO
R. Cubango
Rio Cunene
FEINDE
AFRICA
OCCIDENTAL
Escala 1/3:000:000
12
13
14
15
16
V. PEREIRA. DES.
LESTE DE GREENWICH
D. CIVENS A. REGO. GRAV.

Pagina 65

Um frio intenso e um nevoeiro londrino apressou a descida para o outro lado, e com grande pesar de todos, não foi possivel servirem-se dos seus magnificos oculos de alcance com que esperavam gosar vistas surprehendentes.

Os fatos de guttapercha escorriam agua, e só nas margens do rio *Cu-berae* o dr. e os companheiros pararam e os despiram. Ali resolveram passar a noite.

O resto da caravana ainda vinha longe; o dr. por esquecimento imperdoavel não tinha trazido cousa alguma de comer, e como já fossem tres horas e o estomago implacavel os advertisse d'essa necessidade da vida, José, o cosinheiro, propoz, com a devida *venia* o fazer uns filetes d'antilope.

O parecer foi acceite.

Então o esperto rapaz imitou o que tinha visto fazer aos indigenas, e n'um momento abriu no chão com a sua faca e as mãos, uma cavidade da profundidade d'um metro e meio de diametro, encheu-a de lenha secca com todo o cuidado, lançou-lhe o fogo e apenas a lenha foi consumida, tirou as cinzas, partiu com toda a méstria o antilope morto horas antes, mostrando alguns conhecimentos anatomicos n'este trabalho um tanto difficil.

Os quartos trazeiros, deanteiros e bocados de lombo foram dispostos no fundo do buraco com symetria pasmosa, polvilhando-os com um pouco de sal refinado que encontrou na algibeira, e então nova porção de lenha cobriu aquelle *fundo de carne*, lançou-lhe outra vez fogo, e consumido o combustivel tirou bem assado o precioso manjar, que graciosamente serviu em filetes.

E dizem que na Africa se passa mal?, disse o capellão com a bocca *atafulhada* de lombo.

É pena não haver um pãosito, disse D. João, mas em summa isto sempre satisfaz.

Os cavallos foram soltos e fartamente se locupletaram de excellentes herbaceas que por ali abundavam.

O dr. teve vontade de aproveitar o carro no trajecto a seguir, por serem as terras planas, porem não valia a pena por causa da grande quantidade de rios e riachos, todos tributarios do Cunene, que obrigavam a continuas armações e desarmações, e mesmo porque D. Amelia preferia fazer a marcha a cavallo.

Pelas oito horas foi chegando o resto da caravana, que com muito custo venceu a subida da serra.

Um dos conductores (indigena) vinha gemendo empoleirado no dôrso de um camelo. Tinha sido o caso, que não podendo subir a serra com as botas, as tirara para ir mais leve, e umas larvas de pello alourado, abundantes n'aquelle caminho, o haviam mordido, sendo de tal qualidade o veneno inoculado que o pobre homem trazia uma tão grande inflamação, que custou a ceder aos banhos de vinagre e amoniaco depois de cauterisada a ferida com manteiga d'antimonio.

O campo foi estabelecido com as formalidades do costume e n'aquella noite todos se deitaram cedo, moidos da caminhada por maus pisos e por estradas abertas com muito custo a machado, atravéz de espessas florestas.

Ao jantar indemnisaram-se das faltas do almoço e saborosos fructos que alguns homens tinham trazido a D. Amelia, foram servidos depois de diversas iguarias e entre elles figuravam bananas, ucha, ananazes, laranjas e umas ginjas de sabor acre muito agradavel, a que os naturaes chamam umenganga, de qne D. Amelia mandou

fazer doce com mel do paiz, e o capellão conserva em aguardente.

Para poupar os viveres quanto possivel, o dr. tinha determinado que se aproveitassem de todos os recursos do paiz, e os guias iam indicando as cousas que serviam para alimento.

Em vista d'esta ordem apanharam-se grandes porções de oriungos de que os indigenas se servem para fazer café, que se não é propriamente um Moka dá com tudo uma excellente bebida, depois de bem torrado.

Logo ao amanhecer foi a ponte lançada no riacho para os homens senão molharem, porque o Cu-berae era facil de passar a váo, o que todo o gado já tinha feito, excepto os burros, que se horrorisavam com a agua. D'elles não havia a esperar bons *marinheiros* e quando muito o que poderiam dar, seria soffriveis moços de moleiro.

Como o caminho era agora plano e de bom piso foi facilmente vencida a distancia até á habitação d'um soba que diziam ser dos mais importantes d'aquelles sitios, o *senhor* T'chimbarandungo! ([a])

O dr. tomou nota do nome d'este sujeito, para no regresso á europa o apontar a algum dos nossos humoristicos escriptores para typo de qualquer revista d'anno.

Ainda mal não estavam as barracas armadas, quando vieram annunciar que o senhor *A'tchim* seguido de numerosa comitiva os vinha visitar com todas as formalidades.

O dr. vestiu á pressa o seu dolman de brim, que ti-

([a]) Este foi tambem o primeiro soba que foi recebido, com as honras que a sua posição exigia, pelos nossos illustrados exploradores Capello e Ivens em 1877.
Encaminho o leitor estudioso para o livro de Benguella ás terras d'Iacca pag. 48 a 53.

nha despido para se lavar, mandou tocar a postos para receber com todas as honras a magestade preta; e era ella digna d'isso!

Imagine-se o festejado pae Paulino, aquelle das sortes de cadeira nas nossas praças de touros, seminú e descalço, tendo sómente a tapar a nudez, um reles panno de riscado, preso á cintura, cubrindo-lhe os rins! Uma pelle de leopardo á *laia* de manto d'actor de feira, pendente dos hombros e na cabeça uma cousa, que não era barrete nem chapeo, feito das fibras de uma arvore, com uns *pompons* a darem ares de corôa, uma carapinha entrançada, escorrendo nojenta gordura e ahi tendes o muito poderoso *senhor!*

Tão poderoso, que, com um gesto dispõe da vida dos seus fieis subditos!

Feitos os cumprimentos reciprocos o senhor *A'tchim* pediu para ver essas maravilhas que tão falladas já eram n'aquellas paragens.

Mostrou-lhe o dr. tudo que havia de notavel e este soba que não era de todo tolo, parecia ir percebendo as as cousas.

Perguntou pela lua que illuminava o acampamento, e como lhe dissessem que só á noute é que apparecia, pediu para ir buscar a sua primeira mulher e filhas, para gosarem d'aquelle espectaculo.

O dr. sabendo pelas explorações dos senhores Capello e Ivens n'aquelles sitios, que *A'tchim* era mui goloso de bebidas fortes, mas no fundo boa pessoa, foi regalando o sujeito com uns copinhos de rhum apimentado, de levar *couro e cabello*, que elle bebeu sem fazer caretas, e chorava por mais.

Estava a anoutecer quando chegou novamente o soba

acompanhado pela mulher, filhas e todos os macotas [a] *de pé fresco.*

A mulher era uma horrenda e velha preta affectando *donaire* extravagante, embrulhada em tres ou quatro metros de panno sujo, e de edade problematica.

Um sem numero de buzios, contas e chifres lhe serviam de collar, e davam á horrenda preta o *tom* de rainha de subditos bem pouco exigentes.

Esta megéra bestialisada pelo alcool, de que fazia uso immoderado, parecia mais um automato, de que um ser humano!!

Olhava para tudo estupidamente e a intelligencia, essa centelha divina, ou nunca a tinha tocado, ou já se evaporara ha muito.

Trez buliçosas pretinhas, sendo uma de formas esculpturaes e olhos vivos, davam o doce nome de maman, á esquálida *soba.*

D. Amelia fez das tripas coração, como se diz vulgarmente, e tapando o nariz com o seu lenço impregnado da mais fina essencia de opoponax, foi receber a corte femenina e fazer-lhe as honras da *casa!!*

O ladino cosinheiro teve artes de attrahir a mais formosa das *princezas* e com uma duzia de palavras do paiz, que já sabia, entreteve com ella uma conversação devéras animada e se não fosse o respeito pela situação não sabemos se o amoroso rapaz cahiria ali mesmo aos pés da formosa pretinha; que seja dito de passagem, salvo as exalações nauseabundas de *catinga* e do unto rançoso das suas ondulantes tranças, faria pulsar corações

(a) Ministros.

mais difficeis de contentar, do que o de José da Maria Angelica.

Arthur conduziu o seu real hospede e comitiva para junto do botão que punha a corrente da poderosa machina dynamo-electrica d'Edison em contacto com os carvões da lampada fixada n'um poste no centro do acampamento.

A luz brilhante e intensa appareceu instantaneamente.

Então o soba e os seus, postraram-se por terra em adoração reverente, e o dr. foi para elles um *semi-Deus*.

Arthur que não queria honras divinas conduziu a *troupe* de macotas, secúlos, ([a]) o soba e as *sobas* todas, á barraca onde tinha a machina do vapor que fazia mover o *gerador* (machina electro-dynamica) e com uma paciencia evangelica só propria de quem se propoz a civilisar ignaros selvagens, lhes foi explicando como a electricidade se desenvolvia pelo attrito e como era *conduzida* até ao foco da lampada, onde produzia a luz.

O silencio do auditorio era realmente animador, porem estamos convencidos de que o senhor Tchimbarandungo dispensava bem aquella prelecção, de que pouco comprehendia, o que não admira, pois que por cá succede isso mesmo a muita gente boa.

As duas machinas, a de vapor e a geradora da electricidade, eram na verdade dois portentos que tinham sahido das officinas do sabio Edison!

Reuniam todos os predicados necessarios para o effeito desejado pelo dr.

Eram pequenissimas, e desarmavam-se e armavam-se com facilidade espantosa, dispondo de grande força mo-

(a) Fidalgos.

triz e de poderosa intensidade para alimentar a unica lampada, que era mais do que sufficiente para alumiar o acampamento, servindo-se tambem de poderosos reflectores, que n'um dado momento podiam dirigir o foco luminoso em qualquer direcção, com um alcance superior a quinze milhas!

O celebre electricista norte-americano empregou todo o cuidado na construcção da machina electrica, tirando-lhe todas as resistencias inuteis, de forma que o grande numero de voltas, que dava no curto espaço d'um segundo, pouco aquecimento produzia, o que é uma das principaes condições, evitando grande perda de trabalho e poupando o mais possivel os isoladores.

Os inductores foram tambem tão cuidadosamente construidos de cylindros de ferro macio, cobertos com espiras de fio isolado, e os induzidos formados por uma bobina com barras de cobre paralellas ao eixo, isoladas por laminas de mica, que as correntes parciaes, que tanto enfraquecem a potencia das faiscas sobre os collectores, quasi não existiam.

Era na verdade um trabalho delicadissimo que fazia verdadeira honra ao seu sabio inventor!

Para a illuminação interior das barracas do estado maior, serviam-se da *bateria* do engenheiro francez mr. d'Homy, que não produzia ruido, dava boa luz e era tambem muito portatil.

O dr. ia-se esquecendo de que estava no sertão Africano com rudes selvagens e que era deitar perolas a...... como cá se diz na Europa.

Os pobres pretos senão ficaram conhecendo de perto Edison, Lane, Daniell, Fox, Gravier, Marcel,Bunsen, Carré, Swam, Maxin Werdermann, Reynier, Napoli,

Joel, Ducretet, Tommasi, Solignae, Debrun, Jamin, Clerc e Bineau, Mersanne, Gerard, Jablochkoff, Gramme, Humphry Davy, Heffner von Alteneck Ladal, Siemens Wheaststone, Halske, Wilde, Nollet, Van Malderen, Pixii, Clarcke, Archereau, Leclanché, Minotto, Trouvé, Clamond e outros sabios do velho e novo continente, que passaram parte da sua vida a applicar, desenvolver ou a refutar e a contradizer a theoria de Ampère, que queria «que as correntes percorrendo os imans em toda a sua superficie formassem muitos solenoides dispostos na direcção do eixo.» Estes sabios depois de tanta transformação que fizeram nas machinas electrodynamicas, electro-magneticas ou dynamo-electricas, para obter um foco de luz fixa e aproveitavel á industria, modificando-lhe, ora os electro-imans, os imans, as bobinas, os commutadores, os collectores, os anneis, as helices, os cylindros, ora os systemas inductores ou induzidos, ora as lampadas, os carvões, ou outros corpos ligados aos electrodes, os reguladores e os conductores; todos esses grandes homens de sciencia, que já morreram, levaram consigo para o tumulo o grande pesar, que acompanha os sobreviventes, de ainda não terem resolvido o problema completamente; e repetimos, se ao régulo Tchimbarandungo e aos seus não aproveitou a prelecção do dr., ficaram comtudo fazendo boa ideia da aguardente que elle possuia, e que iam libando a longos tragos a cada pausa do illustre orador.

Como este discurso durou bastante tempo, quando Arthur acabou de fallar, o serio *monarcha* preto, estava a cahir de bebedo e a sua real consorte não o estava menos!

Custou ao dr. ver-se livre de tão nojento beberrão e

ao chá contou que já ia esmorecendo e descrendo muito da possibilidade de civilisar a Africa.

Serão talvez precisos milhares d'annos para a sua completa transformação e para que n'estes sertões entrem os conhecimentos europeus.

Só a palavra de Deus, disse o capellão os poderá tocar.

E' verdade disse D. Amelia, tenho tambem fé que os caminhos de ferro e estradas ou outras vias de communicação, o completo acabamento do nefando trafico d'escravos e um commercio sério, contribuirão bastante para mudar a face a este systema de vida miseravel e desgraçado, que elles levam.

Ora, disse o José que servia á meza, em isto cá sendo como Lisboa, já não tem graça nem novidade alguma.

Na manhã do dia seguinte voltou o soba á *carga* e o dr. fazendo algumas transacções commerciaes partiu em direcção a Caconda, aonde tinha pressa de chegar, para dar descanço á sua gente, sahir das terras pantanosas que ia atravessar, e então fazer á vontade reconhecimentos a diversos pontos do paiz.

Empregando portanto marchas rapidas, fazendo montar nos camelos, cavallos e bois cavallos os homens que se fatigavam mais, descançando apenas o tempo indispensavel, foi atravessando os innumeros rios e riachos Usserem, Caculocai, Que, Mafomuino, Cu-imba, Quinana bang, Cubunje, Leva, Callirongue, Londimba, Catape, Quiteque, todos tributarios do Cunene.

Chegaram finalmente a Caconda, uma das melhores terras que possuimos no interior d'Africa.

O campo foi estabelecido a quinhentos metros da residencia do chefe, com todo o cuidado para permanecer algum tempo e aclimar melhor a expedição.

Grandes estacadas foram collocadas em volta das grades de arame.

Cubatas de troncos d'arvores e capim, á maneira das usadas no paiz, foram construidas para deposito e arejamento das cargas e abrigo para os gados.



CAPITULO VIII

Caconda tem uma vida nova

O chefe do concelho, um tenente pertencente ao exercito do Ultramar, veio logo receber os viajantes, porque já tinha sido prevenido da sua chegada por carta do dr. e do governador de Benguella.

Offereceu-lhes solicito o seu prestimo e ficou deveras satisfeito quando Arthur lhe mostrou os camelos para cargas, dispensando portanto os carregadores.

Os carregadores! Espectro medonho de todos os viajantes africanos, que d'elles carecem.

Capello, Ivens, Serpa Pinto, Cardoso e outros, todos encontraram grandes difficuldades em arranjar carregadores, levantando os *senhores sertanejos*, com a mais velhaca bonhomia, os maiores estorvos, e as mais intrincadas peas, para evitar a exploração de sitios que lhes não conveem sejam visitados por europeus, para que o segredo do negocio das *cabeças d'alcatrão* não vá por agua abaixo, como elles dizem.

As exigencias fabulosas dos sobas para conceder que os carregadores acompanhem o explorador, as traições, as fugas, os roubos e todas essas mil contrariedades levantadas por esses *bipedes* de carga, não as temia o dr., os seus valentes e sobrios camelos estavam sempre promptos a toda a hora, e cheios de submissão agradeciam a menor caricia e o mais insignificante alimento.

É verdade que os arabes conductores, altivos e concentrados, custaram a pôr a geito do disciplinador Francisco Antonio, porem a bondade do dr. e a maneira como tinham sido sempre tratados, ia-os humanisando mais.

O dr. fez ver ao chefe qual o fim da sua jornada, demorando-a ali algum tempo para visitar os sitios visinhos e entreter algum commercio com os indigenas, mais para os estudar a fundo do que para auferir lucros.

O tenente pôz logo o dr. ao facto do preço por que ali se faziam ordinariamente as transacções, regulando como em Quillengues, e outros pontos já passados pela expedição, como regulam em geral, em quasi todo o territorio d'oeste. (a)

Uma gallinha	vale	2 a 3	ketes	de contas (b)
Tres ovos	«	1	«	«
Um carneiro	«	10	jardas	de fazenda
Uma ovelha	«	10	«	«
Um boi	«	25 a 40	«	«
Um porco	«	15 a 20	«	«

(a) Estes apontamentos são extraidos da pag. 6 do 1.º volume de Benguella ás terras de Iacca, edição de 1881.

(b) Kete é a distancia da extremidade do dedo indicador á cava do polegar.

Cinco raizes de mandioca valem 1 neck-lace ou um kete de contas

Duas libras de cereaes « 1 « « « kete de contas.

As transacções grossas de marfim e outras, faziam-se por polvora, espingardas e outros artigos de *furor*.

O dr. mostrou as armas de repetição, e o tenente não se cançou d'admirar o armamento moderno com que a Europa estava armada, e fez jus para que aos soldados do Ultramar fosse brevemente distribuido armas, de que tanto careciam.

No calor da conversação o chefe sem querer, revelou a miseria a que os governos condemnam aquelles que vão longe expor a vida a mil perigos do clima e das guerras do gentio, e os poucos recursos de que dispõe um chefe de concelho, a suprema auctoridade do sertão, isolado mezes e mezes do resto do districto.

O dr. mais d'uma vez teve occasião de ver que o pobre tenente chefe morreria de fome, senão fosse umas certas concessões que fazia, e uns negociosinhos, em que a auctoridade sempre mais ao menos soffria no seu prestigio, mas elle, coitado tinha mulher e cinco filhos a sustentar, e com um magro soldo pago sabe Deus quando, senão fosse isso, era impossivel a existencia, e de mais, a fome é inimiga da virtude.

O tenente era um mulato filho d'um negociante de Loanda, que mal sabia ler e escrever com orthographia sonica, não conforme as regras de Barbosa Leão, mas lá á moda d'elle.

Pobre exercito d'Africa, quando se lembrarão de ti?!

Arthur encontrou alguns officiaes muitos dignos, muito instruidos, mas infelizmente esse numero era bem

pequeno e com aquelle genio observador que o caracterisava, ia tomando apontamentos, reservando-se para um dia em que se sentasse n'uma cadeira em S. Bento, expor bem alto a vergonha para nós, o termos a defesa importante das nossas possessões entregue a um exercito composto na maior parte dos reprobos da sociedade, lançados n'essas terras pelas sentenças dos tribunaes. ([a])

Estes homens teem sido — pede a verdade que se diga — o sustentaculo do nosso antigo prestigio! E ás vezes, rotos, nús, descalços, mirrados pelas febres, com pessimo armamento, faltos de munições de guerra e de bocca, sem pret, sem pão, sem abrigos, sem medicos, sem botica, sem cousa alguma, lá vão por esses sertões inhospitos fazer respeitar a bandeira das quinas e castigar algum soba atrevido, revolucionado ou rebelde!

E' que no peito d'esses desgraçados ainda bate um coração de portuguez, e apesar dos seus crimes do passado, n'aquellas florestas immensas, a sós com Deus e as suas consciencias, são tocados e electrisados por esta palavra sacrosanta e sublime — a patria!

Então obram prodigios de valor e as suas forças quebradas pelas fadigas e pela miseria, centuplicam-se e retezam-se herculeamente. E aquelles que foram pou-

(a) Já D. Francisco d'Almeida vice-rei da India dizia n'uma carta a El-rei: Em primeiro lugar que não enviassem degredados com a armada, porque esses criminosos, valentes sim, nada tendo a perder e tudo a ganhar, não fazem senão manchar a bandeira porque pelejam, corromper as fileiras dos soldados bons, que formam com elles, e arrastar pelos tremedaes, diante dos olhos dos soberanos indios anojados, a honra e a gloria dos portuguezes. Em segundo lugar, instava para que se pagassem grandes ordenados e se arbitrassem grandes recompensas aos combatentes e se lhes não consentisse mercadejarem.

HISTORIA DE PORTUGAL POPULAR ILLUSTRADA do sr. Pinheiro Chagas — vol. 4.º pag. 463.

pados pelas azagaias, pelas settas, pelas balas do inimigo, ou que não succumbiram ás fatigantes e penosas marchas em condições tão difficeis e conseguem regressar um dia ao reino, ficam para sempre esquecidos pelos poderes publicos, como misero e lazarento animal, inutil já, pelo seu cansaço e decrepitude!

Ninguem cuida mais n'elles!

Estas e outras verdades de que o dr. se ia convencendo quanto mais se internava, não o demoviam do seu proposito firme de civilisar e transformar aquella rica possessão, tão abandonada; e como o antigo gladiador romano, caminhava impavido e sereno para o fim que levava em vista, como aquelle outr'ora, caminhava para o circo, onde muitas vezes encontrava a morte.

Estas nuvens de pensamentos negros passavam rapidas e Arthur tornando á realidade da situação, foi mostrar ao tenente os seus apparelhos electricos e explicar-lhe o funccionamento.

A esposa do chefe residente tinha chegado n'esta occasião a visitar D. Amelia.

Era uma mulata, que teria os seus trinta e cinco annos, vestindo por uns figurinos do seculo passado, mas sympathica, jovial e bondosa, depressa captivou a estima de D. Amelia.

Á tarde e antes de jantar sahiram todos a ver Caconda.

Foram primeiro ao presidio.

Era um grande quadrilongo de taipa e adobe, como são quasi todas as fortalezas edificadas n'aquellas paragens ha pouco menos de dois seculos, e o systema de defeza era o mais primitivo possivel. Comtudo ainda o dr. viu ali algumas compridas e oxidadas peças d'artilheria, que para fazerem serviço seriam causa de serias

complicações, tanto pelo seu estado, como por falta de munições apropriadas e pessoal competente para lidar com ellas.

Mas o medo guarda a vinha, segundo o annexim popular, e aquelles espantalhos, junto ao poder e prestigio da nossa bandeira, ainda hoje defendem o reduto e a villa do ataque dos mais atrevidos.

A villa é uma das melhores do sertão. Bastantes europeus estão ali estabelecidos, fazendo um bom commercio, e Arthur notou, que se aquella povoação tivesse uma boa rede de estradas, seria um dos nossos pontos mais importantes d'Angola.

A expedição teve a agradavel surpreza da visita de José de Anchieta, d'esse sabio e intrepido naturalista portuguez, que ha perto de vinte annos estuda e trabalha sem cessar, enriquecendo as collecções dos museus da Europa com os exemplares mais raros da fauna e da flora africana.

José d'Anchieta cercado da immensa aureola que o trabalho infatigavel e honradez inconcussa lhe faz resplandecer em torno da sua fronte espaçosa e intelligente, saudou com extrema dignidade de *gentleman*, o dr. e o seu estado maior.

Arthur com o seu genio franco e expansivo não poude resistir a estreitar n'um apertado abraço aquelle sabio, e dizia elle depois a sua esposa: — «foi o melhor momento que tenho passado em Africa! Por ver aquelle homem extraordinario, aquelle escravo da sciencia, aquelle ethnologista celebre, que só, e tão modestamente, no meio dos sertões, faz echoar o seu nome pelos confins da Europa culta, onde tantos nomes gloriosos teem feito esquecer outros bem illustres, que deveriam

andar sempre bem presentes na memoria de todos.»

Muitas visitas teve o dr. de pessoas das diversas camadas sociaes de Caconda.

Um dos mais ricos negociantes convidou o dr. e o seu *estado maior* a passar a noute em sua casa.

Foram umas horas agradaveis para todos, porque desde Benguella era a primeira vez que se encontravam no meio d'uma civilisação, que os ligava com a Europa.

Os donos da casa e sua filha D. Candida fizeram até impossiveis para receberem os seus convidados bizarramente.

Conseguiram arranjar uma musica completa de flautas, pifanos e um tambor, que não deixava de ter uma certa melodia selvagem que encantava e deleitava o espirito, e sobre tudo tinha o grande valor para as senhoras, de poderem dançar ao som d'ella.

Verdade seja que os pares não eram muito exigentes, contentando-se com uma certa cadencia para regularem umas polkas e walsas, que em Caconda passavam por ser um primor, e n'um conservatorio mereceriam grave censura do mais atrasado alumno.

D. Amelia seu marido e D. João acostumados a frequentar as primeiras salas de Lisboa, estavam completamente á vontade e sobresaiam bastante ao resto dos convidados, cujo acanhamento era bem visivel.

D. Candida, a filha dos donos da casa, tinha recebido uma educação preliminar em Mossamedes, aperfeiçoando-a com a leitura de innumeros livros, que seu pae lhe mandava vir da Europa, e com taes predicados, fazia as honras da casa com todo o primor e elegancia.

Era uma creatura encantadora, apesar d'um pouco

de sangue mestiço que lhe corria nas veias. Os seus vinte annos davam toda a força d'expressão aos seus grandes olhos pretos, assombreados por fartas e sedosas pestanas.

O rosto d'um claro baço, mimoso e assetinado causaria inveja á mais formosa *huri* do oriente.

Todos notaram a formosura de D. Candida.

D. João não desfitava os olhos d'ella, que da mesma forma distinguia o marquez entre todos os convidados.

Estas attracções ainda não estão bem definidas pelos sabios, mas existem, e hão de existir em quanto houver entes humanos.

D. Candida sentiu nascer no seu coração virgem, um d'esses amores inexplicaveis, que se apoderam da alma e a transportam ás regiões desconhecidas do infinito.

O seu espirito deixou de rastejar pelas cousas do mundo, e só a figura esbelta e nobre de D. João lhe apparecia aureolada de celestial gloria, e então em muda admiração se extasiava contemplando o homem que tão profundamente lhe tinha feito vibrar aquella recondita fibra, que a humanidade em todas as suas linguagens chama — Amor!

O seu desejo seria que a sua alma e a D. João juntas desapparecessem atravez do espaço, deixando apoz si os echos dos seus beijos puros e ardentes.

D. João tambem sentia uma impressão desconhecida no seu ser; o coração ha tanto tempo frio e gelado para as paixões mundanas, rasgava o involucro duro com que as attribulações da sua vida lh'o tinham cingido e abria-se aos mais puros e bellos sentimentos da sua grande alma!

D. Candida e D. João comprehenderam-se sem fallar!

A linguagem dos olhos tinha mais eloquencia do que todas as palavras, que os seus labios poderiam proferir.

Um certo acanhamento que prende as pessoas que sentem um verdadeiro amor, retinha D. João na sua cadeira, sem se atrever a pedir D. Candida para dançar.

A musica annunciou com o seu rhytmo monotono uma walsa, D. João sahiu finalmente d'aquelle torpor suave e dôce que lhe tolhia os movimentos physicos, e foi pedir D. Candida para walsar.

A pouco e pouco o marquez arrebatado no turbilhão vertiginoso, sentia o coração pulsar com mais força junto do arfar tepido do seio esculptural de D. Candida.

Uma existencia nova para elle, começava ali.

Sem mesmo ter a consciencia do que dizia, os seus labios murmuravam aos ouvidos d'ella, palavras d'amor, d'uma harmonia divina.

D. Candida não poude traduzir o jubilo, que a sua alma sentia ao ouvir o homem escolhido pelo seu coração partilhar com ella o sonho da sua existencia, e sómente n'um transporte apaixonado o apertou mais d'encontro ao peito.

Finda a walsa D. João reconduzia-a á cadeira e foi para o jardim aspirar o ar embalsamado pelo cheiro das odoriferas flores.

A noute estava tepida, serena e bella, e D. João sahindo d'aquelle meio fascinador, foi a pouco e pouco recobrando o sangue frio e a serenidade da alma.

Dizia elle comsigo: estou por acaso namorado no meio do sertão?!

Não, o amor já não existe para mim, não pode nem deve mesmo existir no meu peito.

Porem o que é isto que sinto?!

O que tem aquella mulher que quando me fitou pela primeira vez tanto me perturbou?

Que poder fascinador é o seu que me embriaga e arrebata?

Não, não quero que alguem seja superior á minha vontade.

Amanhã não torno a vel-a, fujo d'ella, porque conheço que me será fatal!

É rica, é mesmo muito rica segundo ouvi dizer, e todos, o mundo todo, diria que foi a sede insaciavel do ouro, o brilho d'esse metal vil e maldito, que me seduziu, diriam que mais uma vez vendi a minha alma, a minha consciencia, o meu nome e o meu titulo!

Não, não quero ser mais o joguete corticeiro, fragil, quebradiço, debil, d'essas vagas da opinião publica, não quero que ponham em duvida a minha regeneração completa pelo trabalho, pelo arrojo da empreza que me ligou ao dr. Arthur de Magalhães, e sobre tudo pela minha consciencia.

Mas dizia em seguida, o que é a opinião publica?

Em eu me tornando a apresentar em Lisboa cercado do fastigio da minha grande riqueza, enlameando com as rodas dos meus carros e com as patas das minhas soberbas parelhas aquelles que passam, em eu ensurdecendo com o tinir estridente do meu ouro aquelles que me cercarem, em eu offuscando com o brilho refulgente das minhas equipagens aquelles que me fitarem, torno a ser o elegante, o querido, o desejado marquez de...

Oh! como isto é doloroso para mim!

Ter que pensar na minha patria, nos meus amigos d'infancia, em todos os entes que me recordam, e não ter para elles senão este juizo frio, real e positivo a fazer!

Nem uma alma pura que comprehendesse os meus sentimentos ficou alem da immensidade d'essas florestas e d'esses mares rugidores?!

Que toleima, dizia elle logo, então não estou eu divagando sem motivo?!

Porque uma mulher é galante e naturalmente olha para um europeu recentemente chegado de Lisboa, já eu sonho futuros dourados?

Que parvo estou hoje!

Terei eu febre?

N'estes e outros monologos passou D. João mais de meia hora, sendo já a sua falta notada.

D. Candida inquieta com a ausencia d'aquelle que tanto a impressionara, foi com alguns convidados ao jardim, onde o seu instincto femenil advinhara que devia estar D. João.

Encontrado que foi, deu como desculpa uma leve dôr de cabeça motivada pelo calor das salas, mas que já estava bom, com o ar fresco da noute.

O baile terminou em seguida a um primoroso serviço de bebidas e doces de fructas do paiz.

Ao despedir-se de D. Candida, D. João sentiu a sua mão febrilmente apertada por ella, e este contacto fez-lhe de novo pulsar ardentemente o coração.

Chegados ao acampamento D. João deixou o dr. e D. Amelia na barraca, e foi dar expansão aos sentimentos desencontrados que lhe agitaram toda aquella noute d'insomnia.

Pensava n'este amor febril que se lhe apoderara abruptamente da alma nas terras de Caconda e depois de scismar muito entre vagas imagens do porvir resolveu ...o que resolvem todos os namorados—cousa alguma!

No outro dia Arthur e sua esposa escoltados por seis homens a cavallo foram dar um pequeno passeio.

O fim era procurar um rio, que sendo affluente do Cunene, tivesse agua para os pequenos barcos poderem navegar.

Os dois riachos que correm perto de Caconda, um a E. outro a O. o Cabala ou Cababa, e o Secula-Binza, ou Sucula-on-binza, levavam pouca agua.

Caminhando mais para O. o dr. achou que o Cubunje na confluencia do Catape tinha seis pés d'agua, o que era mais que sufficiente para navegar o *D. Luiz*, a *D. Amelia* e toda a esquadrilha de barcos de gutta-percha.

A distancia d'ali a Caconda era curta e depois de alongarem um pouco o passeio voltaram ao acampamento, dando o dr. ordem para no dia seguinte começar a exploração do rio.

Ainda não tinham descalçado as luvas de montar, quando D. Candida e seus paes chegaram ao acampamento para agradecer a visita do dr. e dos seus, e verem com minuciosidade todas as preciosidades europeas.

D. Amelia e o dr. fizeram as *honras da casa*, como convinha a pessoas das mais principaes da terra.

D. Candida tudo via com attenção e demorado exame perguntando pelas mais insignificantes minuciosidades, que lhe eram prolixamente explicadas por D. João.

Parecia que D. Candida tinha o maior desejo de prolongar o mais possivel a visita.

Ás seis horas veio o creado de meza dizer que o jantar estava servido.

Forçoso foi convidar as visitas a jantar, que não se fizeram rogar muito.

A alegria communicativa de D. Candida bem depressa restabeleceu a familiaridade entre todos, e bastantes saudes foram feitas com velho vinho do Porto, de que o pae de D. Candida bastante gostava.

Arthur fallou na viagem que projectava fazer ao Cunene, e encareceu por tal forma os seus barcos, que D. Candida manifestou o mais vivo desejo d'acompanhar D. Amelia.

Esta com a maior delicadeza offereceu-lhe logo um lugar a seu lado, no formoso barquinho, e o dr. convidou egualmente os paes, que não acceitaram, protestando a sua avançada edade; não podendo comtudo negar o pedido de sua filha, demais a mais feito com tanto mimo, meiguice e carinho.

D. Amelia com o seu fino espirito ajudou o pedido de D. Candida, porque bem comprehendeu o prazer que lhe causaria a viagem, não só pela belleza do passeio, como por ser feita na companhia de D. João.

Foi combinado que no outro dia ás 4 horas da manhã montariam a cavallo, dirigindo-se ao ponto escolhido pelo dr. para embarque, onde já a essa hora estaria tudo prompto para a digressão no Cunene.



CAPITULO IX

Aventuras extraordinarias no Cunene

A's seis horas da manhã em ponto estava tudo a cavallo, e foi dada a ordem de partir.

Arthur montava o seu formoso Arabi.

D. Candida, D. João e D. Amelia rompiam a marcha.

Seguiam-se mais cavalleiros que formavam a escolta.

Uma hora depois estavam todos na margem do Catape onde já se achavam os homens para tripular o *D. Luiz*, a guiga e os barcos de guttapercha.

Os camelos que tinham conduzido os barcos e as munições voltaram a Caconda, com ordem de tornarem ao mesmo sitio dois dias depois.

O dr. e as senhoras embarcaram na guiga, e D. João foi tomar a commando do escaler.

A noticia de que havia uns barcos, que iam navegar sem remos nem vellas, tinha já corrido de boca em bo-

ca, e o gentio com o seu costume de exagerar todos os acontecimentos, que não sabe explicar, attribuia ao dr. grande poder sobrenatural, para o que concorria muito a fama que o precedia desde o primeiro acampamento, motivada por essa luz deslumbrante de que dispunha a seu bello prazer.

Se o dr. se quizesse deixar adorar, não lhe custaria muito passar por divindade no meio d'aquelles pretos ignaros.

A manhã estava soberba, nem uma aragem movia as franças mimosas das frondentes arvores das florestas.

Milhares de passaros de differentes especies gorgeavam escondidos nas accacias odoriferas, nos fetos colossaes, e nas variadissimas euphorbias soberbas.

O *D. Luiz* e os outros barcos balouçavam-se magestosamente nas aguas do rio.

A bandeira das quinas, essa bandeira tão heroica dos nossos antepassados, dos descobridores d'Africa, America e Oceania, esse symbolo da nossa grande gloria, fluctuava soberanamente á pôpa das pequenas embarcações, attestando mais uma vez ao mundo, que os portuguezes d'hoje ainda são os mesmos do seculo quatorze, quinze e dezesseis, e que depois de espalharem o seu nome pelo mundo, depois de fazerem milhares de descobertas de terras longinquas, depois de descobrirem o caminho para as Indias, e escreverem com o seu proprio sangue a apotheose do seu nome, ainda hoje empenham as suas vidas e o seu bem estar, na cruzada da sciencia e da civilisação dos seus irmãos do continente negro, fazendo-lhes conhecer os progressos que a Europa culta tem introduzido no bem estar da sociedade.

Milhares de indigenas estavam pasmados na margem do Catape e Cobunje; o medo, o terror, a curiosidade e a admiração transparecia bem visivel no rosto de todos.

O *D. Luiz* suspendendo a ancora soltou o som estridente da sua valvula de alarme, e com o rapido movimento da sua helice singrou pelo rio abaixo.

As margens d'este rio eram quasi planas até Catanja onde havia umas pequenas colinas na margem norte.

Successivamente foram passando os confluentes do Cassuanbunda, do Londimba, Callirongue, Quinana-bang, Cuimba e outros riachos de menos importancia.

Com uma velocidade de quinze milhas por hora, foi vencida a distancia de sessenta kilometros até á confluencia do Cunene, tendo em alguns pequenos rapidos, de serem os barcos passados por terra á força de braços, e com este processo chegaram ainda assim áquelle ponto ás cinco horas da tarde.

Differentes vezes os barcos paravam para os caçadores atirarem a compactas manadas de bufalos, bandos de innocentes rolas cinzentas e verdes ou a gangas multicores.

O *Só* destro caçador, inseparavel d'Arthur, fazia tal provisão de carne fresca, que forçoso foi dar ordem para não atirar mais n'aquelle dia, por não haver onde transportar a caça.

Em cada paragem que faziam, alguns homens iam a terra cortar troncos de bao-babs, d'euphorbios gigantes, tamarindos, sycomoros e outras arvores, para alimento do estomago assás devorador do *D. Luiz*.

José, o bom cosinheiro, tratava do seu mester com a destreza que lhe era habitual.

Tinha nascido cosinheiro, e era capaz de fazer manjares

delicados, das sollas de uns sapatos velhos, quanto mais havendo tão variada e abundante profusão de generos.

Debaixo do toldo do *D. Luiz* foi improvisada a casa de jantar; magnificos e saborosos pratos foram servidos.

Á noite lançaram ferro, e o apparelho electrico de Mr. d'Homy illuminou o ancoradouro da arrojada flotilha.

O jantar foi um alegre passatempo, apimentado com largos e espirituosos ditos, com mais liberdade do que nunca, não só pelo tom que D. Candida imprimia á conversação, como pelo intimo convivio em que estavam, e mesmo porque o austero e bom capellão tinha ficado em Caconda substituindo o dr., e sempre a presença d'elle perturbava um pouco as expansões da mocidade.

Estavam á sobre-meza entregues aos *vivas* enthusiasticos que D. João levantava, quando a voz potente do leão em côro com os gritos estridentes da panthera, os uivos notivagos do chacal e os roncos medonhos do hyppopotamo, provocaram uma saude de D. Candida.

Bebo disse ella: á magestade imponente da noite, ao canto inimitavel dos seres da floresta e á gloria dos bravos europeus, que veem, cheios d'ardor, de vida e de coragem, desvendar ao mundo os mysterios profundos do sertão, e á gloria que os espera ao pisarem o solo da patria.

O dr. de pé, immediatamente correspondeu a este brinde tão levantado, proferido por essa mulher que tinha o dom de fascinar com a sua voz e com os seus olhares as pessoas que se lhe approximavam.

Tendo passado parte da noite em alegres conversações, foram os toldos fechados e ficaram apenas os vigias de vela, indo todos procurar o melhor modo de dormir algumas horas.

Só D. João e D. Candida não dormiam, um mesmo e unico pensamento os dominava, e não podendo em voz alta manifestar o que lhes ia n'alma, crusavam os seus olhares ardentes, que atravessavam a distancia que separava os dois barcos, como raios refulgentes d'um sol abrasador.

Ao romper d'alva largou a flotilha em pleno Cunene na direcção do nascente, isto é, com a prôa ao norte.

Tendo apenas percorrido duas leguas, foi forçoso parar, resolvendo o dr. virar de bordo; um rapido elevado se apresentava á prôa e muito trabalhoso era tirar os barcos para fóra, porque as margens ali eram elevadas bastante, sendo formadas a leste pelos contrafortes da serra Quiliba ou Bundo, que alterosa se divisava erguida nas terras de Fende.

Alguns naturaes com quem o dr. fallou, depois de bem presenteados, informaram-no que até Chiconde, distante d'ali pouco mais ou menos trinta milhas ao norte, segundo o que se poude deprehender dos termos de comparação, de que se serviam para medidas, havia mais tres grandes rapidos d'onde a agua se precipitava com força, sendo por isso impossivel a navegação, e que tambem logo acima do 3.º rapido havia uma lagoa chamada T'chicondi, mas que para o sul, evitando algumas pedras, era navegavel por muito tempo até ás terras de T'chabicua e Danguena, onde havia então uma grande cataracta, que um d'elles dizia ser mais alta, do que a altura a que n'aquella occasião ia uma ave fendendo os ares.

O dr. que achou este preto muito loquaz e conhecedor do rio, convidou-o a ir a bordo, e acompanhal-o na exploração de Cunene.

Foi difficil resolvel-o, mas com a dadiva d'uma peça de fazenda, uma cabaça de aguardente, um explendido collar de contas, e a promessa de mais fazendas ao regresso, o homem venceu o medo, e acceitou o convite.

Chamava-se este natural Kijaju, e tinha um bello typo de preto, sendo notavel a expressão intelligente dosolhos.

Trazia por toilete um panno de riscado a tapar-lhe os rins e as costas; como manto, uma rica pelle d'um leopardo, morto por sua propria mão.

O dr. soube que Kijaju era chefe d'uns destros caçadores de hippopotamos ou cavallos marinhos, em que o Cunene abunda, que era o melhor pratico do rio, e que havia mais de trinta annos o percorria em todas as direcções, ora em pequenas canôas ora pelas margens.

Por elle soube que o Cunene tem as suas nascentes no concelho de Mossamedes, no Ambo, e passa por muitas terras de mais potentados, fornecendo de abundante pesca os povos de Sambo—Quincollo—Lambuellos —Lucegue —Humbe —Dagona Solle—Hinga e muitos outros com quem Kijaju estava nas melhores relações.

Kijaju contou as innumeras caçadas feitas por elle e os seus, não só no Cunene, como nos differentes rios que vão n'elle lançar-se e a maneira como caçavam o hippopotamo, abrindo poços na margem do rio, onde os animaes cabem á vontade, e espetando no centro uma forte estaca de pau tão resistente como o ferro com a ponta bem aguçada.

Esta armadilha é tão bem occulta por capim, ramos e terra, que o animal passa resolutamente sobre ella, sem presentir o imminente perigo que corre.

De repente o seu proprio pezo abate os ramos, e o animal cae sobre a estaca, que o atravessa da barriga

ao lombo, e é então que elles ou o acabam de matar, on o deixam morrer sem mais trabalho.

A carne defumada ou secca ao sol, fornece-lhes excellente comida, que guardam para o inverno, vendendo os dentes e as pelles ás caravanas que se dirigem para a costa, ou nos mercados de Killengues Caconda ou Bihé.

O dr. sabia pelas viagens de Finlayson ao reino de Siam que nas margens do lago Miuggebi o effeito da musica sobre os hippopotamos foi tal, que bandos d'estes animaes seguiam os soldados da sua escolta, ao som dos tambôres e pifanos com que animavam a marcha, chegando tão perto de terra que a agua levantada com a respiração, salpicava, por vezes, o celebre viajante; quiz fazer elle mesmo a experiencia n'aquelle sitio, por lhe dizer Kijajú haver signaes nas margens, da existencia d'elles, e mandou tocar por um dos homens um *ariston* que levava para distracção.

Com grande pasmo de todos, alguns hippopotamos appareceram ao lume d'agua, e d'ahi a pouco tambem crocodilos formavam uma respeitavel guarda d'honra.

Á vista de tão variada companhia o dr. foi recordando o que em tempo lêra sobre a influencia da musica nos differentes animaes, e para entretenimento da sua hospeda contou que Chateaubriand viu no Canadá a terrivel cobra cascavel prestes a lançar-se á sua gente, abrandar as furias ao som d'uma flauta, e até seguir submissa o tocador para onde elle fosse.

Que na Allemanha era muito vulgar os caçadores empregarem o canto como chamariz dos veados, e fazerem assim boas caçadas sem gastarem muito a solla ás botas. Affirmou até que alguns animaes como o cro-

16

codilo e o elephante, tinham percepção e gosto musical, mostrando o seu desagrado quando os musicos davam alguma *fifia*.

N'este ponto D. Candida e D. Amelia riram tão estrepitosamente, que a estranha comitiva de jacarés e hyppopotamos se escondeu assustada debaixo d'agua.

Continuando depois a musica appareceu d'ahi a pouco a cabeça de um enorme crocodilo, naturalmente algum *dilectanti* que se estivesse em Lisboa seria assiduo frequentador de S. Carlos; mas ali como a musica era rara não perdia bocado.

O dr. que estava em maré de experiencias, quiz ver o resultado d'uma bala explosiva de grande força, dentro da barriga do animal, e no momento em que o extasiado reptil abria a bocca, talvez para pedir *bis*, Arthur apontou, e o tiro partio.......................

Oh! effeito surprehendente dos inventos modernos! Essas escamas corneas que resistem a balas conicas d'aço, á mais afiada faca de matto, que luctam com vantagem com os animaes de grande força que vêm ao rio beber agua, e sahem incolumes e victoriosos no fim do combate, essas massas resistentes como a couraça mais bem temperada, foram despedaçadas em milhares de estilhas e arremessadas a diversas distancias.

Kijajú ficou tão assombrado, que mais de cinco minutos não poude articular palavra, e ao primeiro accordo que deu de si rojou-se aos pés do dr. n'uma adoração reverente.

Arthur a muito custo o levantou, e lhe foi explicando que a bala tinha dentro um preparado, que quando tocava no alvo rebentava com tal força, produzindo os effeitos que vira. Porem Kijajú só percebeu o effeito e nunca na sua vida seria capaz de conhecer a causa, e

d'aquelle momento em deante votou ao dr. uma admiração e respeito, que bastaria o menor aceno, para se atirar a uma fogueira, se isso agradasse a Arthur.

O cortejo tão imponente de *dilectantis* desappareceu completamente, não gostando provavelmente do final da peça, e quem sabe se fazendo commentarios pouco lisongeiros para os musicos ambulantes, desejando talvez um *governador civil* cheio d'humanidade, que prohibisse nos rios d'Africa os tocadores d'Ariston, como nas ruas de Lisboa prohibiram o realejo de saudosa memoria.

A flotilha tendo avançado bastante para o sul, achava-se agora n'um ponto do rio onde as margens eram tão baixas, que formavam uma planicie extensa e formosa, coberta da mais florescente vegetação.

O *Só* e o dr. não poderam resistir a dar uma pequena volta á caça das codornizes, que Kijajú dizia serem ali abundantes.

Saltaram em terra. Immediatamente *Nadir* o perdigueiro de D. Amelia ficou parado, e em pouco tempo uma grande enfiada das gostosas e gordas aves guarnecia o cinto dos dois caçadores.

D. Amelia para não deixar a sua hospeda sósinha com D. João, tinha ficado desenhando a explendida campina.

O dr. depois d'admirar a uberrima vegetação dos campos, onde o milho, a mandioca, a canna, o inhame e outras culturas semi-selvagens disputavam a primazia entre si, para qual d'ellas havia de estar mais soberba, viçosa e frondente, voltou a reunir-se a sua esposa.

Distavam já poucos passos da praia quando d'um tufo d'arbustos saltou um formoso antilope de lombo azul escuro e peito branco, tão perto do *Só*, que este

mesmo com o chumbo miudo o feriu tão certeiro, como se fosse com uma bala. A carga embalada atravessara-o de lado a lado, de que o dr. muita pena teve, por não poder aproveitar a pelle d'aquelle exemplar raro n'aquelle sitio. Era um *blawe-back*.

O cosinheiro que não se importou com a qualificação, apenas encarando a caçada pelo lado culinario, ficou muito satisfeito com esta bella peça de caça que preparou para o jantar, com a sua destreza habitual.

O passeio interrompido continuou de novo.

Emquanto o dr. foi a terra, alguns dos seus homens entretiveram-se a deitar as redes, não perdendo o tempo, porque boa porção de *barbus* de grandes dimensões, foram apanhados, fornecendo á pequena expedição um variado prato.

Achavam-se já nas terras de T'Chabicua muito perto da cataracta de que já se ouviam os potentes mugidos, quando um bando de pretos armados de fortes arcos e zagaias, alguns completamente nús, e outros apenas com um sujo panno atado á cintura, guarneceram a margem, tocando um rude tambor ao som de guerra.

N'este sitio o rio era bastante estreito e o dr. que podia fazer fugir aquelles selvagens, ou desfazer um a um com as suas balas prodigiosas, não só o não fez, como o não faria senão em caso extraordinario, não podendo evitar as hostilidades e só em defeza dos seus.

O barquinho parou, Kijajú foi a terra parlamentar.

Voltou breve, dizendo que os selvagens não queriam consentir que o barco passasse, porem com a discripção que lhe fizera do poder do branco, ficaram indecisos pedindo para ver o effeito d'esses tiros em que não acreditavam.

Alguns tinham até rido quando Kijajú lhes affirmara que se o branco quizesse partiria o chefe em mil bocados, só com um tiro, que nem sequer os dentes se lhe aproveitariam.

O dr. de boa vontade accedeu ao desejo d'aquelles selvagens, e promptamente saltou em terra, não sem alguns cuidados por parte das senhoras.

Pedio-lhes que fossem buscar um animal qualquer para fazer a experiencia.

Foram logo a correr dois d'elles á aldeia proxima e voltaram com um carneiro.

O dr. aproveitou esta boa disposição e offereceu da sua aguardente ao chefe e este não só acceitou, como com a maior sem cerimonia, a foi dando aos homens que tinha comsigo, e a cabaça depressa foi esgotada.

A cada libação davam grandes estalos com a lingua em signal do prazer que lhes causava aquella bebida.

O carneiro foi amarrado a uma arvore e o dr. afastando-se uns cem passos fez fogo com toda a precisão e sangue frio, lembrando-se que a boa amizade de aquelles sujeitos, dependia de um tiro certeiro.

O pobre animal ficou desfeito! só a cabeça com os dois chifres ficou pregada no tronco da arvore!

Então operou-se um reviramento completo n'aquelles homens; a admiração, o espanto e o terror succedeu como por encanto aos modos bruscos e altivos que até ali tinham.

Prostraram-se em volta do dr., que de pé no meio d'aquellas massas negras, destacava altivo e nobre, conscio da sua superioridade.

Não foi possivel evitar ir á aldeia d'elles, e taes foram os pedidos humildes e respeitosos que fizeram, que

o dr. D. Amelia, D. Candida, D. João, o *Só*, o lingua e Kijajú foram de boa vontade ver o *Kilombo*.

Distava este uns trezentos metros da margem do Cunene, era guarnecido com uma forte estacada, que defendia umas trinta e tantas cubatas, construidas de canas em forma de funil com o tecto de capim.

A do chefe estava ao centro e era em tudo egual ás outras. Viviam estes selvagens da pesca e da caça ao hyppopotamo, mas como eram muito ignorantes pouco negocio faziam, a não ser com as tribus proximas, por que nunca quizeram ir aos mercados dos brancos, desde que havia annos as suas cabanas tinham sido incendiadas e alguns d'elles feitos prisioneiros e vendidos como escravos no Bihé, a um celebre Alves negreiro muito conhecido.

Estava tão arreigada esta aversão aos brancos, que Arthur era o primeiro com quem tinham relações havia bastantes annos.

Não de teve que se arrepender.

Foi tratado por todos com muita consideração e respeito.

O dr. sempre generoso fez alguns presentes, que apesar de insignificantes para europeus, foram muito apreciados por elles.

Não se pode descrever bem a viva sensação produzida por um pequeno espelho circular, d'aquelles que em Portugal uzam os soldados, offerecido por D. Amelia a uma rapariguita de dezoito annos, a primeira mulher do chefe, e pelo respeito em que era tratada parecia ser tida em grande estima por elle.

A rapariga ao ver o seu rosto negro reproduzido no vidro, fez o mesmo movimento que os gatos fazem em

identicas circumstancias, foi com a mão apalpar para se certificar de que não estava outra cara de carne e osso do outro lado, e apenas se convenceu de que era ella mesmo a propria que ali estava, possuiu-se de tanta alegria, que principiou aos saltos, e a rir como louca.

Outras raparigas, mulheres e velhas vieram ver a sua *belleza*.

D'ali a pouco, á porta da casa do chefe estava toda a aldeia feminina reunida e o pobre espelhinho já ia perdendo o seu crystallino polido; tal era o numero de pouco limpas mãos porque tinha passado.

O dr. contou que andava viajando para ver os costumes d'aquelles povos, e das suas terras, e que não sendo a sua expedição exclusivamente scientifica, tambem comprava productos do paiz, trocando-os por outros.

O chefe que tinha muita vontade de possuir uma espingarda e polvora, foi mostrar a Arthur grande quantidade de marfim, querendo effectuar a transacção.

A muito custo o dr. lhe fez ver que o barco não podia levar mais carga, e que fosse elle a Caconda onde seria muito bem tratado, fazendo-se ali o negocio, como fosse de vontade de ambos.

Depois de muito fallarem sobre o assumpto, do dr. lhe afiançar debaixo da sua palavra não haver já escravatura n'aquelles sitios, responsabilisando-se elle para que ninguem lhes fizesse mal, ficou assente que: o chefe iria a Caconda d'ali a quinze dias, acompanhado dos seus.

Kijajú ficou de os ir esperar ao caminho para os acompanhar ao acampamento do dr.

Eram horas de jantar e a noite ia-se avisinhando.

Uma verdadeira procissão veio acompanhar os *tou-*

ristes até o ancoradoro, e já cheios de confiança ouviram as explicações que o dr. lhes deu do vapor, como este se fazia, e como o *D. Luiz* e a guiga andavam movidos pelos seus motores especiaes.

Arthur resolveu passar ali a noite, e no outro dia de manhã ir então ver a cataracta.

O jantar já foi servido á claridade brilhante da luz electrica, sendo isto mais uma admiração para estes entes sem a menor noção do progresso, nem dos inventos modernos.

Arthur com o seu tiro extraordinario, com os seus barcos maravilhosos, com o seu espelho, e com a sua luz brilhante, e sobretudo com as suas maneiras serias, lhanas e affaveis, fez mais para a cultura d'aquellas intelligencias e para a civilisação d'aquelles selvagens, que tinham, e com razão, votado um odio implacavel aos brancos, do que todos os missionarios do mundo fallando-lhes uma linguagem cheia de mysterios de que elles não poderiam conceber o alcance. Á vista porem dos objectos praticos da civilisação, aquella gente com a maior facilidade comprehendeu, que havia outros povos, a quem o trabalho aproveitava facultando-lhes todas as commodidades, cercando-os do bem-estar de que instinctivamente elles sentiam a falta.

Estavam á sobremeza quando o chefe veio correndo dizer ao dr. que um bando de zebras se dirigia para a borda do rio e pedir-lhe para ir matar uma, de que muito desejava possuir a pelle.

O dr. empunhando immediatamente a sua explendida carabina de repetição, acompanhado do *Só* e sem levar o cão, seguiu o chefe.

Tiveram que caminhar muito cautelosamente, por-

que estes animaes são muito presentidos e teem o ouvido muito fino.

Arthur e os seus dois companheiros de rastos, umas vezes encobertos com o capim, outras protegidos pelos troncos das frondosas arvores, chegaram mui perto das margens onde os animaes bebiam.

Era um bando de mais de cincoenta formosas zebras, machos e femeas, de differentes idades.

Tinham combinado o dr. e o *Só* fazer fogo repetido apenas estivessem ao alcance de tiro, procurando matar o maior numero, não só para serem agradaveis aos selvagens, mas porque o dr. desejava para si dois exemplares, um d'um macho e outro d'uma femea.

Foi um verdadeiro tiroteio, os dez tiros das duas carabinas de repetição foram todos gastos e os caçadores que apenas se tinham servido de balas conicas, tiveram a felicidade de ver ficar quatorze formosos animaes estendidos sem vida.

Eram alguns machos tão formosos que apezar de terem um tanto do burro e do cavallo, apresentavam formas tão graciosas, vendo-se perfeitamente ser uma especie distincta.

A natureza parecia ter-se comprazido em listrar tão regularmente de preto e branco as femeas, e de amarello e preto os machos, que se fossem feitas as riscas a pincel e compasso, não seriam tão bem dispostas nem com tanta regularidade e symetria.

Os outros animaes que compunham o bando, fugiram espavoridos em direcção differente, n'um galope tão ligeiro, que o veado mais veloz se veria embaraçado para os acompanhar.

Numerosos indigenas accudiram aos tiros e o seu espan-

to foi immenso quando souberam que só dois homens, n'um momento tinham morto tão grande numero de zebras.

O prestigio do dr. augmentou ainda mais.

O chefe ordenou aos seus que conduzissem para a aldeia os animaes mortos.

Grandes padiolas improvisadas com troncos d'arvores transportaram a caça.

Arthur reservou para si um macho e uma femea da côr mais viva e brilhante, e do pello mais curto e fino, pedindo ao chefe que lhe preparasse as pelles, fazendo-lhe presente da carne.

Aquella noite foi n'aldeia noite de festa. Nunca tanta abundancia de carne tinham tido. Enormes fogueiras estiveram acesas até pela manhã.

Cabaças de *garapa* foram esgotadas e os *batuques* phantasticos, alegres e selvagens não cessaram em roda das fogueiras, onde grandes peças de carne se tostavam com um cheiro apetitoso.

O nome do branco era festejado com grande prazer e jubilo, e se não fosse a ordem expressa do chefe, a quem o dr. tinha pedido não o fossem incommodar de noite, teriam ido dançar á roda dè Arthur e dos seus.

Estes contentavam-se em ouvir ao longe os sons estridulos dos desafinados pifanos e tambores, e de vêr as phantasticas figuras dos pretos em danças diabolicas, atravez da luz vacillante do crepitar das fogueiras e das densas nuvens de fumo azulado e luminoso.

Á distancia que o dr. estava da *senzala*, era na verdade surprehendente vêr o quadro de cabalismo diabolico, que ao longe se divisava.

Dante, não conseguiria na sua imaginação fecundissima, conceber uma scena d'estas.

Comtudo a bordo da pequena flotilha, a não ser os vigias, d'ahi a pouco todos dormiam tranquillamente ao ruido dos batuques; cheios de confiança, como se estivessem no mais socegado, tranquillo e seguro acampamento.

De manhã o dr. proseguiu na direcção do cataracta que desejava vêr. Navegava lentamente quasi só ao impulso da corrente, porque os indigenas da *senzala* acompanhavam-n'o por terra.

Pelas dez horas do dia chegaram ás vertentes da serra *Chella*; forçoso foi tirar os barcos para a margem do rio, porque a velocidade da corrente era tal que já custava a governar.

Seis homens ficaram de guarda á pequena esquadrilha, agora em secco, e os restantes com a expedição, foram por terra até onde as aguas se despenhavam de uma grande altura.

Este alteroso rufego do alveo do Cunene, esta verdadeira cataracta, se não tinha a immensa magestade do Niagara, os seus negros abysmos, as massas colossaes das quedas americanas, o encanto d'essa formosa ilha das Cabras, onde a intelligencia e a vontade do homem amenisou o agreste da natureza, com as soberbas avenidas bordadas de arvores e flores, d'onde se gosa a mais surprehendente vista o que levou Mr. Eduardo Laveley a dizer: sim na verdade, aquillo é um espectaculo que não é do nosso mundo.

Se não tinha a immensa belleza d'essas grutas dos ventos e o conjuncto da obra dos homens e dos poemas da natureza, que inspiravam Chateaubriand, Trollop, Dickens, e outros illustres viajantes, que extasiados mal poderam descrever a impressão que sentiram

em frente d'essas massas enormes d'agua despenhando-se de tão grande altura, tinha tambem a magestade que impõe respeito e silencio, a belleza que fascina e o incognito do abysmo que surprehende e attrae!

O Cunene n'este sitio parece animado pelas corrente subterraneas que o engrossam bastante, formando antes de se despenhar um grande volume d'agua, que em cachões espumantes vae arremessar-se indomito, impetuoso d'encontro aos rochedos inpavidos e impassiveis, que como sentinellas perdidas, conscios do seu dever e da honra do seu posto, esperam a pé firme estes embates furiosos e successivos, sem estremecer sequer.

Cachões desfeitos em espuma de mistura com a corrente vertiginosa d'aguas esverdeadas e amarelladas, contorsem-se, esmagam-se abraçam-se e enleiam-se loucamente no frenesi do desespero, precipitando-se inconsciente e eternamente no abysmo, com a velocidade do raio.

Um ronco medonho e indiscriptivel repercutindo-se nas cavernas da serra, como trovoada horrida, alimentada continuamente por seres infernaes e invisiveis, ensurdece os ouvidos.

Phantasticas nuvens de pó liquido sahem do abysmo e passeiam vagarosas e tetricas pelas margens das fragas humidas e das brenhas inhospitas.

Cambiantes de luz incerta dão o tom de esmeralda, do rubi, da saphira e da opala á corrente que se despenha.

Depois...................................
o Cunene surge debaixo d'uma nuvem espessa de vapor, placido e sereno, como o vencedor das luctas titanicas da antiguidade mythologica.

O dr. e os seus companheiros contemplaram assombrados esta immensa cataracta ainda não visitada por europeus, e D. João servindo-se das placas de gelatina bromo-iodadas enriqueceu o album da expedição com mais uma primorosa photographia.

O dr. tambem determinou precisamente o lugar da queda d'agua, que baptisou com o nome de *Cataracta Candida* em honra da sua interessante hospeda, delicadeza que muito penhorou aquella menina, e principalmente D. João.

Custoso foi arrancar o dr. d'ali á contemplação de tão formoso espectaculo.

Era já tarde quando voltaram aos barcos e foi então que jantaram, porque nem d'isso se lembravam, tal era o sublime do espectaculo que admiraram, que tudo o mais esquecia, para o pensamento só se fixar ali, onde talvez nunca mais voltassem.

Despedindo-se dos seus recentes amigos o dr. ratificou novamente o ajuste d'irem a Caconda fazer permutação de marfim, por armas ou outros artigos, e em seguida mandou dar toda a força de vapor ao *D. Luiz* e toda a corda ao apparelho motor da guiga *Amelia*, para vencerem a corrente e chegarem o mais depressa possivel a Caconda.

No diario foi escripto sobre o Cunene as informações colhidas dos indigenas e outras que o dr. já tinha.

«O Cunene (a) é o maior rio do Zaire ao cabo da Boa «Esperança. É engrossado com varios rios e riachos, «sendo os mais importantes e conhecidos o Quando, o

(a) Vide. DICCIONARIO DE GEOGRAPHIA UNIVERSAL por uma sociedade d'homens de sciencia.

«Chirubia, o Cunhumgama, o Droma, e o Caculo-var, «que se lhe reune no territorio do Humbe, e é o seu «maior affluente.

«A sua foz vem designada em varias cartas por Nour-«se-River, nome que lhe deu em 1824 o capitão Cha-«pman, e o rio tambem é conhecido pelo rio dos elephan-«tes, que Fernando da Costa Leal lhe deu por encontrar «nas suas margens grande abundancia d'estes animaes, «quando em novembro de 1854 fez uma viagem d'explo-«ração até 35 kilometros da sua foz, vendo os enormes «bancos d'arêa que existem ali, tapando completamen-«te a bocca, que só na occasião das grandes cheias «são rotos e transpostos pelas aguas.

«Este rio é navegavel, mesmo no tempo da estiagem «por lanchas, até 300 kilometros da sua foz.

«Tem muitas lagoas proximas onde vive uma immen-«sidade de peixes, jacarés e hippopotamos.

«Nas suas margens abundam rebanhos de variados «antilopes, elephantes e outros herbivoros.

«No Humbe, isto é a duzentos kilometros da foz, a «sua largura na estiagem é de quarenta a noventa metros, «porem no tempo das chuvas, chega a mais d'uma legua.

«Nasce nas terras do Ambo no concelho de Mossamedes «e vae desaguar no oceano atlantico ao S. do cabo Negro a «17.º 15' latitude S. tendo descripto uma grande curva e banhando importantes territorios.

«O distincto naturalista José d'Anchieta foi encarre-«gado em 1875 pelo governo d'explorar o Cunene do «Humbe para baixo, porem sendo roubado pelos indi-«genas, viu-se sem viveres e doente, regressando extenu-«nuado e quasi milagrosamente a Mossamedes, sem «poder vencer a má vontade dos naturaes.»

Escrevendo estes e outros apontamentos no diario, chegaram ao ponto do desembarque e sem a menor demora voltaram ao acampamento, onde D. Candida muito grata pela maneira afavel como tinha sido tratada, se retirou para casa penhoradissima, e n'um ultimo olhar que deitou a D. João, parecia dizer-lhe que a sua alma e o seu coração ficavam ali.



CAPITULO X

Transformação de Caconda

O dr. que não tinha ido á Africa só para ver e contar depois, phantasiando mais ou menos, como era costume d'alguns exploradores, quiz deixar assignalada a sua passagem com os melhoramentos que podesse realisar nos sitios onde se demorasse.

Este homen não pertencia á escola dos palradores *sem fim*, que cousa alguma produzem; estava filiado na grande seita dos que praticamente trabalham.

Vendo portanto ricas quedas d'agua sem serem aproveitadas como motor mechanico, emquanto que centenares de pretas, com um calhau redondo, passavam a vida moendo o grão no concavo d'uma grande pedra, até que a farinha saisse pelo declive que esta mó improvisada tem, para uma esteira, trabalho insano, para as desgraçadas mulheres.

Com a sua palavra persuasiva o dr. levou os principaes proprietarios a construir açudes, e elle mesmo as-

sistiu á edificação de moinhos, segundo um risco seu, o que logo muito o elevou no conceito dos indigenas.

Egualmente montou uma poderosa serraria mechanica com o auxilio dos seus homens, e fundou uma sociedade para uma fabrica de tecidos com as fibras de certas plantas textis, em que muito abundavam os arredores.

A todos communicava a febre do trabalho; trabalho que segundo os principios mais modernos, daria o maior resultado, com o menor dispendio de braços, havendo portanto uma grande economia de capital.

Caconda tinha uma vida nova.

O bafo vivificante do progresso impellia aquella gente indolente por habito e nascença para o movimento activo, pratico e productivo dos grandes trabalhadores.

O terreno fertil de Caconda produzia abundantemente arroz, café, trigo, milho, feijão, abobora, batata, couves e em geral todas as plantas hortenses e flores da Europa e America.

Abundava tambem em ananazes, anonas, arossas, gano, guiba, imbondó, mamão, mendobi, muscimbo, papaya, ata, pitanga, tamarindo, zondo, massango, milhinho, massambala, luco, ovando e cangula ([a]).

Nos seus densos bosques de caceco, carcanjo, macamba, malanga, mubula, mutala-cambi, musci-aputo, pau d'oleo, espinheiro, jacarandá, páco, quitanga, tacula, pau ferro, donno, mafuma, quicongo, aliconda, imbodeiro, montonge, palmeiras e figueiras sagradas da India, colhem-se áloes, sumagre, suma-uma, benjoim,

(a) Nomes indigenas.

cardamomo, gengibre, almecega (incenso) e outras drogas muito apreciadas na Europa.

O dr. visitou todo aquelle uberrimo paiz e extasiava-n'o dia a dia as novas e maravilhosas riquezas agricolas que descortinava por toda a parte.

A natureza tinha porfiado em formar aquelle solo tão fertil, que parecia convidar os povos da Europa a colher com pouco trabalho os fructos opulentos da sua fabulosa vegetação.

Arthur que tinha resolvido passar em Caconda alguns mezes, para ali aclimar bem a sua gente, resolveu construir uma casa mais solida do que as barracas, e adquirir mesmo algum terreno, que era bastissimo, tendo assim um ponto firme onde permanecer quando regressasse, e que fosse o centro das suas operações commerciaes.

Com estes pensamentos poz logo mãos á obra, e em pouco tempo os seus homens construiram um elegante *chalet*, que foi o assombro dos mais ricos proprietarios e o modelo para futuras construcções.

O dr. aproveitou as pedras calcareas que abundavam no paiz e fez a cal, aproveitou a argilla e fez a telha, e as serras e as plainas mechanicas movidas pelas quedas dos rios que circumdavam a villa, fizeram-lhe rapidamente o vigamento, o soalho, as portas e os caixilhos.

Arêa e pedra não faltava.

D. Candida e D. Amelia, a quem uma forte amisade já ligava, assistiam satisfeitissimas á rapida execução das obras, e nos dias combinados sahiam a cavallo em passeio aos arredores.

Tanto uma como outra já estavam familiarisadas com

a equitação dos camelos, e havia dois sobre tudo a quem ellas tanta caricia prodigalisaram e gulodices deram que os tornaram seus escravos submissos, ajudando-as tambem a vencer grandes distancias em espaços bem pequenos, com tal segurança no passo, que incommodo algum causava ás audaciosas cavalleiras.

Já se vê, D. João era o cavalheiro constante n'estas digressões, e Arthur que muita satisfação sentia com o amor que via desenvolver entre o seu amigo e D. Candida, patrocinava como podia este innocente passa-tempo, esperando que no futuro formasse a felicidade de D. João.

Kijajú, o chefe dos caçadores com quem o dr. tomara relações no Cunene, veio avisal-o de que os T'chabicuas estavam proximos de Caconda com uma magnifica carregação de marfim.

D. João foi logo ao seu encontro, e com muita satisfação foi recebida no acampamento a tribu dos caçadores.

A estes homens e mulheres, que tanto tempo estiveram sem a convivencia do resto das gentes, foi feito o mais bizarro acolhimento, não só por toda a expedição como pelos habitantes de Caconda.

O chefe que tinha a mais cega e infantil confiança no dr. seguia-o para toda a parte como cão submisso.

As 100 pessoas de que se compunha aquella tribu, imitavam o seu chefe no respeito com que tratava os brancos e na amisade que dispensava ao dr.

As trocas de marfim, por espingardas, contaria, pannos e outros artigos que escolheram, foram realisadas a contento do chefe, e Arthur presenteou os principaes com os mimos, a que elles mostraram dar mais apreço, e não perdeu cousa alguma, por que o marfim que lhe

deixaram era muito, de primeira qualidade e de bastante valia.

Muito satisfeitos com os brancos, retiraram-se para as suas terras, sendo acompanhados pelo estado maior até longe de Caconda, havendo á despedida reciprocos protestos de amisade e promettimentos de futuras negociações.

Arthur mandou no outro dia partir alguns homens e camelos para Benguella vender o marfim e comprar outros generos que a liberalidade d'este já ia acabando, e de que em breve haveria falta.

Kijajú offereceu-se para conduzir os portadores por um caminho mais directo até Benguella, do que aquelle por onde vieram, isto pelas terras de Caluquembe e Dombe Pequeno, e por carreiros bem conhecidos d'elle, onde os camelos facilmente passariam.

A proposta foi acceite e Kijajú apesar da annuencia do dr. coçava na cabeça e não arredava pé de junto d'elle, enleado com o que queria dizer.

Arthur que comprehendeu que o preto queria alguma cousa, animou-o a fallar, com aquella lhaneza e benevolencia que lhe era propria.

Então Kijajú com muitos rodeios pediu ao dr. licença para nunca mais deixar de fazer parte da expedição, e para trazer a sua familia, uns vinte homens e mulheres, que offerecia ao dr.

Arthur commoveu-se com o offerecimento e com a forma porque foi feito, e abraçando o bom do preto, consentiu em tudo quanto elle quiz.

E não teve que se arrepender, porque no futuro Kijaju foi para elle mais do que um auxiliar; foi um amigo dedicado e fiel.

Nos seus passeios aos arredores, que ainda se não prolongavam muito, Arthur e o estado maior visitou algumas das povoações das terras de Anha, Huambo, Sambo, Quingolo, Fendi, Caluquembe, Quipungo e Galangue, limitrophes de Caconda.

Em cada passeio teve sempre cousas novas que ver e admirar; os seus albuns e o seu diario eram enriquecidos com vistas e descripções de grande valor.

A doze leguas de Caconda ficava a lagoa T'chiconde, que o dr. foi ver e determinar geographicamente.

N'este passeio foi acompanhado por 10 homens, todos montados em camelos, de que exclusivamente se serviam agora, não só pela rapidez do caminhar, como pela commodidade que offereciam os toldos dos seus apparelhos, que preservavam perfeitamente o cavalleiro da intensidade dos raios ardentes do sol.

D. Candida foi tambem convidada, assim como alguns proprietarios; e ao romper do dia a pequena caravana dirigiu-se á *senzala* de Matheus Pereira, que ficava no caminho, aproveitando o dr. ensejo para pagar a visita d'aquelle cavalheiro, que foi tão amavel e attencioso, a ponto de, com alguns dos seus, se encorporar na caravana.

O passeio era o mais agradavel possivel; a cada passo eram surprehendidos por bandos dos mais interessantes, variados e formosos antilopes. As *oryx gazella* de longos chifres rectilinios saltavam garbosas por entre as moitas espessas e fugiam espavoridas em companhia das *Beisas*, das *Lencoryx*, *das Hippotragus niger*, de grandes pontas recurvadas, que na sua carreira vertiginosa assustavam os numerosos *ranchos* de innocentes e gemebundas rolas, verdes, cinzentas e pardas,

que voavam apressadas de ramo em ramo, deixando atraz de si nos echos das florestas os seus suspiros d'amor.

Alcateias de *mus ratus, mus dorsalis, mus pumilio, euryotis, merionis, saccostomus lapidarius e pelomys fallax*, devoravam esfaimados larvas molles e indefezas.

Feitio [a] de caça grossa era encontrado a cada momento, dando a conhecer ao olhar experimentado do caçador, que o leão, o bufalo, a zebra, a panthera, o leopardo e o javali, pisavam familiarmente aquellas regiões.

Para amenisar os receios que a vista d'estes signaes podesse produzir nas senhoras, muitas *gangas* multicolores, patos de collos verdes dourados e cegonhas alterosas, voavam e passeavam em volta d'um *Ibis* negro e branco que magestosamente patinhava nas margens da lagoa, onde os visitantes acabavam de chegar.

O capellão contou aos seus companheiros, entre duas formidaveis pitadas de rapé, que o *Ibis* era a ave sagrada dos antigos Egypcios, que ainda o conservam como emblema, achando-se a sua figura gravada, desenhada, esculpturada e cinzelada por toda a parte, nos seus templos, nos seus pergaminhos, nas suas medalhas, nos seus obeliscos e nas suas estatuas.

Os sacerdotes e todo o povo prestavam-lhe um culto divino, e diziam que se alguma vez os deuses se quizessem mostrar aos mortaes, procurariam o *Ibis* para se encarnar, e muitos o julgavam immortal.

As leis puniam de morte, todo aquelle que ouzasse

(a) Termo de caçador, — pegadas, signaes etc.

matar o *Ibis* sagrado; a superstição e a ignorancia dos habitantes das margens do Nilo, attribuiam-lhe maravilhas estupendas, como por exemplo, o fazer ficar *mudo* e *quedo* o crocodilo, o jacaré e o hyppopotamo, e as mais venenosas e monstruosas serpentes, só com o roçar-lhe levemente com a ponta d'alguma das suas pennas!

Outros diziam que o *Ibis* se fecundava pelo bico, e que o *basilisco*, animal horrendo e fabuloso, nascia do ovo d'este ave, e ainda muitos outros asseguravam que o bemfazejo pernalta destruia os immensos cardumes de pequenas serpentes venenosas e os pequenos crocodilos que os esbraziados lodaçaes do Nilo lançavam aos milhares do seu seio infernal.

Pois meu caro capellão, disse dr., eram bons esses tempos, porem hoje que os naturalistas notaveis, como Buffon, Lynneu, Cervais, Gemais, Blamville e outros, fizeram, com os seus trabalhos sobre zoologia, desapparecer todas essas fabulas, o seu *Ibis sagrado*, não é mais do que uma pobre ave inoffensiva, como está vendo, alimentando-se sómente d'insectos, vermes, mariscos e pequenos peixes que encontra nas lagoas e nos rios, vindo d'essas regiões da Ethiopia, muito rara aqui n'esta parte da Africa, não para devorar serpentes, mas para augmentar a sua innocente prole, como toda a ave d'arribação.

Quem me dera, disse D. Candida, possuir uma d'essas aves, só para a observar de perto.

Como para satisfazer este desejo, um *Ibis* appareceu a passo magestoso e elegante a tiro d'espingarda, e D. João, como verdadeiro namorado, aproveitou a occasião de ser agradavel áquella que tanto amava e mes-

mo a cavallo metteu á cara e atirou .... então uma confusão medonha se estabeleceu na pequena caravana.

Um enorme bufalo, *bufalus caffer*, ferido pelo chumbo, saiu d'entre os matagaes de juncos, canniços e alto capim, onde estava escondido, e com as suas pontas temiveis se lançou furioso ao camelo montado por D. Amelia, com tal impeto que o animal e cavalleira foram arrojados á lagoa.

Sem que houvesse tempo de se defenderem do desesperado e potente bufalo, já este tinha arremettido com o camelo montado por D. Candida.

Cada pessoa procurou no primeiro impulso natural, tratar somente da propria salvação, mas isto foi momentaneo e um arrojado ex-marinheiro da comitiva do dr. lançou-se corajosamente á fera de faca de mato em punho, tentando cortar-lhe os tendões.

O animal voltou-se para este inimigo, que se atrevia a arrostar com a sua poderosa força, n'um momento os chifres aguçados d'elle rasgaram o ventre e o peito do desgraçado!

D. João foi o primeiro que se poude servir da sua carabina de repetição carregada com balas explosivas, e apeando-se d'um salto avançou rapidamente para o monstro e quasi á queima roupa desfechou a arma, e parte do tronco da damnada fera foi esmigalhado e desfeito pelo poderoso explosivo!

D. Amelia apenas soffreu o susto e uma molha de lodo e agua suja da lagoa onde fora arrojada.

O camelo montado por D. Candida é que estava com parte dos intestinos a sairem por dois buracos que a fera lhe fez na barriga, mas que se reconheceu não se-

rem feridas mortaes, e depois de lhe ser applicado o tratamento conveniente, podia regressar a Caconda.

Este passeio que começára tão alegre, ia terminar com o primeiro pesar que Arthur e os seus sentiam desde que pisavam o solo africano,— era a morte d'um companheiro!

Era a primeira cruz que a expedição cravava na crusta d'aquelle continente negro, aonde tantas outras teem sido deixadas a assignalarem a passagem dolorosa dos martyres, que teem tido a temeridade de querer devassar os mysterios do sertão.

O regresso a Caconda era uma procissão d'enterro; cabisbaixos, chorosos e tristes, acompanhavam o cadaver do desgraçado companheiro, deitado no dorso d'um camelo, e o padre psalmodiava d'espaço a espaço as orações dos finados!

Um reptil ascoroso atravessou d'um salto pelo meio da caravana; era a cobra voadora, como lhe chamavam os indigenas, *Naja negricolis*, a qual com a sua baba pestilente envenenou os despojos do bufalo, para que ninguem ouzasse tocar na carne d'aquelle que tinha causado a morte do generoso e heroico companheiro do dr.

Chegados a Caconda, a desgraçada victima do triste accidente, teve uma sepultura christã!

E o pranto dos seus amigos regou aquella solitaria campa, que acabava de se fechar sobre os restos do irmão, que tinha partilhado dos mesmos trabalhos e dos mesmos perigos.

D. Amelia por mais que fizesse não podia dominar a prostração physica; e o abatimento moral em que estava, e uma violenta febre se assenhoreou d'ella por fim.

CAPITULO XI

A Escravatura

Alguns dos homens que acompanharam o dr. á lagoa, tambem deram manifestos signaes de doença grave.

Era a primeira nuvem negra que apparecia sobre a expedição a annunciar talvez horrendas tempestades.

Assustàdor era o estado de D. Amelia, de quatro homens da expedição á lagoa e de D. João, que tambem adoecera.

A febre não cedia ás altas dozes de quinino e não obedecia á applicação interna da terebinthina, que até ahi tinha dado excellentes resultados nas febres palustres.

O dr. já desesperava e mal dizia a impotente sciencia, em casos declarados fataes pela natureza.

D. Candida não sahia do *chalet*, e ora junto da sua amiga estremecida, ora á cabeceira d'aquelle que já considerava seu noivo, passava os dias e as noutes sem descançar um momento, não cedèndo a ninguem este dever de caridade.

Assim se passaram longos e tristes dias, ate que finalmente os doentes á força de tantos cuidados e carinhos foram a pouco e pouco entrando no periodo da convalescença.

Já não era segredo em Caconda o amor que o marquez e D. Candida sentiam um pelo outro, e os velhos paes d'esta eram os primeiros a desejarem o casamento, que dava a sua estremecida filha o titulo de marqueza de...

Só D. João sentia uma repugnancia invencivel no seu orgulho de fidalgo arruinado, em desposar a herdeira d'uma fortuna de quinhentos contos, não tendo elle sequer um real de seu.

Estes nobres escrupulos foram-se desvanecendo a pouco e pouco e só se esperava pelo completo restabelecimento de D. João, para se celebrar as nupcias.

O dr. não podia estar parado muito tempo, o movimento fortalecia-lhe o corpo e o espirito.

Como os doentes já não exigiam os seus assiduos cuidados, escolheu doze homens dos mais incançaveis e com o *Só*, o cozinheiro e Kijajú, que nunca mais o deixou, formou uma escolta tão resoluta, intelligente e prompta, que não temia arriscar-se em todos os paizes entre Caconda e o Bihé.

Todos montados em camelos percorriam distancias espantosas em todas as direcções, permittindo-lhes o virem muitas vezes ficar a Caconda, fazendo observações e reconhecimentos importantes.

O dr. não perdia nunca o ensejo de travar relações commerciaes com todos os povos circumvisinhos.

Os habitantes das terras do Nano, Huambo, Caquingue, Quingolo, Sambo, Moma e Bihé, já o conheciam

bem e faziam boas ausencias do branco que *tinha a lua*.

Ganguellas, [a] Nhembas, Bundas, Gonzellos, todos mais ou menos tinham tido occasião d'ouvir o dr. e de fazer com elle trocas vantajosas.

Arthur ia *fazendo furor*.

Com um dom com que a natureza o dotara de se fazer respeitar, estimar e desejar, tornava-se indispensavel.

É verdade que tinha adivinhado o segredo de viver com aquellas gentes — audacia, justiça e bondade constituiam o codigo por onde se regia e que tanto lhe aproveitava.

O dr. não perdia a menor occasião de estudar tudo quanto na flora e na fauna se lhe apresentava de novo, e o seu diario exhibia já um bom subsidio scientifico, onde a ethnologia, a ethnographia e a ethopea d'aquelles povos occupavam tambem um bom lugar.

Em uma das suas excursões Arthur ficou maravilhado pelo encontro d'uma aldeia de termites.

Tudo quanto tinha lido em Livingstone, Cameron, Smeathman, Stanley, Serpa Pinto, Capello e Ivens e outros, sobre estes insectos, ficava muito á quem do quadro que tinha deante dos olhos.

Julio Verne no seu *Heroe de quinze annos na Africa* e nas suas descripções do primo Bénédict, não nos deu mais que um esboço da maravilha que o dr.observava.

Não sabia, dizia elle depois, como já o disse um sabio explorador, se admirar mais o trabalho d'aquelles animaesinhos, se as obras collossaes feitas pelos homens!

(a) Raça de pretos que occupam uma grande parte dos territorios de que estamos tratando, e que se divide em outros grupos, com outros nomes.

A termite com o seu pequenino corpo edifica uma habitação d'argilla de dois e tres metros d'altura, com a forma d'um cone, dividida em cellulas regulares e bem dispostas, onde estabelece com tal ordem a vida domestica, que a sua intelligencia tem preoccupado os mais sabios insectologistas.

Quando Arthur admirava este prodigio, recolhia uma cohorte aos seus quarteis carregada de ovos e larvas.

A maneira arrogante como marchavam, e o garbo imponente das suas evoluções militares, davam bem a conhecer que vinham da guerra, aonde a *sorte das armas*, as havia favorecido!

Um dos guias disse que as *m'bunji* (formigas brancas) eram um dos melhores manjares dos Bihenos, que as comem cruas e sem mais tempero!

O dr. fez uma careta, porque só o cheiro d'ellas enoja o estomago do europeu mais *comilão!*

José porem, como bom cozinheiro, sempre foi dizendo, em summa são gostos, talvez com limão e pimenta se podessem levar.

E não contente com isto, quiz provar, mas tal careta fez, e tanto cuspiu, que todos riram deveras á custa do rapaz.

Estavam descançando á sombra das copadas arvores emquanto Arthur tirava a photographia da aldeia das termites.

Ao longe sentiram os gritos dilacerantes de quem está soffrendo atroz supplicio, ouviram os passos e vozes de grande comitiva.

Os ouvidos experimentados dos guias reconheceram logo ser uma leva d'escravos, que se dirigia por aquelle ponto.

O dr. estava apenas com doze homens dos seus, o *Só*, Kijajú, o cosinheiro e dois guias interpretes, nos quaes percebeu manifesto desejo de fugir.

Ordenou a dois dos seus que guardassem bem os guias, sem os quaes não podia passar, fez-lhe ver que não corriam perigo algum na companhia d'europeus.

Occultaram-se quanto poderam atraz das arvores, e esperaram.

Não era o receio de serem atacados pelos guardas da desgraçada caravana que levou Arthur a tomar esta previdencia.

Era porque considerava uma villania e uma cobardia, deixar passar uma leva d'escravos sem empregar todos os meios possiveis para os libertar.

A caravana approximava-se e o dr. com o seu soberbo binoculo já distinguia atravez d'uma clareira da floresta, as victimas e os algozes.

A pouco e pouco foi-se vendo distinctamente.

Caminhavam n'uma extensa linha presos uns aos outros pelo pescoço, com uma forquilha de madeira grossa e pesada com as mãos algemadas atraz das costas.

Creanças de quatro a seis annos amarradas com uma colleira como cães, iam acorrentadas ao pescoço dos paes ou d'outros individuos.

As mulheres tinham a mesma sorte dos homens e ainda para maior tormento, carregavam ás costas com os filhos pequeninos, a quem amamentavam, muitas vezes, com o proprio sangue, quando por falta d'alimento, da fadiga e dos soffrimentos se lhes seccava o leite!!

Eram uns cem desgraçados, entregues á guarda de cincoenta ferozes pretos e tostados árabes, com a carabina em bandoleirá e o azorrague na mão, sempre prom-

ptos a fustigar algum destitoso martyr que se atràzava um pouco, por lhe faltarem as forças para caminhar.

Parecia que vinham de longe; os pés feridos, a extrema magreza e o passo vacillante, árrastando-se alguns até, assim o indicava.

O dr. e os seus saiu ao encontro d'estes infelizes, prompto a resgatal os fosse como fosse, ou por compra ou á força.

O apparecimento inesperado do dr. e dos seus dezessete homens, montados em soberbos camelos, o aspecto imponente das armas e a fama, que se espalhara n'um raio extenso, da intrepidez da expedição, causou tal terror nos pusillanimes guardas, que sem mais se consultarem, desorientados, perturbados, tremendo como o assassino em face do seu juiz, procuraram na fuga livrarem-se dos perigos phantasmagoricos que a sua cobardia lhes fez antever.

Alguns abandonaram as compridas lazarinas ([a]) suas companheiras inconscientes e passivas, d'annos gastos em rapinas e morticinios, levando com seus possuidores, a morte, a desolàção e o captiveiro, a milhares de povoações.

Arthur sereno e resoluto deu ordem aos seus que perseguissem e aprisionassem o maior numero de guardas, porque depois liquidaria responsabilidades.

Os valentes e intrepidos companheiros do dr. sem exitar sequer um segundo, internaram-se na espessura da floresta e abandonaram os camelos, por não poderem servir-se d'elles.

(a) Espingardas.

Em pouco tempo trouxeram á presença do dr. dez guardas que poderam encontrar.

Arthur, os guias, José e o *Só*, com alguns instrumentos de que sempre andavam precavidos, tinham entretanto quebradas as ignominiosas algemas e destruido as cruciantes forquilhas.

Os frascos de preciosa aguardente e algumas conservas, animaram os desgraçados mais faltos d'animo e de forças.

Arthur passado o primeiro momento d'impressão dolorosa a que o seu nobre coração não poude fugir, pensou seriamente no caso.

Reprimida a colera que lhe refervia no intimo, amainada a tempestade que se lhe desencadeou n'alma, apagadas as chammas que lhe refulgiam no olhar, transformando-se por uma força ingente da sua poderosa vontade, poude rebalsar o sangue na sua corrente impetuosa, e calmo, frio e tranquillo, dirigio-se aos seus prisioneiros.

Estes conscios das suas depredações flagiciosas, fraudulentas, infames e vis, tremiam de medo, julgando chegado o seu ultimo momento.

Um dos arabes que parecia distinguir-se dos seus companheiros pelo melhor equipamento e vestuario, uzando até o *luxo* d'um jaquetão sobre a pelle tostada pelo sol equatorial, estava ridiculo de pusillanimidade baixa, tacanha e grosseira.

Era o capitão d'aquella cohorte de bandidos, tinha sido o braço direito do afamado José Antonio Alves, de Pungo Andongo.

Era o arabe Hamis, alma damnada d'aquelle villissimo preto Alves, companheiro forçado de Cameron em

1874 de Kilembe ao Bihé, e que tão nefastamente influiu no espirito d'este explorador, fazendo com que as apreciações do seu livro a nosso respeito, fossem tão cheias d'odio e falsidades.

Alguns indignados e patrioticos escriptores portuguezes sairam a campo a rebater e desfazer uma a uma essas impressões indeleveis produzidas por elle no animo de toda a Europa culta.

Este José Antonio Alves, bem como Marianno (já fallecido) de que nos falla Livingstone na = *Explorations du Zambeze* — e um celebre Coimbra do Bihé, mereciam um capitulo especial, taes teem sido as atrocidades por elles commettidas.

Todos estes homens teem sido mais ou menos influentes no grande commercio d'escravos que se fez no litoral d'Africa, que ainda hoje se faz e que se fará por longos annos no interior.

Porem limitamo-nos a uma nota, para não nos afastarmos muito do nosso assumpto, e só para mostrarmos mais uma vez ao mundo, que este Alves tão apregoado, é tão portuguez e branco como quem escreve estas linhas é chinez e usa rabicho.([a])

(a) O sr. Serpa Pinto fallando d'este personagem diz:.....acampava.......a dois kilometros da libata de José Alves. Era já noite e por isso aguardei-me para ir no outro dia ver este personagem, que Cameron tornou conhecido de todo o mundo.

José Antonio Alves é um preto (pur sang) de Pungo Andongo, que como muitos d'ali e Ambaca, sabe ler e escrever. No Bihé chamam-lhe branco, porque ali todo o preto que uza calças e sapato de liga e guarda sol, é tratado assim. Em Benguella levam a condescencia a charmar-lhe mulato, um pouco escuro, mas a verdade é que nas suas veias não «ha uma gotta de sangue europeu,» e que elle é preto não só na côr, como na ascendencia e quiçá na alma. Veio para o Bihé em 1845, onde foi empregado de um sertanejo e depois começou a negociar por sua conta propria......

Vive como preto, tendo todos os costumes e crendices do gentio ignaro. Quando cheguei á casa de José Antonio Alves, estava elle decidindo um «mucano» (pendencia, ou melhor, roubo auctorisado pelos costumes.)

Informado da questão, soube que um empregado do mulato José Alves seduzira

O seu verdadeiro nome é Kendelé e o nome portuguez com que se chrismou, servio-lhe para melhor cobrir o seu negocio de *cabecinhas*, e a nós para nos desacreditar aos olhos de toda a gente, fazendo crer que os portuguezes ainda hoje negoceiam no nefando e horroroso commercio d'escravos.

. . . .

Arthur procurou primeiro saber a que paiz ou tribu, pertenciam aquelles infelizes, e interrogando Kamis, este não quiz responder uma unica palavra.

Então Arthur interrogou alguns d'elles.

Causa o maior horror as scenas que elles descreveram, com a sua linguagem falta de termos, mas com a expressão vibrante da verdade, que tão patente estava.

Uns eram de longiquas terras arrebatados em pequenos dos braços das mães, não sabiam qual o lar que os vira nascer. Toda a sua vida tinha sido uma perpetua escravidão, e o mudar de senhor, não os incommodava muito. Os maus tratos recebidos no caminho, a fome e as chicotadas, eram as unicas cousas que os preocupava.

Outros tinham nascido nas terras do sul, para alem do Cunene, do Ovampo, do Chobe, e alguns até viram a primeira alvorada da vida no paiz dos makololos, no

---

uma das amantes d'este, e como o rapaz nada tinha de seu, elle fez-lhe um mucano á familia da mãe que possuia alguma cousa, exigindo em paga do delicto, um boi, ou uma cabecinha (escravo) para ficar limpo o seu coração. Isto me disse elle, passando a palma branqueada da sua mão negra por sobre a parte da caixa thoraxica onde se alberga aquella viscera, nos que a teem para uma cousa differente de alimentar a vida physica com os seus movimentos de sistole e diastole. Que a elle servia para ser limpa de vez em quando com um mucano percebi eu.......

Retirei-me lastimando pela primeira vez a Cameron, por ter sido forçado a tal companhia por tanto tempo.

interior, ou nas margens do lago Ngami, do Macaricari, ou no deserto de Kalliharry!

A razia tinha estendido as suas aduncas garras para muito longe.

N'uns sitios compravam os filhos aos paes em troco d'um cachimbo, d'uma botija d'aguardente, d'uma faca, d'algumas missangas ou d'outro objecto de egual valor!

N'outros recebiam-n'os dos proprios parentes, em pagamento de dividas atrazadas!

Muitos havia, que tinham sido comprados a troco d'algumas cargas de polvora, ás tribus vencedoras dos seus vizinhos de senzala.

E quando estes meios falhavam, a *razia* fazia a guerra por sua propria conta, e depois de cercarem uma povoação e de a incendiarem e arrasar, de faca ou machado em punho cortavam nos membros dos que se não rendiam, como o lenhador possante em vasta floresta.

E de uma povoação de duzentas pessoas, ficavam, ás vezes, dez ou quinze sobreviventes áquelle morticinio de canibaes, que eram arrastados de grossa corrente ao pescoço ou presos á horrorosa forquilha, sem ao menos poderem abrigar das feras o corpo d'aquelles que lhes eram caros!

E quantas vezes não arrastavam elles proprios, na sua via dolorosa atravez das sarças e dos espinhos, dilacerantes, o cadaver do filho acorrentado ao pescoço, sem que os barbaros conductores lh'o quizessem separar!

Os açoites do chicote, a fome, o cansaço, a fadiga, a sede, o calor e o clima ia disseminando pelo caminho os desgraçados, e a leva que ao partir se compunha de duzentos e tantos infelizes, chegava na maior

parte dos casos aos mercados, ou ao sitio do embarque, reduzida a menos de metade!

O dr. sabia pelos jornaes que uma generosa crusada se tinha organisado na Europa contra o trafico da escravatura, e que uma esquadra combinada de navios portuguezes, allemães, inglezes e d'outras nações, crusava na costa d'Africa, afim d'evitar o embarque de escravos para Mascate, Madagascar, Cuba, Ilha Bourbon e muitos outros sitios conhecidos como mercados d'este deshumano commercio. Mas o que os esforços da Europa colligada não conseguirão nunca, é que o trafico cesse no interior, porque as esquadras poderosas não podem navegar no centro da Africa e impedir os mercados de Nyangué no Manyena na região dos grandes lagos, nem o de Ujiji, o de Uhha, Urundi, Uzigé, Ubuari, Uvinza, Uguha, Vuajiji, em Samba, Marera, nas margens do Lualaba, do Kunda, e das florestas de Milamba e nos de todas as terras do interior onde habitam os arabes, por isso a escravatura hade existir sempre no centro da Africa emquanto o passar dos seculos não levar áquelles sertões as leis da civilisação.

E as esquadras que já hoje crusam os mares das regiões africanas compostas pelos allemães dos navios —Sophia, Carola, Mœwe, Leipsic, Pfeil, e Schwalbe, com setenta boccas de fogo, pelos inglezes com a Agamemnon, Boadicea, Garnet, Griffon, Algerine, Penguin, Stork, Osprey e Mariner, com noventa boccas de fogo, e pelos portuguezes com a Affonso d'Albuquerque, Mindello, Rainha de Portugal, Tamega, Liberal, Douro, Zaire, Quanza e Zambeze, com quarenta e quatro boccas de fogo, são impotentes contra os negreiros e o seu vil commercio.

Escusado será que as nações imponham umas ás outras responsabilidades, a verdade pede se diga que todas teem mais ou menos negociado em escravatura.

Não são os homens d'alma e de coração que teem feito a escravatura, não são os governos d'agora, os sabios, os philosophos, e os philantropos, não são estes, são os réprobos de todas as sociedades e de todas as nações, aquelles que já não teem patria, familia, honra, consciencia e vergonha!

Para elles não ha lagrimas, não ha dores, não ha sentimentos, existe apenas o *lucro*, o ouro, a riqueza!

As suas mãos callosas, só se amaciam com o sangue dos tristes, o seu coração duro e frio, só se amolece com o ouro que as lagrimas ardentes das suas victimas fundiu no cadinho dos mais cruciantes e dolorosos soffrimentos!

Esqueçamo-nos que Fleuriot de Langle ainda em 1862 assistia em Bonny ao carregamento d'escravos que dois brigues hespanhoes artilhados com vinte peças, faziam abertamente. Que o major Denham em 1828 tomou parte, eventualmente é verdade, no ataque de Deskolla, uma das principaes cidades dos Felatahs, dirigido pelo seu companheiro de jornada o famigerado e furibundo Bou-Khaloum, juntamente com os Mandarans e os Bornouens, e que o unico fim d'estes selvagens arabes, era fazer escravos e roubar os despojos dos vencidos!

Esqueçamo-nos que o *Times* ainda ha pouco publicava um telegramma, [a] dizendo que um navio com ban-

(a) Vide Diario de Noticias n.º 8143.

deira franceza embarcou cincoenta escravos em ***Zampa***, em presença dos escaleres do navio de guerra inglez *Griffon*.

Esqueçamo-nos que o conde de Lavradio, aproposito d'uma annexação que os inglezes quizeram fazer ás suas possessões da nossa ilha dos Elephantes, disse a lord Russell, e este não o ouzou contestar:

«Não duvido que haja portuguezes que desgraçada-«mente se empregam no trafico, mas ***maior é ainda o «numero de inglezes***, que n'elle se empregam, e que vi-«vem do seu producto.

Esqueçamo-nos que Stanley anda e andou em companhia do maior negociante de escravos da actualidade o arabe Tippo-Tibe.

Esqueçamo-nos da narração d'um celebre viajante, que visitou o mercado d'escravos no rio de Janeiro, e que diz horrorisado: «fomos visitar o mercado d'escra-«vos para vermos o modo porque ali se effeituava este «trafico vil e que tanto deshonra a humanidade.

«Achámos centenas de desgraçados negros quasi nús «arrebanhados nos armazens; tinham-lhe rapado as ca-«beças e fazia estremecer vel-os todos accocorados no «chão ouzando apenas mover-se.

«A maior parte dos expostos eram creanças, e quasi «todos marcados com ferro em braza e em geral essa «marca havia sido applicada nas partes nobres.

«Algumas raparigas tinham este cruel ferrete sobre «os peitos!

«Em consequencia da immundice em que veem met-«tidos a bordo das embarcações, amontoados e agri-«lhoados n'uma parte da coberta, e tambem pelos maus «alimentos que lhes dão, que consistem apenas em um

«bocado de carne salgada, toucinho e farinha de pau, «ou de feijão, estas miseraveis creaturas veem reduzidas «á pelle e osso quando desembarcam, em breve todo o «corpo se lhes enche de pequenas borbulhas, que arre«bentam e vão lavrando, tornando-se afinal em uma «chaga.

«A miseria e a fome lhes faz perder o luzidio da pel«le, torna-se-lhe esta aspera e escamosa, e bem depres«sa aquelles desgraçados se podem comparar mais a «animaes selvagens do que a figuras humanas.

«Quando se vendem os negros, são examinados co«mo se fossem cavallos.

«Para lhes tirar o ar melancolico que teem de ordi«nario, costumam misturar-lhes na comida, pimenta, «gengibre, e até tabaco!

«Se isto não basta, quando se espera o comprador, «chove-lhe em cima uma nuvem de socos, pontapés e chi«cotadas, ou os espicaçam como nas nossas feiras cos«tumam os lavradores fazer aos bois para os tornarem «espertos.

«O dono da armação de escravos, sae fora em pro«cura de freguez e os offerece, como se fossem generos «ou mercadorias de commercio, assegurando e exage«rando a bondade da sua raça.

«Immediatamente faz levantar os negros que o com«prador designa e com o açoute na mão os obriga a «mostrarem a sua agilidade.

«Examinam-lhes os dentes, apalpam-lhes fortemente «as espaduas e canellas, fazem-lhes emfim quantos exa«mes é uso fazer-se aos cavallos.

«Desde o amanhecer até a noite encontram-se milha«res de negros ladinos vagueando pelas ruas em pro-

«cura de trabalho; os mercados e os caes estão cheios «d'elles e nem um só passo se pode dar pela cidade, «sem que venha logo um negro pedir alguma cousa.

«Estes escravos são obrigados a sustentar-se á sua «custa e a levarem á noite a seus senhores uma certa «quantia, ordinariamente de uma a duas patacas, aliás «são castigados.

«Porem se ganham mais que a quantia pedida, isso «pertence-lhes e o vão ajuntando para pagar, quando «em outros dias não acham trabalho.

«Muitos senhores mandam trabalhar os seus escra-«vos nas pedreiras, outros mandam-os em busca de «bichinhos, os quaes hoje são mui procurados para or-«natos de vestidos e grinaldas para senhoras.

«A sêde do ganho é tal, que se toleram e até se pro-«movem as maiores indecencias com as escravas, com «tanto que isso dê dinheiro.

«Arrancam-se os filhos ás pobres mães, vendem-nos «por cincoenta ou sessenta patacas.

«O dono dos escravos casa-os e descasa-os a seu bel-«lo prazer e vende quando lhe faz conta a mulher e o «marido a diversas pessoas, de modo que muitas vezes «não se tornam mais a ver.

«E ouzam ainda queixar-se esses especuladores de «carne humana, do empenho com que as nações cultas «da Europa têm procurado abolir este vergonhoso tra-«fico?

«Esqueçamo-nos que Livingstone diz na sua *Explo-«rations de Zambeze et de ses affluents:* En arrivant à «Mazaro, situé á l'embouchure d'une crique étroite, qui «pendant l'inondation, communique avec la rivière de «Quilimané, nous trouvâmes que les Portugais etaient

«en guerre aveec un certain *Mariano* métis presque, «toujours en revolte, et qui possedait tout le pays á «partir de Mazaro, jusqu'a l'embouchure du Chiré, oû «il avait construit une estacade.

«Plus connu sous le nom de Matakénya qui lui don«naient les indigènes et que signifie tremblant ou fre«missant, comme font les arbres pendant l'orage, Ma«rianno etait un *chasseur* d'esclaves et entretenait un «corps nombreux de mousquetaires.

«C'est une grave erreur de supposer que le trafic des «hommes consiste simplement, comme tous les autres, «dans l'achat et dans la vente; ou de croire qu'en Afri«que on peut engager des travailleurs, ainsi que celá «se fait dans l'Inde. Marianno, comme tous les portugais «de cette region, n'avait pas de bras à cèder aux fran«çais.

«Il envoyait donc ses bandes armées faire des razzias «d'esclaves chez les tribus pacifiques du nord-est; puis «conduisait les malheureuses victimes á Quilimané ([a]) où «elles êtaient vendues par Cruz Coimbra son beau-frère «et embarquées pour l'ile Bourbon en qualité d'emi«grants.

«Tant que ses rapines et ses meurtres ne frappèrent «que les natifs des provinces lointaines, les autorités «portugaises ne s'en mêlérent pas.([b])

«Mais accoutumés au pillage e à l'odeur du sang, les «chasseurs d'esclaves commencèrent à s'emparer des

(a) Isto não se dá hoje nem ha muito tempo.

(b) É a falta de não occupar-mos, como deviamos, todas os nossos dominos do interior.

«gens qu'ils avaient sous la main, bien que ces gens-là «fussent aux portugais et finirent par attaquer les ha«bitants de Senna, jusque sous les canons du fort.

«Um gentleman du plus haut rang nous disait qu'il «lui etait souvent arrivé, pendant qu'il dînait avec sa «famille de voir se precipiter dans la salle un malheu«reux esclave, poursuivi à l'epée dans les reins par l'un «des hommes de Mariano.

«Les atrocités de ce scélerat, qualifié à juste titre de «bandit et d'assassin par le gouverneur de Quilima«né ([a]) etait devenues intolérables, et chacun parlait de «Mariano comme d'un monstre d'inhumanité. D'où vient «que les métis son beaucoup plus cruels que les portu«gais,([b]) c'est inexplicable; mais le fait est certain.

«On affirme que Mariano se plaisait á frapper lui «même ses captifs à coups de lance, afin de repandre la terreur dans le pays, et se rendre son nom redouta«ble.

«D'áprés ce que l'on ranconte, il aurait tué de cette «manière, en un seul jour, quarante malheureux, qu'il «avait fait placer devant lui. Nous avons refusé de croire «d'abord à ce qui nous etait rapporté sachant combien «les Portugais en voulaient à ce rebelle de ce qu'il en«travait leur commerce, et accuellait les esclaves fugi«tifs. ([c])

(a) Mariano já morreu, e as auctoridades portuguezas empregaram todos os esforços para o prender e acabar com aquelle malvado e seus satelites, porem como todos sabem, não era facil perseguir no sertão um homem que dispunha de muitos meios pecuniarios, e infelismente de muita protecção dos sobas, e só por acaso foi preso.

(b) Não podemos deixar de agradecer esta amabilidade!

(c) Note-se que isto foi em 1858.

«Mais plus tard nous avons appris de la bouche des «indigènes que les recits des Portugais n'avaiente rien «déxagéré, et qui Mariano était bien l'affreux scélérat «qu'ils nous avaient décrit.

Esqueçamo-nos de tudo isto, para só nos lembrarmos de que a França pelos seus decretos de 1814 a 1884 emancipou todos os escravos das suas colonias.

Quasi toda a America imitou este salutar exemplo desde 1860.

A Inglaterra e Portugal têem estabelecido entre si os mais humanitarios tratados desde 1810 para a emancipação completa do trafico d'escravos.

A Allemanha, a Italia, a Hespanha e as outras nações que teem colonias na Africa, empregaram e empregam todos os meios para que termine tão horrendo commercio.

O Brazil acaba no fim de tantos annos de votar a lei de 13 de maio de 1888, em que emancipa os escravos em todo o seu teritorio, completando este acto humanitario a lei de 28 de setembro de 1871, em que declarou livre o ventre da escrava.

Hoje é olhado com o maior desprezo aquelle que outr'ora cobria com o seu titulo de Barão a vil procedencia da sua riqueza e occultava com o seu pergáminho, comprado a pezo d'ouro, as manchas de sangue das victimas que immolara por suas mãos, aos caprichos ferozes e sangninarios da sua alma de chacal.

....

O dr. fez conduzir debaixo de prisão a Caconda para serem entregues ás auctoridades de Benguella, os guardas e o famigerado Kamis, e aos pobres negros mais estropeados pela fadiga, deu os camelos que os seus homens montavam, e elle proprio voltou a pé, ce-

«gens qu'ils avaient sous la main, bien que ces gens-là «fussent aux portugais et finirent par attaquer les ha- «bitants de Senna, jusque sous les canons du fort.

«Um gentleman du plus haut rang nous disait qu'il «lui etait souvent arrivé, pendant qu'il dînait avec sa «famille de voir se precipiter dans la salle un malheu- «reux esclave, poursuivi à l'epée dans les reins par l'un «des hommes de Mariano.

«Les atrocités de ce scélerat, qualifié à juste titre de «bandit et d'assassin par le gouverneur de Quilima- «né ([a]) etait devenues intolérables, et chacun parlait de «Mariano comme d'un monstre d'inhumanité. D'où vient «que les métis son beaucoup plus cruels que les portu- «gais,([b]) c'est inexplicable; mais le fait est certain.

«On affirme que Mariano se plaisait á frapper lui «même ses captifs à coups de lance, afin de repandre la terreur dans le pays, et se rendre son nom redouta- «ble.

«D'áprés ce que l'on ranconte, il aurait tué de cette «manière, en un seul jour, quarante malheureux, qu'il «avait fait placer devant lui. Nous avons refusé de croire «d'abord à ce qui nous etait rapporté sachant combien «les Portugais en voulaient à ce rebelle de ce qu'il en- «travait leur commerce, et accuellait les esclaves fugi- «tifs. ([c])

(a) Mariano já morreu, e as auctoridades portuguezas empregaram todos os esforços para o prender e acabar com aquelle malvado e seus satelites, porem como todos sabem, não era facil perseguir no sertão um homem que dispunha de muitos meios pecuniarios, e infelismente de muita protecção dos sobas, e só por acaso foi preso.

(b) Não podemos deixar de agradecer esta amabilidade!

(c) Note-se que isto foi em 1858.

«Mais plus tard nous avons appris de la bouche des «indigènes que les recits des Portugais n'avaiente rien «déxagéré, et qui Mariano était bien l'affreux scélérat «qu'ils nous avaient décrit.

Esqueçamo-nos de tudo isto, para só nos lembrarmos de que a França pelos seus decretos de 1814 a 1884 emancipou todos os escravos das suas colonias.

Quasi toda a America imitou este salutar exemplo desde 1860.

A Inglaterra e Portugal têem estabelecido entre si os mais humanitarios tratados desde 1810 para a emancipação completa do trafico d'escravos.

A Allemanha, a Italia, a Hespanha e as outras nações que teem colonias na Africa, empregaram e empregam todos os meios para que termine tão horrendo commercio.

O Brazil acaba no fim de tantos annos de votar a lei de 13 de maio de 1888, em que emancipa os escravos em todo o seu teritorio. completando este acto humanitario a lei de 28 de setembro de 1871, em que declarou livre o ventre da escrava.

Hoje é olhado com o maior desprezo aquelle que outr'ora cobria com o seu titulo de Barão a vil procedencia da sua riqueza e occultava com o seu pergáminho, comprado a pezo d'ouro. as manchas de sangue das victimas que immolara por suas mãos. aos caprichos ferozes e sangninarios da sua alma de chacal.

....

O dr. fez conduzir debaixo de prisão a Caconda para serem entregues as auctoridades de Benguella, os guardas e o famigerado Kamis, e aos pobres negros mais estropeados pela fadiga. deu os camelos que os seus homens montavam. e elle proprio voltou a pe, ce-

dendo o seu dormedario a uma desgraçada que mal se sustinha transportando ás costas um filho de mama, e arrastando outro de trez annos pela mão.

Esta pobre gente depois de permanecer em Caconda algum tempo, voltaram uns ás suas terras, outros foram para Benguella procurar trabalho, outros ficaram em Caconda com alguns negociantes e proprietarios, e aquelles que mais se affeiçoaram ao dr., ficaram encorporados na expedição.

As palavras *liberdade e egualdade*, essa divisa do Christo, ficaram-as elles conhecendo desde aquelle dia feliz, em que encontraram Arthur.

Kamis o arabe maldito, só em Benguella confessou que aquella leva d'escravos era por conta d'um inglez e que ia destinada ao *Estado livre do Congo!!!*



CAPITULO XII

De Caconda a Vaneno.

FRAGMENTOS DO DIARIO DO CAPELLÃO.

Completamente restabelecida toda a expedição, era tempo de partir, a não quererem que terminassem ali as investigações do dr.

Unicamente os detinha o casamento de D. João e D. Candida.

Finalmente este desejado enlace realisou-se com a maior pompa possivel em terras tão longinquas do centro da moda e da civilisação. Os paes da noiva foram d'uma grande bizarria, dotando a filha em duzentos contos de réis.

O dia do casamento, foi de festa para os Cacondenses, para todo o pessoal da expedição, e para muitos sobas, mácotas e secúlos da visinhança, que mais relações tinham com o dr.

O dia da marcha em direcção ao Bihé, fixaram-n'o para o 1.º de junho.

O tempo conservou-se explendido, e os mezes que decorressem até setembro, em que é costume começarem as chuvas, seriam empregados na exploração do interior dos sertões desconhecidos.

Resolveram levantar um bom acampamento onde pas-

sariam os mezes de setembro a março, epoca das grandes chuvas.

No Bihé combinariam definitivamente se seguiriam a leste, a norte, ou a sul.

D. Candida accompanhava seu marido, e jamais os dois se separariam da expedição.

No meio de saudosas despedidas, e de abundantes lagrimas, partiram na madrugada do dia prefixo.

Arthur resolveu que a marcha se fizesse pelo planalto, por ser o sitio mais saudavel, e d'antemão marcou o itinerario aos guias, por caminhos já bem conhecidos d'elle.

A marcha d'esta vez era um pouco mais lenta do que as anteriores. A gente de Kijajú, os escravos libertados pelo dr. e algumas mulheres que foi forçoso consentir acompanhassem os expedicionarios, a tornava morosa.

Um grande rebanho de carneiros e bois fechava a rectaguarda.

A expedição contava n'aquella occasião o seguinte pessoal e animal.

O dr. e a sua gente europea	57	pessoas
D. Candida, creados e creadas........	20	»
Kijajú e os seus	35	»
Escravos libertos pelo dr.	47	»
Mulheres de Caconda recentemente casadas com os brancos (á moda do paiz) .	19	»
Conductores dos camelos	21	»
Guias e gente contractada para guardas dos gados e rebanhos	15	»
Total	214	»

com 40 camelos, 25 cavallos, 8 burros e 12 bois cavallos.
Era uma expedição imponente!

. . . .

FRAGMENTOS DO DIARIO DO CAPELLÃO

Dia 1.º de junho de 188... São 5 horas da mânhã, é dada a ordem de partir de Caconda.

Marchou-se.

Não me posso furtar a olhar repetidas vezes para traz.

Que saudades não sinto na alma ao deixar esta risonha povoação!

Que recordações não sentirei ao lembrar-me da fragancia amena dos dias ali passados no meio dos habitantes meigos e submissos, que ouviam a minha palavra quando lhes fallava em nome do Deus omnipotente.

Impressionou-me deveras a despedida de D. Candida e de seus velhos e alquebrados paes.

É bem triste e cruel as filhas terem que seguir os maridos e deixarem inconsolaveis os seus progenitores!

Apartarem-se, talvez para sempre d'aquelles que lhe deram o ser, que se acostumaram a ouvir-lhes desde pequeninas a ciciar nos seus labios o doce nome de pae e de mãe.

Que estão ha annos habituados a ver á meza, no lugar do costume a filha querida do seu coração!

Os seus sorrisos, são as perolas que se lhe engastam na existencia cançada e tremula!

As suas caricias são o fogo vivificante que aquece aquelles corações resfriados com o passar dos annos!

Oh! como a caza de D. Candida ficará vazia!

Como aquelles dois velhos que para ali ficaram, arre-

fecerão sósinhos ao sopro gelido da morte, sem terem mais uma alegria, uma consolação, um sorriso!

Um pensamento unico, a sua amada filha, lhes occupará a existencia, as horas decorrerão longas, os dias interminaveis, as noutes immensas, negras e povoadas dos phantasmas tetricos do sertão.

E D. Candida enchuga o pranto, fita amorosamente seu marido...e sorri!

Oh! coração de mulher, és incomprehensivel!

....

Chegámos á libata grande de Quingolo, são tres horas e doze minutos da tarde..

Arthur deu ordem a dez dos nossos companheiros vindos de Lisboa, aos nossos bons e fieis guardas, para que ficassem para traz acompanhando os que veem a pé e o gado, entregando o commando d'esta gente ao valente Francisco Antonio.

Nós seguimos nos camelos, cavallos e bois cavallos.

A marcha assim é mais commoda e rapida,

N'uma povoação, que dizem chamar-se Chindonga, Arthur esperará os peões.

Estou certo de que ninguem ouzará atacal'os sabendo que pertencem á expedição.

Os sobas, macotas e secúlos estimam Arthur, porque este tem feito negocios leaes e bons, com elles, no emtanto foi dada ordem para nos avizarem, por meio d'um homem bem montado, se houvesse alguma cousa extraordinaria.

Atravessámos muitos riachos e rios, ora servindo-nos da nossa admiravel ponte d'arame, ora a váo, ora aproveitando as primitivas pontes construidas pelos indigenas, de grossos madeiros.

Os riachos são — o Carungolo, o Utapaira, o Canata, o Chitando, o Atuco, os rios são — Cuce, Catapi, Quando, Droma, e tanto uns como outros engrossam com as suas aguas o grande Cunene.

Os secúlos e sobas das libatas de Quipembe, de Pessange, de Canjongo, de Quingolo, que temos atravessado, todos teem vindo ao caminho receber-nos com a sua gente.

Parece uma marcha triumphal!

O soba Caimbo d'esta povoação onde estamos, levou as honras com que nos recebeu a ponto de querer immolar um prisioneiro!

Custou a dissuadil-o.

Quando chegará a palavra de Deus a tocar o coração d'estes selvagens?

Quingolo é um admiravel ponto de vista; o outeiro onde está situada domina uma vasta e formosa planicie.

Que de riquezas agricolas estão aqui abandonadas?!

O caminho percorrido é soberbo de vegetação.

As palmeiras airosas formam grupos com os sycomoros gigantes, e as espinheiras de vivo e fino odôr, confundem os seus aromas com os perfumes das acacias formosas.

Myriades de passarinhos de variegadas côres, misturam o seu chilrear confuso com o gemer da rola e com o ronco dos hyppopotamos que veem á superficie lisa e prateada dos rios resfolegar a longos tragos o ambiente puro das florestas.

Dia 2 de junho. Tocou a alvorada.

Está um dia carregado, nuvens grossas passam pezadas sobre as nossas cabeças, ameaçando trovoada.

O almoço foi rapido.

Arthur dá a ordem de marcha e não faz caso dos signaes que o ceu apresenta.

Resolve ir ficar á libata do secúlo Quimbungo, irmão do soba do Huambo.

Todos estão bem dispostos e de perfeita saude.

5 h. 45 m. da manhã. Marcha-se.

Caimbo, o soba, vem-nos acompanhar até distante da sua libata. Vem ao *bota-fora*, como se diz nas terras civilisadas.

Arthur retribue aquella delicadeza com um bom presente.

Digam lá em Lisboa que na Africa não ha *politica e politicos*.

Muitos rios e riachos correm por aqui.

Como as suas aguas bem aproveitadas, por qualquer systema d'irrigação, fertilisariam estas terras tão carregadas d'humus!

Todos estes rios vão apressados a buscar outros, para de companhia irem prestar a sua vassalagem ao poderoso Cunene.

Estamos quasi a chegar ao ponto do descanço, dizem que faltam duas leguas e já passamos o ribeiro Luvubo, os rios Doro ou o das mulheres, o riacho Doro ou o dos homens, o rio Guando-assiva, o Cuena e o Calae!

As libatas atravessadas são as do secúlo Palanca, já nosso conhecido de ha tempo, a do Capoco que é filho do soba do Huambo.

Este Capoco é temido no paiz e dizem que é o mais audaz salteador que se conhece, andando sempre em guerras para fazer prisioneiros, que vende com o maior desplante.

Isto parece-me um tanto exagerado.

O homem é tão obsequiador e mesmo cortez, que não o julgo tão mau e selvagem como dizem.

Passamos o rio Poê e deixamos a libata do Chacaquimbamba. As nuvens que pela manhã passavam rapidas, negras e côr de chumbo, estão agora paradas, baixas, tetricas e ameaçadoras.

Escureceu de repente, custa a respirar, a atmosphera está saturada d'um vapor sulphuroso, intoleravel, doentio.

Um calor d'estufa atrophia e dilata o sangue. Grossas bagas de suor deslisam pelas nossas frontes, como os riachos que serpeam ao longe, por entre as penedias aridas e negras das margens escarpadas.

Uma faisca em *zig-zagues* caprichosos rompe as opácas e sombrias nuvens accumuladas por cima de nós.

Quasi immediatamente o estrondo de milhares de canhões monstros, retumba no espaço, apavora-nos e horrorisam-nos.

Alguns dos nossos homens rojam a fronte pelo chão transidos de medo.

A natureza despertou.

Ao silencio tetrico, turvo e medonho, ao ceu chumbado e negro, á quietação dos seres e do espaço, succede o estampido do trovão, horrido, formidavel e tremendo, convidando os elementos á destruição do universo.

A tempestade corre como avalanche monstruosa, derrubando tudo quanto encontra na sua feroz e vertiginosa passagem.

As arvores frondosas e os abetos humildes, vergam e quebram á sua poderosa força.

Prostramo-nos tambem ante o poder destruidor da procella.

A chuva então sahe do ventre das nuvens, e parricida cruel, estrangula aquellas que lhe deram o ser, e catadupas compactas e unidas se precipitam sobre nós.

Foram tão rapidos estes contrastes, que não houve tempo de envergar nossos fatos de *cautchouc*, nem de armar nenhuma das nossas barracas impermiaveis.

Ficamos todos encharcados.

. . . .

Como é grande o poder de Deus!

Que bella tarde succedeu aquella furia de tormenta!

Como já está puro o ceu, e o ar respiravel, vivificante e salutar!

As arvores estão serenas, as suas franças verdejam nas alturas projectando-se no ambiente azulado e diaphano, que as aves atravessam alargando e sacudindo as azas, á recordação fatal da aspera e fatigante tormenta que passou!

O sol brilha e resplandece, como o imperador do universo no seu throno indestructivel de rubis e sa phiras!

. . . .

Armaram-se algumas barracas para mudar-mos de roupa.

Como sabe bem a flanella tepida a aquecer o corpo resfriado pela chuva!

Proseguimos até á libata do secúlo Quimbungo,onde foi assente o campo para passarmos o resto da tarde e noute.

Este secúlo é irmão do soba do Huambo e tio do Capoco.

Por aqui, como n'outras partes do mundo, ha uns certos sujeitos que teem a habilidade de concentrar to-

dos os melhores empregos e as maiores honras nas pessoas da sua familia.

....

No caminho atravessado, ficou sempre á nossa direita isto é para leste e les-sueste, planicices enormes alcatifadas de variadas gramineas, espinhosas e capim que os dragoeiros dispersos faziam realçar conjunctamente com a *vitisheraclifolia*, abrigando dos raios solares com as suas verdes parras, os saborosos cachos.

Jatropha manihot, *ricinus communis* e outras euphorbias se confundem, juntam e vivem com as *convolvulaceas, com as gramineas com as erythrinas huillensis e chrisocarpa* de vermelhos cachos, que cobrem com a sua sombra e com a sua fragrancia amenisam o cheiro fetido de milhares de milhões de termites, *bisonde*, como se diz aqui.

Este insecto tem a cabeça negra e da forma da dos bull-dogs; é o terror dos naturaes, a quem atrevidamente chega muitas vezes a a commetter com uma selvageria leonina, desesperada e terrivel.

Tomámos alguns refrescos e confortos nos *kiosques* de conversação, amplas cubatas, sendo o tecto apenas seguro por supportes toscos de troncos d'arvore, e não tendo outras paredes nem outros abrigos, passam ali os naturaes os tenebrosos dias das chuvas e do frio humido em volta d'ateada fogueira, recordando a sua vida de guerreiros, de caçadores, de pescadores e de ladrões, onde as aventuras abundam como nos romances de Ponson du Terrail e os exageros e as fabulas, como nas *Mil e uma noutes*.

Um facto d'uma lealdade sem imitação na Europa, que m'impressionou deveras, foi ver as raparigas vir-

gens trazerem manilhas de pau na perna esquerda, ou em ambas, e saber que, não ha exemplo d'ellas ou das familias enganarem os noivos, ou o publico, trazendo um signal, que não possam uzar!

É a flôr de laranjeira das noivas do mundo civilisado, que tantas vezes é somente o symbolo da mentira e da falsidade!

Mas toda a medalha tem o seu reverso, e estes maridos tão exigentee no primeiro dia do casamento, são de pois d'uma brandura e condescendencia taes que se estivessem na Europa lhes seria applicado um epitheto que qualifica e determina individuos de sentimentos tão baixos; mas aqui não existem essas susceptibilidades e as mulheres são por elles tanto mais estimadas quanto maior é o numero d'adulterios que commettem!

É porque cada adultero, paga uma indemnisação ao marido *passivo* e satisfeito da consorte!

É negocio.

Que riquezas senão fariam por este mundo fraco e fragil, se a moda se vulgarisasse?

....

Os penteados das mulheres são notaveis pelo tempo que levam a fazer — tres dias e meio — e pelo cuidado com que as *beldades* o conservam, ás vezes tres e quatro mezes.

....

Vou-me deitar, são dez horas e vinte e cinco minuto da noute.

Houve partida de voltarete com Arthur, D. Candida, D. João e eu, perdi uma mão desgraçada, levei um codilho do fraco, por ter trunfado de chalupa, é bem feito, porque joguei contra as regras, devia jogar por fora.

Dia 3. Todos de perfeita saude, eu é que dormi mal, o codilho que D. Candida me deu, não me esquece. Hoje se houver partida heide desforrar-me.

Vamos levantar o campo e partir, são seis horas e dezessete minutos da manhã.

Ouvi dizer que iamos ficar a Vaneno.

Que nomes tão esquisitos que esta gente põe ás terras e adopta para si?

....

Já está algum calor e apenas temos andado a terça parte do caminho.

Parámos na libata do soba Dumbo.

Já estamos no paiz do Sambo.

Que bella floresta de formosas e frondentes acacias de cachos rôchos e brancos, atravessámos?!

O Quibungo e o grande Cunene é transposto servindo-n'os da nossa excellente, magnifica e solida ponte d'arame.

Os indigenas pasmam vendo a rapidez e a facilidade com que é lançada a ponte e como a expedição passa os rios!

Não admira esta destreza dos nossos. Desde Benguella que dez homens se teem exercitado n'este serviço dezenas de vezes.

....

A Africa cortada de tantos rios parece um corpo humano ramificado de veias.

....

Passámos a povoação de Burundoa onde formosas raparigas invadem as fileiras dos nossos para lhe venderem capata, milho, fuba e magnificas e grandes batatas.

Forçoso foi parar, senão as desgraçadas deixavam-se pisar pelos camelos, que admiravam pasmadas.

Arthur não precisava de refrescos, mas para satisfazer as pretas, comprou grande quantidade de generos do paiz e mandou-os distribuir pelos nossos, assim como uma boa porção de tabaco, que aqui abunda.

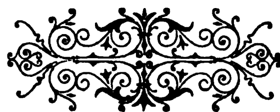
Os pretos não fumam, mas aspiram-n'o, da mesma forma que eu, em largas e cheias pitadas.

Seguimos ávante.

Eis-nos chegados a Vaneno.

. . . .

Não podemos colher mais paginas do diario do capellão.



CAPITULO XIII

As minas de ferro

O dr. e toda a sua comitiva tinha acampado perto d'uma povoação, cujo nome não era dos mais agradaveis a espiritos supersticiosos. Chama-se a aldeia Veneno ou Vaneno, mas nenhuma das pessoas do dr., acostumados como estavam a tantos perigos, dava a minima importancia a agouros, e de mais Vaneno era um dos melhores pontos da Africa equatorial, secco, abrigado, n'uma altitude de 1646 metros, e onde havia magnificas e limpidas correntes d'agua, uma das quaes foi analysada pelo dr. que verificou ser extremamente rica em saes de ferro.

O sr. major Serpa Pinto quando de Caconda ao Bihé seguiu itinerario differente d'aquelle que seguiram os seus companheiros Capello e Ivens, é verdade que quasi parallelo até Canguare, visitou Vaneno, e apezar das suas grandes atribulações, não disse mal d'esta terra.

O chefe d'aquella povoação já conhecido do dr., logo que soube da sua chegada veio cumprimental-o e trazer-lhe o tradicional presente, a que Arthur retribuio magnificamente com o decupulo do seu valor, em lenços de cores, riscados ou contaria, processo que lhe tornava os sobas e secúlos tão maleaveis como cera quente.

O dr. que tão más informações tinha das terras do Sambo, foi muito cauteloso com os seus habitantes, e não teve de que se arrepender.

Mais d'uma vez elles procuraram com muito bonitas maneiras, roubar-lhe alguma cousa; a diplomacia do dr. porem, vencia sempre aquelles astutos, mas ignaros sujeitos.

Atravessando successivamente Moenacuhimba, Chacapombo, Quiaia, Gongo e Chacahonha, o dr. resolveu construir um campo, com as commodidades indispensaveis, na margem esquerda do rio Cubango, proximo da aldeia de Chindonga, para passar parte do mez de junho, um dos mais frios e melhores n'aquella região, e visitar o rio e tudo quanto ali houvesse de notavel.

O campo, ou *kilombo* foi pois organisado com as seguranças do costume, quando n'elle se demoravam alguns dias.

O acampamento foi invadido pelos chefes das povoações proximas, a quem a fama do branco que *fazia a lua*, lh'o representava com proporções fabulosas.

As recepções succediam-se sem intervallo, e Arthur já dava de barato a popularidade, que tantos incommodos, e *massadas* lhe trazia.

A gravidade porem, e o *aplomb* irrisorio d'aquellas

magestades que retiravam quasi sempre ás *costas* dos seus fidalgos, para o que contribuia bastante, não só a confusão em que lhes ficava a cabeça, ao verem tantas maravilhas, como tambem umas celebres botijas de forte *cachaça*, com que o dr. profusamente obsequiava os seus reaes hospedes, mitigavam em parte áquelle, as agruras do cerimonial.

O riso alegre e franco que D. Amelia e D. Candida não occultavam á vista dos potentados, com grave risco de comprometter a situação, dava um tom tão faceto ás recepções, que Arthur a custo conservava a necessaria seriedade.

Um individuo que veio pressuroso procurar o dr., foi Francisco Gonçalves, irmão do Verissimo, corajoso companheiro do intrepido major Serpa Pinto, que fez grandes offerecimentos a Arthur, e muitas perguntas a respeito do valente major, de quem fallava sempre com um respeito profundo, devido ás narrações de seu irmão, que n'esta epoca estava no Bihé n'uma *commissão diplomatica*.

Francisco Gonçalves, o antigo *Carique*, era já o rei de Caquingue, throno que herdara de sua mãe.

O dr. gostou deveras d'este encontro, e fez um magnifico acolhimento a este soba, em cujas veias corria ainda boa parte de sangue portuguez, por seu pae o sertanejo Guilherme.

Era o soba mais instruido e sympathico que tinha encontrado no seu percurso.

Francisco Gonçalves foi educado em Benguella, tinha uma educação soffrivel, longo tracto com gente civilisada, o que junto á sua grande intelligencia, fez d'elle lo-

go á primeira vista um conviva precioso do dr. e dos seus intimos.

A pedido das senhoras, Francisco Gonçalves demorou-se no kilombo aquella noite, e só retirou no outro dia depois do jantar.

Importantes foram as informações que o rei deu ao dr., e tantas e tão preciosas, que o resolveram a ver pelos seus proprios olhos muitos d'aquelles sitios.

N'um d'elles, mui perto do acampamento, havia importantes minas de ferro, onde precisamente n'este mez (junho) tinham os ferreiros Gonzellos começado os seus trabalhos, que apesar de grosseiros, eram ainda assim dignos de se ver executar por tão primitivos processos.

Francisco Gonçalves disse tambem a Arthur, que outros minerios se encontravam ali, mas elle, apezar do que aprendera, não sabia o preciso para os conhecer.

Disse porem isto com tal modestia que deveras encantou os donos da casa.

Arthur mostrou-lhe todo o acampamento, o apparelho da luz electrica, as armas, as cosinhas, os barcos e o systema das barracas, explicando-lhe todo o mechanismo dos poderosos agentes, que a sciencia e a arte punham á sua disposição para a travessia, que tencionava levar a effeito.

O rei de Caquingue comprehendendo facilmente as explicações do dr., admirava com espanto os progressos da Europa, e lá do fundo da sua alma, do mais recondito do seu pensamento tinha invejadas commodidades dos europeus, e sem querer, comparava a sua

existencia no meio de selvagens supersticiosos, sanguinarios e miseraveis, com a opulencia relativa de qualquer negociante da Europa.

Cheio d'um presentimento vago, que lhe predizia grandes acontecimentos futuros, via envolto nas brumas do porvir, esboçarem-se confusamente na sua imaginação uns dias differentes d'aquelles que ali passara.

O coração adivinhava-lhe........nem elle sabia o que, mas uma attracção irresistivel para o dr. lhe dizia que d'elle dependia a realisação das suas vaporosas imagens.

Um outro commensal do dr. n'aquella noute á ceia, foi o mestiço João Albino, natural de Benguella, e filho do sertanejo portuguez Luiz Albino, morto desastradamente nos selvagens sertões do Zambeze, quando no labutar insano da sua vida percorria aquellas paragens.

O serão foi deveras animado, e só recolheram aos seus quartos depois da uma hora da noute.

Estavam então a 3 de junho.

O dia amanheceu frio, mas limpo de nuvens, e o vento moderado e calmo, conservando-se, daria um dos melhores dias de passeio.

Depois do almoço resolveram ir visitar as minas de ferro.

O dr. fez carregar um camelo com algumas fazendas e mimos destinados aos ferreiros Gonzellos de quem desejava captivar a estima, para ter boa occasião d' analysar sem estorvo os seus trabalhos e os seus minerios.

Para maior apparato mandou montar nos camelos

disponiveis os individuos da sua comitiva, e offerecendo aos seus dois hospedes os cavallos mais mansos, montou no seu fogoso Arabi, partindo todos em direcção ás minas.

D. Amelia e D. Candida ficaram com o capellão, por ser lei do paiz não poderem as mulheres approximar-se das minas, emquanto dura a faina da exploração. ([a])

Em breve chegaram a um vasto acampamento de Gonzellos, que se occupavam n'aquella occasião em cavar uns poços pouco profundos, d'onde extrahiam o minerio, que pelos mais grosseiros processos tornavam apto a pôr em obra.

Assimilhava-se ao methodo catalão, o que empregavam, dando-lhes bom resultado, por serem os minerios muito ricos.

Esta circumstancia foi logo observada pelo dr.

Um Gonzello, especie de capataz, mestre ou chefe, veio receber com muito respeito o antigo carique e seus companheiros.

Arthur desejou ver alguns objectos fabricados, e apezar d'elles não terem nenhum feito ainda n'aquella epocha, apresentaram comtudo umas enxadas fabricadas no anno anterior, que o dr. adquiriu pagando-as generosamente.

Umas cabaças de aguardente que andaram de mão em mão, fizeram logo dispor os ferreiros a favor do branco tão generoso.

O dr. observou differentes pedaços de minerio e ficou

(a) Estas minas de ferro existem realmente, e foram visitadas pelo ex.^mo sr. Serpa Pinto.

convencido da excellente qualidade d'elle; era o oxido de ferro magnetico, ou magnetite, conhecido pela formula $(Fe^3 O^4)$ em tal quantidade que se poderiam d'ali fornecer por bastantes annos os differentes mercados do mundo.

Arthur impressionado com aquella riqueza natural, tão mal explorada, concebeu a ideia de transformar aquelle campo de trabalho, para que revertesse em maior proveito dos naturaes, e talvez de Portugal.

Sabendo que a natureza é tão previdente nas suas cousas que, raro é não haver junto d'um grande jazigo de ferro outro de hulha, ou carvão de pedra que facilmente transformaria em coke, muito necessario aos processos do tratamento do ferro, reservou-se para em outras explorações posteriores, avaliar melhor as condições sedimentares do terreno, se bem que lhe parecia carbonifero.

O capataz chamava-se Batara, e obedecendo ao influxo magnetico com que o dr. dominava todos os que o cercavam, affeiçoou-se ao branco immediatamente e com um grande discurso descreveu a Arthur o processo de que se serviam para a extracção do ferro e seu tratamento, o qual resumido dizia o seguinte:

Abrem pequenos poços pouco mais fundos do que a altura d'um homem, por não terem meios de os profundar mais, e extrahem d'elles o minerio que deitam n'uma cova misturado com carvão vegetal.

Servem-se depois para a insufflação d'uma machina deveras curiosa, composta de duas caixas de madeira, circulares, cobertas de pelles de cabra, franzidas á maneira de sacco e ligadas na sua parte superior a duas

hastes de madeira, que um homem, com um trabalho insano, põe em movimento estabelecendo uma corrente d'ar, que por um tubo de pau, com outro de barro na extremidade communica com o forno.

Como se vê este processo era ainda mais grosseiro do que o catalão, faltando ao forno as paredes revestidas de pedras siliciosas e tijolos refractarios, bem como boas machinas d'insufflação.

A acção chimica do oxigenio do ar ia, comtudo, convertendo o carvão vegetal em anhydrido carbonico que se transformava em oxydo de carbonio ao atravessar a camada de carvão incandescente, passando pelo minerio reduzia o oxydo de ferro, a ferro metallico, que assim obtido era muito impuro e nem todo se reduzia, indo uma grande parte d'elle aggregado ás gangas, constituindo umas escorias ainda ricas em minerio.

A quantidade de minerio era tal para os artefactos, que não valia a pena pensar no aproveitamento d'essas escorias e os productos manipulados serviam bem a agricultores tão pouco exigentes.

O dr. conversou muito com Batara, concluindo do que lhe ouviu, serem bem poucos os resultados obtidos no fim de tanto trabalho e as permutações dos objectos fabricados por generos correntes do paiz, feitas muitas vezes em sitios bem longinquos.

O dr. disse a Batara que se por ali se demorasse lhe havia d'ensinar outro methodo de extrair o ferro de maiores profundidades, onde se devia encontrar ainda de melhor qualidade e tambem outros processos de reducção e manipulação; descrevendo-lhe o methodo dos *altos fornos*, a maneira de o afinar, tornando-o macio,

e muitas outras cousas que deixaram o capataz e os seus, deveras impressionados.

O seu espanto subiu á incredulidade quando o dr. lhe falou no martello *pilão*, que pezando ás vezes mais de 8000 kilogrammas, um só homem o pode mover sem grande esforço, reduzindo a chapas delgadas, enormes massas de ferro sahidas dos fornos!

Se o branco fizer o que diz, proclamamol-o nosso chefe, disseram elles entre si.

O dr. depois de examinar mais uma vez aquelles ricos jazigos bem como as margens do rio Cubango, aonde se apeou para observar um fragmento de minerio que cuidadosamente guardou, retirou-se com os seus para o acampamento, onde jantaram mui regaladamente. O café foi servido aos seus dois hospedes no gabinete de trabalho, onde o dr. teve com elles uma larga e mysteriosa conferencia.

O que se passaria entre aquelles trez homens?

Que ao despedirem-se apertaram as mãos tão affectuosamente e com um tom mysterioso disseram até á vista?

O dr. logo de manhã recebeu Batara a quem encheu de presentes, e com quem esteve tambem fechado no gabinete em conversação intima muitas horas.

Alguma coisa d'extraordinario se passava, para que Arthur d'ordinario tão loquaz e alegre, andasse desde que veio das minas preoccupado, desadunado dos seus, fallando á esposa n'um estylo enygmatico, fugindo a todos, e fechando-se varias vezes no seu gabinete.

Aquelle pedaço de minerio do tamanho d'uma laranja com as formas d'um octaedro irregular que apanhou

junto da margem do Cubango, era a origem de todas aquellas preoccupações.

Arthur apenas chegara á barraca, em quanto sua mulher, o capellão e secretario faziam as honras da casa aos seus hospedes, fechou-se no seu gabinete, partiu o minerio, reduzio uma das suas partes a pó que lavado convenientemente, tratou por um liquido incolor contido n'um frasco em cujo rotulo se lia — *acido azotico.*

Formou-se immediatamente o *azotato de prata*, soluvel na agua quente, verificando os seus caracteres pelos reagentes apropriados.

Uma parte d'aquelle pó ficou intacta!!

Então Arthur não podendo conter as palpitações desordenadas do seu coração, foi buscar outro frasco onde se lia — *agua regia.*

Tratou o pó, com todo o cuidado, por aquella substancia e viu que os dois metaes a pouco e pouco se iam convertendo em chloretos.

Um d'elles soluvel, e o outro não.

Juntou sulfato ferroso á solução amarella do soluvel e obteve um precipitado d'ouro metallico.

Era ouro nativo!!!

O dr. ficou deslumbrado com esta descoberta!

N'aquella fronte de sabio, n'aquelle coração de portuguez, quantos pensamentos lhe passaram pela mente e quantas pulsações lhe bateram apressadas n'aquelle momento; que de riqueza não adviria d'aquella descoberta, se o jazigo aurifero, fosse como julgava, de grande importancia!

Como Portugal ficaria rico com aquellas minas d'ou-

ro, cobre, prata e ferro, e quem sabe talvez, de mercurio, hulha e outros minerios?

Como o seu nome ficaria vinculado a tão grande obra!?

E com estes e outros pensamentos grandiloquos foi advertido pelo toque da campainha electrica de que o jantar estava servido.

Forçoso foi ir fazer as honras *de dono* da casa aos seus hospedes.

Preoccupado por estes pensamentos, pouco comeu, e aquella verve resplandecente, cheia de bons ditos, com que apimentava os seus jantares, faltou n'aquelle dia, por mais esforços que fizesse, não se podia vencer.

Ao café, foi, como vimos, para o gabinete conferenciar com os dois hospedes.

Meus amigos, principiou o dr., o assumpto de que lhes vou fallar é de grande importancia, não só para nós, como para os naturaes d'estas terras e para Portugal, aonde vossos paes nasceram, e que por isso deveis considerar como patria.

Acabo de fazer uma descoberta que pode transformar todo este paiz n'um dos mais ricos imperios do mundo.

O progresso e a civilisação, com todos os seus elementos de vida e de commodidades, dentro em pouco aqui se radicará com toda a força potente dos seus inventos.

Os caminhos de ferro, a navegação a vapor, o telegrapho, a luz electrica, serão uma realidade para os povos da Africa equatorial.

A condição de *bestas feras* a que o mundo votou a

raça negra desde ha muito, pode desapparecer aqui n'um momento.

Estas terras estereis e incultas, transformar-se-hão em uberrimas e poderosas plantações, cujos productos agricolas irão ás outras quatro partes do mundo levar a riqueza e desenvolvimento do commercio.

Estes desgraçados povos tyrannisados por sobas beberrões, selvagens, sanguinarios e despotas serão livres, ricos e felizes.

Achei hoje, como vos disse, o segredo d'essa transformação radical do modo de ser de todos vós.

Quereis acompanhar-me no emprehendimento que me preoccupa a alma e o coração ha horas apenas? Porque em mim os pensamentos concebidos n'um momento são as realisações immediatas d'elles.

Francisco Antonio e João Albino influenciados, pela palavra ardente do dr. e pelo fogo que lhes irradiava do olhar responderam unanimemente:

Estamos promptos, disponha de nós.

Juram-me pela memoria de vossos estremecidos paes, que não revelarão sem meu consentimento a pessoa alguma o que lhes vou dizer?

Juramos, disseram ao mesmo tempo.

Pois bem............ no paiz existe ouro nativo, existem outras minas, e é com a exploração d'ellas que nós transformaremos esta parte da Africa.

Riquezas fabulosas estão escondidas debaixo d'este abençoado solo, é só preciso rasgar-lhe o seio e saciarmo-nos á nossa vontade!

O rei de Caquingue comprehendeu o plano do dr., e aquella fronte nobre e altiva transformou-se de repente, como se a magestade Divina o aureolasse, e pen-

sadamente disse: o dr. acaba de tocar-me na fibra mais recondita do meu coração. Ha muito tempo que eu penso em explorar essas minas por que me pareceu haver ali ricos metaes, porem aqui só no meio d'estes homens que nasceram sem aspirações, desligado quasi do resto do mundo, sem conhecer os processos empregados na Europa, o que faria eu?

Cousa alguma.

Só difficuldades encontraria que não seria capaz de remover.

Porem hoje meu amigo sinto-me forte e prompto com tão poderoso auxiliar, a emprehender tudo.

Como se vê Francisco Gonçalves aprendera alguma cousa em Benguella e se viesse até á Europa daria talvez um bom *palrador* de S. Bento.

João Albino limitou-se apenas a dizer — contem comigo para vida e para a morte.

Era assim aquelle rapaz, de poucas palavras mas valente e leal como poucos.

O dr. conheceu logo que podia contar com aquelles poderosos auxiliares, e a ideia de transformar aquella parte d'Africa em rico emporio d'onde emanassem para Portugal torrentes de riquezas, superiores áquellas que outr'ora nos vieram do Brazil.

Arthur e os seus dois associados conversaram ainda largo tempo, para poderem elaborar um plano que seria immediatamente posto em pratica.

Ficou combinado que João Albino iria convidar Batara para vir conferenciar com o dr. e dispol-o favoravelmente. Concurso sem o qual não podiam passar.

«Que Francisco Gonçalves iria ter com o rei de Moma, em cujas terras estavam as minas e celebraria com

elle qualquer contracto, para os socios poderem livremente explorar os terrenos sem embargos.

«Que depois de haver um bom deposito de minerio extrahido, se associariam os sobas limitrophes que quizessem, formando uma especie de confederação, fundando-se uma cidade de onde a civilisação emanasse para toda aquella desgraçada gente.

«Que reconheceriam o dr. como seu chefe, e se obrigavam a auxilial-o até com a vida, em todos os emprehendimentos gigantescos que quizesse levar a effeito.

E muitas outras cousas que o futuro demonstrará.



CAPITULO XIV

Recepção solemne do Rei de Moma

CONTINUAÇÃO DAS MINAS

O Batara fora ter com o dr., como vimos, e tivera com elle uma longa conferencia.

Taes foram as palavras d'Arthur, que o capataz jurou a seu modo de se associar do coração á empreza.

Podera.

Qual seria o preto que não quizesse ser rico, possuir uma casa para morar e fato para se agasalhar, como qualquer negociante da costa?

Arthur vestiu logo Batara com uma quinzena velha, umas calças de riscado preto e branco, deu-lhe uns sapatos de liga e um chapeu de palha.

Uns sapatos de liga! Riqueza invejada por todos os seus companheiros, titulo tão grande de nobreza que até um hottentote de negra côr, com sapatos de liga, seria chamado *branco*.

O Batara quando voltou ás minas ia transformado, sahira preto e voltara *branco!!* [a]

Os companheiros tiveram ao vel-o alguma inveja, porque Batara parecia assim querer *dar-se ares;* porem aquillo foi momentaneo e o Batara, o bom do Batara, o amigo Batara, dançava, fazia mil cabriolas, tregeitos e momices, exprimindo assim o seu contentamento, e os gonzellos seus companheiros de trabalho, — pela acção contagiosa d'aquella alegria — imitavam-n'o sem saber porque motivo.

O Batara apenas disse aos mais curiosos: o branco vae trabalhar aqui com a gente, dar-nos muita aguardente, e uma fatiota a cada um, se forem bons rapazes.

Viva o branco que faz a lua, disseram todos.

O dr. jantou mais cedo n'aquelle dia e foi só com Kijajú visitar o acampamento dos ferreiros.

Com todo o vagar examinou as condições do terreno das margens do rio Cubango, e toda a zona circumvisinha das minas de ferro.

Reconheceu sem grande trabalho que estava n'um terreno *primitivo*, onde ainda poucas transformações se tinham operado, e se algum *metaphormismo* existia, era só devido ao calor e a alguns agentes chimicos, conservando-se ainda em diversos sitios bem pronunciadas fendas, devidas a essas convulsões gigantes da terra no seu estado de fusão ignea, que tão bem nos descreve Humboldt, chegando até a precisar a velocida-

(a) R. Ivens dizia com aquella graça que nunca perdeu nos transes mais dolorosos: Em eu vendo entrar no meu campo, preto de sapatos de liga e guarda sol, já sei que é branco, estou logo a tremer. — SERPA PINTO — COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA.

de dos tremores de terra em seiscentos e sessenta a oitocentos e trinta metros por segundo.

As fendas que o dr. observou não lhe deixaram a menor duvida de que tinham sido em tempos bem remotos cheias por materias mineraes expulsas do centro da terra ou envolvidas com as caudalosas aguas dos rios ou das chuvas, e arremessadas ali, onde ficariam eternamente sepultadas, se elle com a sua audacia as não arrancasse d'aquelle jazigo profundo.

Estas vastas fendas que se ramificaram em diversas direcções, e que tudo levava a crer tenderem a radicar-se para o centro da terra, o que lhe daria um valor incalculavel, se os minerios metallicos fossem preciosos, mostravam tambem grandes quantidades de areias, basaltos e lavas.

Arthur mandou pelos ferreiros cavar nos sitios onde as fendas mostravam mais areias, e conheceu logo a existencia de *filões* d'ouro.

Lembrou-se immediatamente que no rio Cubango devia existir grande quantidade de pepitas, palhetas, grãos ou pó d'este precioso metal, e que em tempos remotos tendo sahido o rio do seu leito teria depositado n'aquellas fendas o ouro, de mistura com as areias auriferas, de que naturalmente seria formado o seu alveo.

Certo dos filões de ouro no terreno marginal do rio, quiz verificar se elle existia tambem no leito do Cubango.

Serviu-se do methodo conhecido de todo o mundo, e seguido até hoje, e julgo se seguirá eternamente, com pequenas modificações.

Mandou revolver com alviões as areias do leito do

rio nos sitios que era possivel esse trabalho, por causa da altura da agua, e com uma pá foi um homem deitando a areia para um crivo ([a]) e depois de agitado convenientemente poude o dr. examinar que tambem ali existiam *grãos d'ouro*.

Arthur mandou carregar um dos camelos com todas estas materias, reservando-se fazer no regresso ao seu acampamento, as mais minuciosas e rigorosas experiencias.

Os ferreiros gonzellos acompanhavam pasmados aquellas observações do dr. e francamente não as percebiam bem, mas como o branco era generoso até á *prodigalidade* com elles, dando-lhes boa porção de *contaria*, *pannos* e aguardente, deixavam-lhe fazer tudo quanto elle queria.

As negociações com o soba de Moma estavam encetadas e em bom pé, quando foi annunciada a Arthur a visita d'este potentado d'apparencia miseravel, mesquinha e ridicula, e comtudo possuidor de muitas riquezas ignoradas, n'esse paiz fabuloso, chamado o continente negro, e que mais tarde hade ser a *providencia* do continente branco.

No acampamento do dr. tudo estava prevenido, e com aquella ordem que presidia sempre ao viver intimo do kilombo foi o soba de Moma recebido com todas as attenções que se dispensam a um sujeito, de quem podem depender os grandes acontecimentos da vida humana.

(a) Os inglezes servem-se d'um apparelho a que chamam «longtom,» que é um crivo grande com um eixo para se poder embalar como um berço, para onde entram as areias auriferas e a agua por meio d'um canal de madeira, ficando depositadas as areias e sahindo a agua.

Esta recepção tinha um tanto de curiosa e burlesca!

O soba apresentava-se deveras interessante no seu trajar de soberano!

Envergava com toda a elegancia em cima do negro corpo, uma farda rota e suja com que outr'ora se pavoneou na côrte de Lisboa, algum esbelto archeiro.

Um panno azul e branco tapava-lhe os rins.

Na cabeça trazia uma cousa indefinida, era um composto de pelles de bufalo e pennas d'aves, em cima d'um objecto, que primitivamente teria sido uma cassarola, lata de conserva ou cousa similhante, mas que actualmente não se sabendo bem o que era, representava nada mais nem menos, do que a corôa d'um rico e vasto reino.

Os pés e as pernas completamente nús, deixavam bem patente um todo franzino e rachitico.

O soba de Moma teria talvez uns quarenta annos, mas a embriaguez a que se entregava continuamente dava-lhe um tom avelhado, repugnante, nojento e asqueroso.

A sua côrte era assaz numerosa, composta de macotas, secúlos e de diversas mulheres, escravas submissas ás mais insignificantes e estupendas vontades e caprichos do seu senhor.

Este potentado chamava-se Bucusso ([a]) e dizia-se descendente em linha recta do mais afamado guerreiro da sua nação.

Senhor e sequito foi recebido pelo dr. com as maiores demonstrações de respeito, estando a expedição toda

(a) Não é este precisamente o nome de rei de Moma, mas tomamos este como adoptariamos outro qualquer, tendo até aqui dado sempre os nomes proprios aos sobas, como os srs. Capello e Ivens e Serpa Pinto nos indicam nos seus livros.

formada e apparelhada em guerra, para dar ideia do poder do branco.

Arthur conhecendo já pela descripção de Francisco Gonçalves, o sujeito com quem ia tratar, procurou primeiro que tudo captar-lhe a amisade com um valioso presente; e depois de lhe mostrar todo o acampamento, offereceu-lhe uma botija de valente rhum da Jamaica, que passaria por uma guella em braza, sem n'a apagar!

O Bucusso teve desejos de beber elle só todo o contheudo da botija, porem a *etiqueta* da sua côrte mandava que o *monarcha* bebesse um trago e passasse a botija ao seu primeiro ministro, que a seu turno a passa a outro fidalgo, e assim até ao menos graduado.

O Bucusso apesar da sua alma, a sua vida, o seu espirito, o seu ser e a sua essencia ir n'aquelle vaso, que os macotas e os secúlos iam a pouco e pouco esgotando, estalindo symbolicamente com a lingua em signal da excellencia da bebida, não teve outro remedio senão conformar-se, maldizendo para si as etiquetas e as cerimonias que o obrigavam a privar-se d'um liquido tão saboroso; reservando-se para mais tarde tirar a desforra.

Findas as cerimonias de recepção, foi Bucusso introduzido com o Carique e Francisco Gonçalves no gabinete do dr. onde já estava D. João.

Difficil foi a exposição que havia a fazer para que penetrasse na acanhada intelligencia de Bucusso, a ideia do dr., porem este que possuia um dom especial de persuasão, como ninguem, para typos d'aquelle jaez — fallou-lhe em muito bella aguardente que elle no futuro teria sempre á farta, *e n'umas certas cousas*

mais, que o boçal preto, deixou-se por fim convencer da utilidade de celebrar o contracto que queriam, e só oppoz uma condição unica — o consultar os feitiços, e caso elles se não opposessem á exploração das minas, *assignaria* o contracto como desejavam.

Este caso dos feitiços é importante, porque, não tendo aquelles povos a mais insignificante noção da divindade, acreditam que tudo é feito por intervenção dos feitiços!

A chuva, por exemplo, o bom tempo, a morte, a paz, a guerra, o bem, o mal, tudo advem por vontade dos feitiços.

Os feitiços foram pois consultados.

Bucusso reuniu os seus *macotas e secúlos* e fallou-lhe na sociedade que os outros dois sobas e o enviado do *Muene-puto* (Rei de Portugal) lhe propunham, para a exploração das minas e nas vantagens, riquezas e fartura d'aguardente que teriam d'ahi por diante.

Bastou esta palavra magica — fartura d'aguardente — para os macotas ficarem logo bem dispostos a favor do projecto, porem nenhum deixou de respeitar a vontade do chefe, em serem consultados os feitiços.

Disposeram-se todos n'um grande circulo no largo do acampamento, e uma figura exotica começou a *serie d'operações*.

Era o adivinho!

De dentro d'um saco tirou milhares d'objectos estravagantes, como pedaços de chifres de diversos animaes, bocadinhos de madeira com formas esquisitas, dentes humanos e de irracionaes, espinhas de peixe, ossos de mamiferos e vertebrados, legumes seccos, conchas, pedras, caroços de diversas fructas, que met-

teu dentro d'um pequeno cesto, assim como muitas outras cousas, de que não era possivel distinguir a especie a que pertenciam, não só pelo seu estado de porcaria, como pela forma que apresentavam depois de servirem a tão solemnes actos.

N'uma cabaça que cuidadosamente desatrelou da cintura, contendo milho secco e missanga grossa, pôz todo o seu sentido e com mil esgares horrendos, dando cabriolas de saltimbanco, agitava-a fazendo uma traquinada d'ensurdecer, invocando por esta forma os espiritos ou os Cassumbi. ([a])

A cada paragem das cabriolas sacudia o cesto, e então era curioso ver a attenção que elle dava, ou fingia dar, aos objectos que appareciam ao decima, onde lia, como n'um livro aberto, um *futuro bello e risonho* á sociedade do branco com o seu senhor.

Arthur como homem pratico e já conhecedor da *fé* d'estes intrujões do sertão, tinha por interposta pessoa, presenteado bem este sujeito, e ainda um outro a que chamavam o *cirurgião*, sem o qual não se passaria para o completo prognostico do futuro.

O dr. não poude deixar de dizer philosophicamente para comsigo:— de que dependem muitas vezes os grandes acontecimentos! —

Finda que foi a cerimonia do adivinho, que a todos deixou bem dispostos, foi consultado, como é das praxes, o cirurgião.

Este typo é de respeito entre aquelles povos e chega ás vezes mesmo a ter tal influencia no soba, que man-

(a) Almas do «outro mundo».

da mais do que elle; n'isto parece-se muito com alguns dos nossos chefes de repartição, que teem mais poder do que os ministros.

O cirurgião entrou solemnemente para o meio do circulo e declarou com *prosapia* que sem uma gotta de sangue do *branco* e outra de cada um dos chefes, não podia proceder ao *curativo* e dar a sua succinta opinião.

Para isto contentava-se somente com uma pequena picada n'um braço e uma simples *gottinha de sangue*, como elle dizia.

Em vista pois de tão terminante exigencia, o dr. foi o primeiro que arregaçou a manga do fato do braço direito, e o offereceu ao *sacrificio!*

D. Candida que assistia a esta scena, forneceu o alfinete.

O cirurgião com ares de D. Juan Tenorio, ao tomar das mãos da formosa dama o instrumento tão importante n'aquella solemnidade, fez-lhe uma careta, que lá no seu entender significaria talvez uma galante amabilidade!

Picados que foram os individuos que pretendiam associar-se, o cirurgião misturou todo o sangue na palma da mão esquerda, ajuntou-lhe uma pouca d'aguardente e...lambeu tudo!

Então, como que por magia, o homem parecia ter diminuido de pezo, e deu saltos tão altos e cabriolas tão medonhas, fazendo caretas tão feias, tão horripilantes, que Arthur já julgava o negocio todo transtornado.

Porem aquellas demonstrações eram a expansão do seu sentimento, por cousas sobrenaturaes *que via*, e todas de bom agouro para o futuro da sociedade.

E não só o sujeito via essas chimeras, como via na realidade descoberta a eterna *mina* d'aguardente, que aquelle branco, aquelle enviado do Muene-puto, lhe patentava a seus olhos deslumbrados, e lhe abria francamente á sua voracidade de beberrão!

Com tão *auspiciosos prognosticos* não podia deixar de se celebrar o contracto.

Cincoenta bois foram immediatamente mortos e um grande banquete ia ser dado em honra do poderoso rei de Moma.

A aguardente occupava um lugar importante n'este banquete selvagem.

De animo bem disposto estavam os indigenas, quando Arthur entendeu ser occasião propria para a celebração e assignatura do contracto com a maior segurança possivel para as partes.

Assentou-se por base, e todos concordaram, que o dr. seria o presidente da sociedade.

Que nenhum associado poderia dispor de cousas de maior importancia, sem que fossem ouvidos os cinco chefes, e sem a maioria dos votos.

Que no principio da sociedade, em quanto não estivesse aquella engrenagem social montada, seria o presidente o unico que poderia resolver, sem dependencia de votos, qualquer assumpto importante.

Que o dr. abonaria o capital necessario para as primeiras explorações, capital que mais tarde seria separado do monte, com um lucro de cem por cento, e o resto seria então dividido pelos socios todos.

Que a escravatura seria completamente abolida nos territorios dos chefes associados.

Que nenhum dos socios poderia vender, legar, ou

por qualquer forma transmittir os seus direitos d'associados senão a portuguezes ou indigenas, que ficavam obrigados da mesma forma a todas as clausulas do contracto.

Que os ferreiros gonzellos seriam sempre preferidos a todos os outros individuos para o trabalho das minas.

Que a sociedade participaria a sua existencia ao governo portuguez, unico senhor dos dominios a explorar, salvo os direitos que o rei de Moma tinha como proprietario.

Que ao governo portuguez se pagaria uma decima computada segundo a receita liquida.

Que as minas seriam immediatamente começadas a explorar, e registradas em Benguella.

Que para segurança pessoal de todos e das minas, se construiria em volta d'ellas um campo intrincheirado.

Que no parapeito da trincheira fosse arvorada a bandeira portugueza, e á direita uma outra, com as cores e symbolos que se combinasse, representando a sociedade, ou nova colonia.

Que apenas houvesse capital disponivel se procuraria o meio de estabelecer communicações rapidas com a costa, construindo vias acceleradas.

E mandar vir muita d'esta aguardente disse o Bucusso n'um gesto patetico, esgotando o ultimo trago de uma cabaça.

Lido este contracto, com mais outras clausulas insignificantes, foi assignado pelo capellão a rogo do rei de Moma, por Arthur de Magalhães, D. João, Marquez de.., João Albino, Francisco Gonçalves, e como testemunhas Francisco Antonio por si e a rogo de Batara, e por alguns homens da expedição a rogo de differentes macotas.

Os indigenas assistiram satisfeitos á leitura d'este

contracto, que foi escripto em portuguez e na linguagem do paiz, de que se tiraram diversas copias.

Os bois depois de esfolados foram assados mesmo inteiros em monstruosas fogueiras.

O dr. aproveitou aquelle intervallo para acabar de mostrar a Bucusso o acampamento e os numerosos objectos que tinham feito a admiração de todos os potentados por onde passara.

Bucusso porem parecia não se assombrar nem pasmar de cousa alguma.

O seu estado de embriaguez permanente tinha-o embrutecido por tal forma, que para elle, só existia na face da terra, a aguardente, e o seu melhor prazer, o seu maior deleite, seria uma eterna bebedeira!

A unica cousa que o impressionou deveras, foi um choque electrico que o ia prostrando, se não fosse o apoio prompto de D. João, que o amparou na queda.

Foi o caso, que, Bucusso tocara sem saber o que fazia, nem haver tempo de o evitar, no botão de communicação da machina electrica com os fios da grade de defeza, e ao mesmo tempo n'um dos fios.

O Bucusso depois de soffrer um abalo tão inesperado, fugiria com toda a certeza, se não fosse o seu estado de embriaguez.

Foi custoso desvanecer-lhe esta impressão, a logica e os raciocinios mais convincentes não penetravam n'aquella cabeça obtusa.

Felizmente vieram dizer que os bois estavam assados, e o principio do monstruoso banquete fez esquecer o accidente, que podia ter sido a causa de graves complicações com o rei de Moma.

Era na verdade imponentemente selvagem o ver

aquelles esfaimados e escanzelados pretos, acocorados como macacos, rilhando a carne dos bois!

Parecia uma alcateia de famintos lobos devorando um rebanho de indefezas ovelhas.

A noute ia-se approximando e a luz electrica foi accesa.

O tom phantastico que a luz deu a esta scena, só Dante no seu *Inferno*, a poderia descrever.

O dr. tinha preparado uma monstruosa surpreza aos seus convidados.

Era um formidavel *ponche* de seiscentos litros de aguardente, onde foram lançadas diversas especiarias, para tornar a bebida mais forte e saborosa.

Um tanque de alvenaria tinha sido feito de proposito para aquelle fim.

D'este ponche só eram servidos os *nobres* das tres cortes, macotas e secúlos.

Quanto não dariam n'aquella occasião os *plebeus* indigenas, para serem *patricios* d'aquella *Roma* selvagem ?

Assim, apenas esgasiaram muito os olhos para a chamma azulada que ardia no tanque, e abrindo muito as narinas aspiravam ruidosamente, tendo que se contentar só com o cheiro!

Podia-se applicar o adagio portuguez: — era ver com os olhos e comer com a testa.

A chamma da aguardente extinguiu-se finalmente e as escudellas dos chefes foram mergulhadas soffregamente!

Ás guellas d'aquelles *senhores*, não fazia o menor estorvo o grau do calor elevado que attingira a aguardente.

As *damas* fizeram bem as honras a bebida tão apetitosa!

Saciada a *nobreza* até ficarem cahidos por terra, foi permittido, por alta mercê, aos do povo, tomar parte na bebedice!

Similhavam um bando de vorazes corvos baixados das regiões do espaço sobre um cadaver putrefacto!

N'esta occasião chegaram atroadoras musicas.

Diversos *batuques* foram organisados em volta das fogueiras, que n'aquella noute ardiam sem interrupção, para aquecer *por fóra*, aquelles sujeitos de *toilette* tão ligeira.

As senhoras e o capellão já se tinham recolhido aos seus aposentos, tendo n'esse noute, por excepção, uma sentinella e uma guarda á barraca, por causa d'algum *engano* dos seus reaes hospedes.

Os *batuques* ([a]) estavam na sua maxima actividade e Arthur do alto da sua pequena torre d'observação contemplava aquella deshonesta, indecente e provocante dança, onde as mulheres eram as primeiras a porfiar em tornal-a mais obscena.

O dr. teve outro momento de desalento e uma nu-

(a) Este genero de danças africanas em geral de uniformidade e monotonia insupportaveis constituem para o indigena o maior dos deleites.

Ao lado d'uma fogueira perto da qual estão sentados meia duzia de musicos, vasto circulo de homens e mulheres, agitando-se, fazem «charivari» espantoso.

Gritos, versos, palmas a compasso com os bumbos, produzem um effeito indescriptivel, que é considerado tanto mais perfeito, quanto mais atroador.

Dos grupos em redor saem alternadamente individuos que no amplo espaço exibem os seus conhecimentos choreographicos, tomando attitudes grutescas.

Por via de regra são estas representadas por mimica erotica, que as damas sobre tudo, se esforçam por tornar obscena, sem graça, sem «cachet», vergonhosamente indecente, e só propria para inflamar os obtusos bestuntos dos devassos senhores.

Após trez ou quatro voltas perante os espectadores, termina o dançarino por dar com o proprio ventre na primeira «nympha» que lhe parece, saindo esta a repetir scenas identicas.

Capello e Ivens. De Benguella ás terras de Iácca.

vem negra lhe passou sobre o coração, não podendo deixar de dizer comsigo mesmo — será possivel fazer d'estes selvagens completamente bestialisados pela embriaguez e pela luxuria, um povo civilisado, rico e feliz?!

Então olhou para o ceu, que n'esta occasião estava d'uma limpidez rarissima, e em contemplação do infinito, d'essa immensidade onde se revela o poder omnipotente do creador, disse — *Elle me ajudará.*



CAPITULO XV

O Campo entrincheirado

O primeiro cuidado do dr. ao alvorecer do dia foi despachar para Benguella, o seu leal Fra Antonio e Kijajú com dez homens, todos moı nos camelos que mais exuberantes provas tinhı do de ligeireza e sobriedade.

Uma metralhadora Hiran-Maxim fazia parte expedição.

Francisco Antonio levava o auto do contrato sobas e ia encarregado do registo das minas, e pedir para diversos pontos da Europa pedidos tantes de differentes encommendas, necessarias da expedição, e que muito urgentes eram.

Uma boa porção de ouro foi tambem manda ra Lisboa, com um officio ao governo, onde Ar latava minuciosamente a sua importante descol

seis agronomos que tivessem pratica bastante dos serviços da sua especialidade.

Arthur pedia a intervenção do governo na garantia d'estes contractos e somente punha por condição *sine qua non* que tanto engenheiros, como agronomos, deviam ser portuguezes.

O dr. que concebera um vasto plano de exploração mineria, não poude deixar de tratar ao mesmo tempo da exploração agricola do valle do Cunene e Cubango, não só por ser o meio de civilisar aquellas gentes, familiarisando-as com as machinas agricolas e por conseguinte com o progresso, como tambem pela immensa riqueza que resultaria d'um solo tão fertil, e da necessidade impreterivel de tratar da alimentação de tantas e tão varias pessoas, que no futuro passariam a vida n'aquellas regiões.

Nò officio ao governo, Arthur pedia tambem para serem contractados vinte homens para servirem de capatazes ou olheiros, nos trabalhos de campo, a quem seria abonado transporte, assim como a suas familias, e a quem fazia tão vantajosos offerecimentos, que muitos haviam de ser os individuos que acceitassem o convite.

Todas estas pessoas deviam partir no primeiro paquete para Benguella.

Francisco Antonio esperal-os-ia para os conduzir o mais commodamente possivel, e com a maior rapidez ao acampamento do Cubango, para onde o dr. ia mudar a sua residencia, mesmo para junto das minas.

Eram importantes, amplos e variados os trabalhos a executar, e alguns muito necessarios e d'occasião.

O serviço foi dividido de forma, que foram aproveitadas todas as aptidões.

João Albino foi encarregado com dez europeus que sabiam o officio de pedreiros, tinham servido em engenharia e assistido mais d'uma vez aos exercicios do *Campo de Tancos*, de dirigirem a construcção d'um vasto entrincheiramento provisorio, em volta do terreno das minas.

Arthur que conhecia de perto o *Brialmont*, que por distracção tinha lido, assim como outros auctores, quando em tempo fôra companheiro de quarto d'um distincto estudante, actualmente official d'engenheiros, lembrou-se do que aquelle sabio general aconselhava para casos d'estes, e n'um momento fez o dezenho do campo entrincheirado fechado, como desejava, e era necessario para que as minas estivessem isoladas e defendidas d'algum ataque, ainda que pouco provavel, d'algumas tribus do interior, ou d'algum visinho invejoso de tantas riquezas.

O traçado que adoptou foi o de linhas continuas, polygonal, flanqueado por meio de lunetas, com um *pan-coupé* feito nos angulos salientes, diminuindo assim o inconveniente que apresentam os sectores sem fogos e os espaços batidos n'uma só direcção.

No perfil não foram esquecidas as dimensões e espessura que devem ter obras d'estas; assim deu ao *parapeito* o,^{m}40 e 2,^{m}5 d'altura, para cobrir tambem algumas edificações que projectava fazer no interior do campo.

Á *banqueta* deu um metro de largura.

Ao *plano de fogo* um quinto de forma que a *explanada* fosse enfiada bem pelos fogos, não podendo os assaltantes, caso algum dia os houvesse, deixarem de ficar expostos aos projecteis dos defensores.

No *talude* da *banqueta* foram feitos alguns degraus

completamente revestidos, para se não desmoronarem e darem facil accesso aos defensores; e o *talude interior* do *parapeito*, egualmente revestido, tambem tinha um degrau com meio metro de altura e de largura, como aconselha o capitão Girard da engenharia belga, o que facilitava os fogos para o fosso e o poder repellir os assaltantes á bayoneta.

Não foi esquecido o sabio conselho do engenheiro austriaco Brunner, e de espaço a espaço foram postos sobre o parapeito diversos *bonnets* de terra, o que protegia summamente os atiradores e dava ás *obras* um tom *asseteirado* da antiguidade.

O *talude* exterior do *parapeito* e a sua competente *berma* foi regulado de forma que as terras não rolassem para o *fosso* e não facilitasse a escalada.

Ao *fosso* foram alteradas as dimensões regulamentares e a tabella de Llave y Garcia teve que ser modificada, sendo feito um novo calculo d'equivalencia d'áreas.

O dr. que dispunha de braços á vontade, deu-lhe uma largura de seis metros e uma profundidade de trez, podendo assim innundal-o á vontade com as aguas do rio, para o que foram construidas solidas adufas.

Á *escarpa* e *contra escarpa* foi regulado as menores inclinações, o que tudo difficultava os assaltos.

Do empolamento e do excesso de terras das maiores dimensões de fosso, mandou o dr. construir uma explanada completamente enfiada com os fogos do parapeito.

A trincheira interior com os *degraus de revez* foi supprimida, pois a altura do parapeito era sufficiente protecção á guarnição, e as terras abundavam do fosso.

No perfil das lunetas, foi alterada a largura e a altura da banqueta, para poderem trabalhar á vontade

as metralhadoras Hiran Maxim e alguns dos excellentes canhões rewolveres Hotchkiss com que ia ser artilhado o campo.

Os pretos animados por boa paga, comida e farta ração d'aguardente, trabalhavam bem e com vontade e em poucos dias as obras de defeza estavam concluidas, com arte e segurança.

Arthur reservava-se para mais tarde, quando as necessidades a isso o obrigassem, a multiplicar os meios de defeza, construindo differentes obstaculos, taes como — estacas aguçadas no fundo do fosso, redes d'arame, abatizes, covas de lobo, fojos ou poços militares, estrepes, fogaças, torpedos, ou outros, mas parecia-lhe que não seria necessario, comtudo tinha sempre bem presente na imaginação o que dissera o sr. Serpa Pinto: «=desconfiar no sertão d'Africa de tudo e de todos, «até que provas repetidas e irrefutaveis nos permittam «confiar um pouco em alguma cousa, ou em alguem.

O campo entrincheirado estava concluido, e ao som de ruidosas descargas dos infantes, a bandeira portugueza foi içada ao mesmo tempo que a da confederação!!

As cores adoptadas para a bandeira da sociedade mineira, foram o encarnado e o azul, tendo ao centro bordado a ouro um alvião e uma pá cruzada, encimados pela coroa real portugueza.

Este dia, foi dia de festa para toda a nova colonia, e os chefes foram deveras victoriados.

O proprio Bucusso já bem vestido e sempre acompanhado do padre, que se encarregara especialmente da sua educação, não se embebedou a cahir, como costumava.

Era o primeiro progresso da civilisação.

O capellão não quiz deixar de dar graças a Deus, por tantas venturas que deparava na terra, ás pessoas que arrojadamente tinham ido com elle, ao acaso, em busca do desconhecido, para civilisarem os desgraçados filhos das regiões onde as leis do Christo não tinham ainda sido implantadas, e n'um altar armado no centro do campo celebrou a missa solemne de graças, que todos ouviram no maior recolhimento.

Era magestoso, sublime, e cheio de respeito o contemplar este quadro tão bello, tão carregado de cores, que na simplicidade do seu todo dizia tanto.

E o philosopho que passasse, olhasse e visse, meditaria longos dias e compridas noutes, nas sociedades, nas transformações das raças, na civilisação, no estado da brutalidade selvagem, na evolução dos tempos, na historia, no passado, no presente, no futuro e no Creador! E talvez preferisse o estado brutal da sua alma, á sensação que sem querer sentiria, ao ver e comparar o ente selvagem, e o homem civilisado.

. . . .

O dr. esperava comtudo a resposta do governo portuguez para dar grande desenvolvimento á exploração.



CAPITULO XVI

No seio da representação nacional

Estava-se em pleno parlamento.

Havia já dois mezes que os representantes do povo e os *pares*, faziam rodar apressados os seus carros e os d'aluguer, para S. Bento.

A resposta ao discurso da corôa e o *modo de propôr*, tinham absorvido cincoenta e uma sessões, sem outra consequencia para o paiz a não ser a creação d'um vocabulo, que ha de passar á posteridade — a *verborrhea!*

Os ministros e a maioria esperavam com a maior paciencia que se extinguissem estes fogos fatuos da intelligencia da opposição, e que a nostalgia do lar chamasse Suas Ex.as aos penates, para de afogadilho e sem discussão, *fazerem passar* todas as propostas que tinham nas *pastas* e nas algibeiras.

Tudo parecia correr ás mil maravilhas.

O processo d'obstrucionismo da opposição estava auxiliando admiravelmente os projectos e a politica do governo.

Chega porém o dia 3 de março de 188..., depois

da chamada do costume, verificou-se, caso raro, não faltar nenhum senhor deputado!!

Acto continuo, entraram todos os ministros, enfileirados, direitos, serios e impertigados, como convinha a suas *altas* personalidades.

Andava *cousa no ar*, como disse em tempo um nosso illustre homem d'estado.

Depois de lida a acta, o ministro da marinha, levanta-se serenamente e diz: — Sr. presidente, peço para que seja dispensado o regimento, para poder apresentar á camara um negocio da mais alta transcendencia para ella e para o paiz; trata-se do engrandecimento das nossas colonias na Africa, e dos projectos que um nosso compatriota se encarrega d'apresentar a V. Ex.as.

O regimento foi dispensado e a camara parecia toda disposta da melhor vontade a ouvir o ministro.

Este continuou assim:

É sabido de todos nós, que um nosso compatriota arrojado, rico de dinheiro, cheio de talento e sabedoria, sem um unico subsidio do governo, e só apenas com os seus recursos, intentou uma exploração commercial e scientifica nos nossos dominios africanos, com o fim unico de reinvindicar para o seu paiz a gloria da civilisação dos povos que ha tantos annos reconhecem a nossa soberania.

Este heroico portuguez, o dr. Arthur de Magalhães, tem deixado na esteira luminosa do trilho atravessado desde Benguella até ás terras de Moma onde está hoje, o seu nome gravado em cada cubata de sobas e macotas, com o buril da mais cordeal amisade, e até fanatismo, que jámais explorador algum soube deixar na lembrança d'aquelles povos semi-selvagens.

bos e os adjectivos, com uma facilidade pasmosa. Rendilhava a phrase com o mais fino desenho, burilava os seus discursos com um buril tão afiado e um pulso tão firme, que era sempre uma obra d'arte.

Quando feria, o seu estilete era vibrado com tanta força, com tanta certeza e destreza, que o seu adversario cahia, para nunca mais se erguer.

Tinha apenas fallado n'aquelle periodo duas vezes, e d'improviso.

Os proprios adversarios o declararam — orador.

O ministro concluiu a leitura.

— Agora, meus senhores, disse elle, peço ao sr. presidente ponha á votação e á discussão os artigos que acabo de ter a honra de lhes apresentar.

O orador foi cumprimentado pelos seus numerosos amigos.

O deputado F. levantou-se e disse: Sr. presidente, pedi a palavra para uma explicação, e julgo-me com direito a ella.

O presidente—Tem a palavra o sr. deputado F.

A maioria conchegou-se, como que a formar parede.

Os ministros fizeram-se lividos.

A opposição passou palavra para appoiar o orador.

E nas galerias o *Zé povinho*, poz-se á vontade.

O deputado F. principiou assim:

Sr. presidente, se pedi a palavra n'este momento é porque uma phrase do illustre ministro da marinha me feriu por tal forma os brios de portuguez, que todas as lembranças do passado bem longinquo e do passado de hontem me fez referver o sangue nas veias.

O dr. Arthur de Magalhães pensa como eu, tem tambem presente a todos os instantes que a Inglaterra,

desde immemoriaes tempos, tem a idéa fixa de se apossar das nossas colonias.

Esta idéa chega á monomania, e como os idiotas, os maniacos, os cretinos e os doidos, tem lançado mão de todos os meios, os mais vis e infames para a realisar.

O presidente —Convido o illustre orador a modificar a sua linguagem quando falar d'uma nação alliada e amiga.

Vozes — Continue, continue.

O orador — Uma nação amiga!! tem graça!

Parece que o sr. presidente se esquece dos factos bem frisantes da nossa historia, parece que o sr. presidente não está recordado dos tratados sempre mais ou menos vexatorios, leoninos e ruinosos que a Inglaterra nos impoz em todas as epochas, que descobria por qualquer fórma, um vislumbre da nossa fraqueza!

Pois bem, eu vou avivar a mente de S. Ex.ª.

As nossas relações com a Inglaterra, são infelizmente de longe data, e já em 1386 *faziamos* um tratado *d'amisade e liga perpetua.*

A este, e a outros anteriores, succederam-se muitos, porque a Inglaterra egoista e altamente commercial, calcava aos pés no dia seguinte o que tinha firmado na vespera com a sua assignatura e com o sello das suas armas.

Deixando de parte os tratados de 1576 — 1640 — 1642 — 1652 — fallarei apenas no de 1654, chamado o de *Westminster*, um dos mais vexatorios para nós.

É que esta nação de heroes tem ás vezes momentos d'um abatimento moral e physico, que só se compara ao somno do leão. E é n'estas occasiões que o leopardo inglez sempre de olho á espreita, nos ataca e opprime!

São felizmente de pouca dura as suas victorias.

O leão acorda, ruge, e a fera sua antagonista, reco-

lhe as garras e esconde-se no seu antro a espreitar novo ensejo d'ataque!

Vozes — Muito bem, muito bem.

N'estes momentos de torpôr assignamos o tratado de 1661, o tal chamado — *paz e casamento,* e a troco de promessas ephemeras, lhe cedemos Tanger e Bombaim e lhe demos de mão beijada, dois milhões de crusados!

Em 1703, temos o famoso tratado de *Methwen!* em que as nossas industrias levaram um golpe mortal. Os de 1793, 1808, 1810, e outros, em que já vos fallarei, são a prova mais evidente da boa amisade da Inglaterra.

Tem sido d'uma tal lealdade para comnosco, que era raro não terem os nossos monarchas de mandarem pouco tempo depois da firmação dos tratados, embaixadores reclamar contra a violação d'elles!

Assim D. Affonso 4.º envia a Inglaterra em 1353 Affonso Martins Alho.

Em 1385, é o proprio mestre de S. Thiago quem inergicamente faz as suas reclamações.

D. João 1.º envia successivamente Fernão Gonçalves, Pedro João e João Viegas.

D. Sebastião manda o dr. Manoel Alvares.

E D. Affonso 5.º manda João d'Elvas.

E quereis saber porque eram tantos embaixádores e tantas as reclamações da violação dos tratados?

Era porque os inglezes *syndicavam* descaradamente, em terra os nossos negociantes, e no mar os nossos navios.

Duvidaes? Quereis provas? Quereis datas?

Ellas ahi vão!

Em 1357 já D. Affonso 4.º teve que fazer sérias reclamações a Eduardo 3.º pelo *syndicato* das mercadorias do *S. Salvador*.

D. Affonso 5.º snstentou uma verdadeira campanha d'embaixadas a Henrique 6.º e Eduardo 4.º. para nos serem restituidas as cargas de diversos navios e a importante tomadia de 12 naus sahidas de Flandres com ricas carregações, e que os *nossos amigos* nos tinham aprehendido no canal d'Inglaterra!

Em 10 de setembro de 1808, uma esquadra ingleza toma Macau á viva força — com o pretexto de nos defender dos francezes!!!

Os excessos dos *nossos amigos*, durante a guerra da peninsula, estão no animo de todos, e os nossos avós transmittiram-nos a bem triste lembrança de terem soffrido mais vexames e atrocidades dos nossos *caros amigos*, de que dos proprios francezes!

E depois de todos os sacrificios, n'esta guerra que os inglezes fizeram aos francezes no nosso territorio, ficando talados os campos, derrocadas as cidades e aldeias, — depois de tantos horrores e miserias, vem o tratado de Paris de 1814, em que a *recompensa* que tivemos, foi a entrega da Guiana á França!!!

Vozes — muito bem, muito bem.

Passo em claro as luctas heroicas que o nobre marquez de Sá da Bandeira, barão da Ribeira de Sabrosa e conde de Villa Real, tiveram com lord Howard e Palmerston, para se não deixarem expoliar pela nossa boa amiga... a que por fim... sempre tivemos que ceder!

Verdade é, que, com solemne protesto do mais fraco, contra o despota mais poderoso.

Se isto vos não basta, vou apresentar-vos mais obras dos nossos *bons amigos*, — vou fazer passear por esta sala o espectro sinistro de Gomes Freire d'Andrade, enforcado em 18 d'outubro de 1817, e vou espalhar aqui

as cinzas dos doze martyres, lançados pela politica d'elles, ás fogueiras do campo de Santa Anna! ellas pedirão vehementes contas aos homens d hoje, que alem de os não saberem vingar do seu suplicio atroz, iniquo e infame, teem a cobardia de nos querer continuar a ter sob o jugo vil e interesseiro d'uma nação, que qual abutre esfaimado paira sobre nós, sugando-nos até á ultima gotta o sangue das nossas veias, e esphacelando-nos membro a membro, até que restem apenas os esqualidos ossos, sem serventia nem outro prestimo a não ser o mostrarem ao mundo que um povo d'heroes se transformou em miseros, mesquinhos e innocentes cordeiros!

O presidente — chamo á ordem o orador e retiro-lhe a palavra se não modera a sua linguagem — *vozes* — continue — continue — protestos da direita, alguns socos nas carteiras, — uma confusão d'atroar.

Um deputado — continue o orador, que mando eu!!

— O presidente levanta-se, põe o chapeu e interrompeu a sessão por vinte minutos.

Serenados os animos, é reaberta a sessão.

O presidente — Tem a palavra o sr. deputado F.

O orador — Farei por me moderar o possivel, farei recalcar no fundo do meu coração o fel que o envenena quando fallo n'estes assumptos, e resumirei quanto poder o que ainda tenho a dizer em apoio do valente e intrepido compatriota, que só, longe da mãe patria, no meio d'esses sertões africanos, espera pela nossa decisão para nos engrandecer e fazer-nos reviver aos olhos do mundo inteiro.

Corro um véo sobre o passado e é só com os factos d'hoje que vou pedir a attenção da camara, e depois me direis, se devemos ou não excluir a Inglaterra, tan-

to quanto nos fôr possivel, dos nossos negocios africanos e de todos os outros mais.

Tenho a honra de fazer saber ao sr. presidente, que me vou servir d'alguns termos que correm impressos em livros d'auctores, e alguns até publicados por illustres membros d'esta casa, que já se teem assentado n'aquellas cadeiras; (*e apontou para o lado dos ministros*) e por isso espero que os tympanos tenues de s. ex.ª se não desarranjem com a vibração produzida por elles.

Algumas gargalhadas se ouviram.

O orador continuou — O saque de Bolama em 1838, as violencias praticadas por Arthur Kellet, official da marinha ingleza, quebrando o pau da nossa bandeira ha seculos ali hasteada, e arvorando a bandeira da sua nação, em nome da liberdade dos escravos — o aprisionamento da escuna *Liberal* e da *Amelia Feliz* — a proposta, mais que vergonhosa, para lhe vendermos Goa, Damão e Diu, e quaesquer outros estabelecimentos que tivessemos na costa Indica, — o desaforo do capitão Owen que em 1823 se apossa dos nossos terrenos de Maputo e Tembe, querendo-se valer d'uns titulos falsos de cedencia, que dizia feitos pelos regulos! — a insistencia da usurpação d'estes mesmos terrenos pelo tenente Jhones, e outra vez pelo tal Owen — a declaração, sem cerimonia, que o almirante Keppel, em 1860 de bordo do *Brisk* fez ao governador de Lourenço Marques, de que a Inglaterra fazia seu o territorio ao sul da bahia!! ([a]) — o simulacro ridiculo que o capitão Biskdfar faz em 1861 para arvorar a bandeira ingleza

(a) Este capitulo foi inspirado na historia, em documentos authenticos, em noticias dos principaes jornaes da actualidade e na obra do sr. José d'Arriaga — «A Inglaterra, Portugal e suas colonias.

nos nossos territorios das ilhas d'Unhaca e dos Elephantes!! tudo istos são casos bem conhecidos.

Porem d'esta ultima vez, que acabo de vos fallar, o leão não dormia, estava apenas de palpebras cerradas, e a voz potente e patriotica do nobre conde do Lavradio, fez tremer lord Russel nos ultimos intrincheiramentos a que recorreu — e já que não podiamos castigar com a força, como deviamos, aquellas insolencias e ultrajes, castigamol-as pela bocca de dois presidentes de duas republicas, que em documentos officiaes lhes chamam —*falsarios e rapinantes!!*

Lourenço Marques porêm não lhe passava *do gotto*, como diz o povo, e lord Morier com mais diplomacia que o seu antecessor, e com a mais fina velhacaria, quer-nos impor o celebre tratado que fez cahir um ministerio e agitar a nação!

A compra, a ameaça, a tomada á viva força, tudo lhes falhava, vieram por isso com a manha dos tratados.

Falharam tambem em parte, mas a pouco e pouco, apoz tempo sobre tempo, lá vão conseguindo os seus fins, e a Africa que tanto sangue e vidas custou aos nossos antepassados para ser descoberta e arvorada n'ella a bandeira das quinas nas suas mais remotas paragens, lá vae passando desfacellada para o dominio do extrangeiro!

Todos estes factos são tão recentes, são d'hoje, que escusado será verberar a indignação que elles produziram, porque nós, senhores que me estaes ouvindo, sem mesmo o querer dar a conhecer, contra a vossa vontade, tendes os olhos chamejantes de colera e as faces lividas, da ira que vos está corroendo a alma n'este momento.

Omitto-me, por estar demais ventilada esta questão, de fallar nas innumeras trapassas que a Inglaterra empregou na questão do caminho de ferro de Mormugão. È demais!

Sempre a Inglaterra a estorvar-nos, sempre a Inglaterra a antepor-se ao nosso engrandecimento, sempre a Inglaterra a humilhar-nos, sempre a Inglaterra, vil e perfidamente apossando-se das nossas fazendas, do nosso dinheiro, do nosso territorio e da nossa honra.

Vozes—Muito bem, muito bem, muito bem.

O presidente—Chamo pela ultima vez o orador á ordem.

O orador—Bem; entrarei na ordem, se o estar fora d'ella é ter a coragem de dizer ao paiz, com o tom da verdade, factos que a todos devem ser bem patentes.

Entrarei na ordem para dizer áquelles senhores—(e apontou para os ministros)—que não se podem continuar a assentar ali, os que por uma vez nos não emancipem da tutella oppressora, vil, esmagadora da Inglaterra, e não o fazendo, o povo soberano, tem o direito de os expulsar, cobrindo-os dos epithetos de...

O presidente—Retiro a palavra ao orador, convido-o a...

N'este momento a confusão foi geral, todos fallavam a um tempo. Uma boa porção de carteiras foram victimas dos musculos potentes d'aquelles que não sabiam dar melhores razões.

O presidente poz o chapeu na cabeça e levantou-se, gritando—*está fechada a sessão.*

No meio d'aquelle borborinho foram trocados alguns soccos entre os deputados da opposição e do governo, o que daria apenas, depois de apurada a questão, uns

insignificantes duellositos, ou então as mais cabaes desculpas, acabando tudo graças á brandura dos nossos costumes, n'um almoço no Matta, Augusto ou Silva.

As galerias fizeram sussurro, o povinho tomou attitude, e a guarda teve de intervir com a logica persuasiva das suas bayonetas.

As opiniões dividiram-se bastante, os jornaes debateram por tal forma a questão, que tiveram assumpto para longos artigos de fundo.

Reuniões diversas e de todas as cores politicas se fizeram.

Absurdos inqualificaveis se ventilaram desde o recinto do quintal do Rato até ao da Praça de Sant'Anna.

O norte, esse norte que sempre repete altivo os ecos heroicos dos gritos plangentes da capital, — agitou-se, e o Porto na velocidade do *Sud-express* mandou uma grande commissão, composta da *elite* commercial, representar a El-Rei, contra perigos reaes e imaginarios.

O ministerio não poude resistir ao embate de tantas opiniões discrepantes, e tendo concluido um importante emprestimo, em que, segundo a lei, recebeu uns tantos por cento, apresentou dignamente a sua demissão.

Na rotação do systema representativo, em face da *Carta*, foi chamado outro grupo ao poder. [a]

O novo gabinete annuiu ás propostas do dr. o que lhe custou bom dispendio de diplomacia, e algumas outras concessões secretas á nossa *fiel alliada.*

(a) Não declaramos qual, para não offendermos susceptibilidades de individuos que muito presamos.

CAPITULO XVII

As minas em actividade

Os trabalhos no interior do campo entrincheirado tomaram um grande desenvolvimento.

Os indigenas com o costume d'exagerar tudo, tinham Arthur por ser um ente sobrenatural, obedecendo-lhe com uma submissão pasmosa e até com um certo gosto pelo trabalho.

Já tinham dado um nome ao campo fortificado, chamavam-lhe o *Forte da Lua!*

De Lisboa chegou a concessão do governo, os engenheiros, os agronomos, os capatazes, muitas familias d'estes e um grande material para a agricultura e montagem d'officinas para o tratamento do ferro e do ouro, pelos processos mais recentes.

Uma animação extraordinaria se via por todos os lados.

Dentro e fóra do campo foram construidas muitas casas, onde já o ferro tomara um importante lugar.

A exploração do ouro fazia-se em ponto grande, e os encarregados de purifical-o eram já bem peritos n'aquelle importante serviço.

O governo mandou estabelecer provisoriamente pos-

tos militares no caminho de Benguella por onde transitavam os camelos, que carregados d'ouro, levavam á Europa as vastas riquezas da nova colonia, emquanto o caminho de ferro que os engenheiros estudavam, não pozesse em communicação rapida e directa, as minas, com qualquer ponto da costa.

Os differentes instrumentos e machinas agricolas abriam aqui e ali sulcos profundos na terra, onde as sementes lançadas produziam centenas por cada uma!!

Os silvos das machinas a vapôr applicadas á industria e á agricultura, ouviam-se por toda a vasta planicie do valle do Cubango e do Cunene!

Os engenheiros apresentaram os seus projectos definitivos do traçado do caminho de ferro á costa.

Eram elles trez bem elaborados planos.

Um com a directriz a Benguella, outro a Mossamedes e outro em linha recta mesmo pelo paralello 13.º até ao sitio do Cuio, onde se faria um excellente porto de mar, abrigado pela Ponta das Salinas e a Ponta dos Frades, ou na Bahia dos Elephantes, se as dunas movedissas o não obstassem.

Os Mossamedenses e os Benguellenses mandaram commissões ao dr. para que o ponto *terminus* fosse o da sua cidade, e para advogarem a sua causa junto d'elle.

Expozeram egualmente as suas razões aos seus correspondentes em Lisboa, e os jornaes fallaram no caso.

Um dos que mais tratou a questão, foi o *Correio da Noite*, em cinco bem elaborados artigos, assignados com um modesto X, encobrindo com esta simples letra o seu talentoso auctor, o seu verdadeiro nome.

Provava elle até á evidencia que o traçado de Benguella por Luache, Dombe Grande, Quillengues, Ca-

conda, Huambo, Sambo, Cacunque e Bihé, n'uma extensão de quinhentos kilometros, pouco mais ou menos, era o trajecto que se devia adoptar, por isso que alem de servir importantes pontos commerciaes, era mais curto este traçado, do que aquelle que partisse de Mossamedes, e mais economica a construcção, por encontrar na sua passagem os elementos que os terrenos areosos das proximidades de Mossamedes, até cem kilometros para o interior, não poderiam fornecer.

Arthur ouviu a opinião dos sabios engenheiros, estudou os traçados apresentados, e por ultimo foram todos elles unanimes em adoptar o caminho mais curto, e o projecto em linha recta ao Cuio, foi apresentado á approvação do governo portuguez.

Para satisfazer porem ás justas ambições dos differentes povos empenhados na questão, e para que todos elles entrassem com uma parte do seu trabalho na grande officina, de onde ia sahir o *Imperio Africano*; a *Confederação mineira do Cubango*, obrigava-se a construir ramaes de via reduzida a Benguella, Mossamedes e Caconda, passando pelos maiores centros commerciaes e agricolas, conforme a confederação o entendesse, mas isto só um anno depois da abertura da linha directa, se antes não fosse possivel.

Arthur não pedia um unico subsidio, e comprommettia-se a não elevar as tarifas a maior preço do que fosse estabelecido na linha de Ambaca. Pagaria ao governo portuguez dez por cento dos lucros liquidos, e eram admittidos fiscaes pagos pela confederação.

A tracção seria electrica e a largura da via e dos carros, regulada como a companhia o entendesse.

Seria preferido tanto na construcção, como na ex-

ploração, o pessoal portuguez e o indigena. Propostas tão vantajosas foram logo acceites, e immediatamente se poz mão á obra.

A carbonite, a mylinite, a nitro-glycerina e a dynamite foi ensaiada em differentes sitios.

Todos estes fortes explosivos davam excellente resultado, e as rochas das serras de Ulonde, Chinhinga, do Huambo, de Chella e dos outros pontos comprehendidos no traçado, voavam pelos ares descobrindo os seus duros seios á voluptuosidade do progresso e do trabalho!

Dentro em pouco a locomotiva electrica passaria rapida, como o vôo da andorinha, levando nas suas azas potentes, o ouro que as entranhas do Cubango enviava á Europa admirada!

Portugal, esse velho alquebrado e triste, achara o elixir da *longa vida*, tão procurado pelos alchimistas da antiguidade, e forte, sadio e vigoroso, causava inveja ás outras nações, que ás escondidas lhe queriam adivinhar e roubar o segredo da sua metamorphose!

Nas minas havia uma actividade prodigiosa.

Torrentes de emigrados portuguezes, francezes, italianos e hespanhoes chegavam a cada hora; para todos havia que fazer!

Aos artistas entregava-se a serra mechanica, o martello, o buril, a lima, os cadinhos, as formas, os tornos e os burnidores, e das suas mãos sahia o ferro, o aço e o ouro transformado em differentes artefactos.

Tudo quanto d'estes metaes se podia obter, se executava nas vastas officinas da *Confederação do Cubango*.

Machinas poderosas de serrar, de aplainar a madeira, de lavrar, profundar, arrotear, cavar e semear a terra, e todas aquellas que podem ser empregadas nos



usos da vida, d'ali sahiam promptas, bem acabadas, e a grande arteria que a *Confederação* abrira á circulação da seiva opulenta da Africa, levava a todos os pontos da nossa vasta provincia de Angola, os instrumentos que o progresso poz ao alcance dos homens, para lhes centuplicar as forças e animal-os no cansado labutar da existencia.

Os filões de ouro, essa origem d'aquella grande riqueza, pareciam inexgotaveis.

As arêas do Cubango eram fonte perenne d'onde jamais se extinguiria a opulencia.

Attrahidos por mananciaes tão uberrimos, os ourives fabricantes não tardaram a estabelecer-se perto das minas, e o ouro em barra e em palhetas ou pepitas, era remettido para o resto do mundo conjunctamente com formosos e bem acabados artefactos do precioso metal.

A civilisação progredia sem oppressão e sem custo.

Eram os proprios pretos, até os mais selvagens, que procuravam imitar os europeus.

Olhavam para elles, viam-n'os vestidos, envergonhavam-se da sua nudez e sentiam frio!

Assistiam aos jantares da sua farta e saborosa meza, tinham fome e abominavam a anthropophagia.

Ouviam o murmurar doce de seus affectos de noivos, viam as caricias infantis que os filhos prodigalisavam aos paes, comparavam estes sentimentos nobres com a bestialidade luxuriosa dos seus selvagens amores, acabavam com a polygamia e afagavam os seus filhos.

O christianismo, tendo á frente da missão ali estabelecida, o bom capellão, fazia progressos inauditos e a catechese não se limitava a sermões e a predicas incomprehensiveis para os pobres selvagens; ia mais lon-

ge, era com os seus exemplos, com o seu carinho verdadeiramente christão, que fazia numerosos prosélytos e creava adeptos.

A população augmentava por tal forma que forçoso foi tratar da edificação d'uma cidade.

Das terras do Humbo, do Sambo, do Bihé, do Nano, Caluquembe, Gangucllas, Bailundo, e até de Luimbe, Quimbandi, Mossamba, Quioco, Longo, Luimbe, Malembas, Selles, Quidungo, Luceque, Feinde, Quipungo dos Mu-nhaneca, Mulondo, Nhemba, Quiteve, e d'outras mais longinquas, estavam familias inteiras com os seus chefes, que vieram receber o baptismo santo das aguas do Cubango, n'essa grande pia baptismal do progresso e da civilisação da Africa.

Não era só necessario edificar uma cidade, era preciso fazer leis adequadas áquellas gentes, crear policia, exercito e regular todos os ramos da administração publica.

O dr. como chefe da nova colonia entendeu-se n'este sentido, com o governo portuguez, sobre as bazes em que devia assentar a fundação da *Nova Lisboa*, nome que seria dado á cidade portugueza, que em breve ia surgir do centro das vastas florestas virgens do alto Cubango e do alto Cunene.

Discussões mais ou menos absurdas tiveram os jornaes da Europa, por causa d'alguns artigos das propostas, que o dr. fazia ao governo, mas as vantagens eram taes e tantas para Portugal que o ministerio teve o bom senso de não regatear nem desgostar um homem cujo fim unico, era engrandecer a sua patria.

Os invejosos levavam a insania a ponto de fazer correr com insistencia, que o dr. se queria proclamar independente e *dictador* d'aquella nova republica!!

Não seria isso difficil áquelle homem, que tinha sabido captivar por tal forma aquelles povos, que por elle tudo fariam, arrostando mesmo com os maiores perigos.

Mas não, Arthur de Magalhães orgulhava-se de ser portuguez e abominava todos aquelles que commettiam uma acção menos digna, e por mais d'uma vez elle estygmatisara o procedimento d'aquelles, que, depois de deverem tantos sacrificios á sua patria, a abandonavam, como os filhos desnaturados abandonam e renegam os pobres paes, que se individaram para lhes dar educação, o bem estar social e a riqueza!

D. João, D. Candida, D. Amelia, o capellão e Francisco Antonio, seus intimos, eram testemunhas d'estes elevados pensamentos, que Arthur não occultava egualmente do resto dos seus amigos.

Sentia porem algum desgosto, quando lia as apreciações menos justas, que alguns jornaes da Europa, faziam aos seus sentimentos puros e patrioticos.



CAPITULO XVIII

A Nova Lisboa

Tinha-se finalmente removido todas as difficuldades e a *Nova Lisboa* ia ser edificada.

Dos differentes projectos apresentados por engenheiros estrangeiros e nacionaes, foi adoptado um elaborado por M. G. distincto official da nossa engenharia militar, em commissão na Africa.

Foi escolhido um amplo *plateau* com quatro leguas quadradas, e a cidade tendo a face do poente apoiada na margem esquerda do rio Cunene, e a do nascente no riacho Bomba, formava um verdadeiro quadrilatero dividido uniformemente em ruas paralellas de norte a sul e de nascente a poente.

Seis avenidas de trezentos metros de largura, cruzavam-se em diversos sitios, tendo vastissimas rotundas na sua bifurcação.

No centro da cidade haveria uma praça formosamente ajardinada, onde a liberdade seria representada por um elegante monumento.

N'este ponto da cidade, como o mais central, seriam

edificadas todas as repartições publicas, e o movimento burocratico e commercial, ficaria por assim dizer ligado intimamente.

Todas as commodidades da vida, todos os melhoramentos que a Europa tem inventado para conforto da humanidade, tudo ali se poria em acção, accommodando-se ao meio em que estavam.

O abastecimento das aguas foi cuidadosamente estudado.

O saneamento, questão importante de hygiene, se não era precisamente o systema *Berlier*, obedecia contudo a um principio de canalisação tão perfeito de valvulas e syphões com circulação continua d'agua do rio, que não deixava cousa alguma a desejar.

A illuminação seria toda a luz electrica, tanto nas ruas e praças, como nos estabelecimentos particulares, theatros e repartições publicas.

As construcções estavam todas sujeitas a umas certas normas regulamentares, de que se não podia sahir.

O ferro era empregado de preferencia em todas as edificações a qualquer outro material.

Differentes e vastas redes de caminhos de ferro, ligavam entre si, todos os pontos da cidade.

A *Nova Lisboa* ia surgir no meio do sertão.

Os engenheiros encarregados da execução do projecto, procediam sem demora e sem interrupção aos trabalhos.

Por toda a parte grandes grupos de naturaes, portuguezes, hespanhoes, francezes e americanos, coadjuvados por machinas poderosas, derrubavam annosas e frondentes arvores, que eram immediatamente serradas e apparelhadas em acção de servir a industria.

Wagonetes carregados de ferro, de pedras, de terra e diversos materiaes, passavam e repassavam em todas as direcções.

Aqui uns, á força de braços, abriam canos enormes e architectavam abobadas espaçosas, construindo a parte subterranea da cidade, completamente indispensavel á sua salubridade.

Acolá, outros, lançavam os alicerces ás edificações mais ou menos pesadas, mais ou menos sumptuosas, que dentro em pouco se ergueriam vistosa e elegantemente, onde a vida com todas as phases da civilisação iria dar um tom novo aos aborigenes e indigenas d'aquellas paragens, que radiantes de alegria se entregavam com afan ao trabalho de construir a sua cidade.

Atroavam o ar silvos estridentes do vapor, que applicado a grandes machinas fazia mover poderosas alavancas.

Ouvia-se o ranger plangente e agudo de grossas e pesadas correntes de ferro, escorregando nos gornes de volumosos cadernaes.

Sentiam-se os sons cavos de centenas de enchadas e picaretas que revolviam o terreno, e o sussurro de vinte mil operarios fallando, gritando, berrando, em todas as linguas era de vez em quando interrompido pelo estampido medonho d'algum cerro que voava pela acção potente da nitro-glycerina, ou d'outro explosivo,— alavancas monstras do progresso.

O praso para as empreitadas estarem concluidas era d'um anno sómente!

O ouro não foi regateado, e os homens com esse motor soberano obravam prodigios de destreza e rapidez.

O Cunene e os outros rios navegados já por barcos proprios, auxiliados por tramways movidos pela electricidade, nos sitios onde os rapidos interrompiam a navegação, traziam todos os dias de differentes pontos do interior os viveres, que as terras cultivadas forneciam abundantemente.

Da Europa chegavam tambem os productos, que ainda ali não havia.

Poderosos candelabros electricos alumiavam de noute os operarios que vinham render os que trabalhavam de dia.

Arthur de Magalhães não tinha descanço. Tão depressa passava n'um wagonete na direcção do norte, para observar o trabalho do engenheiro que andava abairrando n'aquelle lugar, como no mesmo momento se via a cavallo no seu veloz *Arabi*, a escalar um elevado monte que os mineiros furavam, para terraplanar a cidade.

Dividia-se e multiplicava-se tão assombrosamente, que parecia possuir o dom da ubiquidade.

O governo dos doze, que tinham formado, seguia o exemplo que o dr. lhes dava, de continuo trabalho, movimento e acção, e por isso não gastavam tempo em discussões inuteis e verbosas.

A acidia, a negligencia e a preguiça, tinha completamente desapparecido d'aquelles homens outr'ora tardos descuidados e inertes.

Cada um dos doze, pela sua parte, animava com a sua presença os naturaes e os outros trabalhadores, incutindo-lhes o ardor necessario para a realisação de tão gigante obra.

D. João resgatava bem com o trabalho e com o exemplo, as leviandades do passado.

O governo portuguez que largamente tinha discutido com o dr. e com os sobas confederadores, a realisação dos desejos d'estes, lavrou um auto de convenção e cedencia de terras para edificações e cultivo, assignado pelo governador geral d'Angola, governadores de Benguella e Mossamedes, pelo delegado especial, que para esse fim tinha ido de Lisboa, e pelos sobas confederados, por Arthur de Magalhães, D. João, capellão e Francisco Antonio.

O dr. tendo um horror inaudito ao grande palavrorio empregado na metropole por pares do reino e deputados quando se discute a mais insignificante medida administrativa, e como homem pratico, que realmente era, conseguiu que o auto constasse apenas de doze artigos, e não formasse um grosso volume, como formaria, se fosse feito na Europa, por legisladores de officio.

A convenção estava feita n'estes termos:

Artigo 1.º O governo portuguez reconheceria a confederação dos sobas das terras do Sambo, Huambo, Moma e Caquingue, nos limites que elles tivessem, como debaixo da sua jurisdição, á data d'este auto, com o dr. Arthur de Magalhães e a expedição portugueza. (Seguia-se a lista dos nomes.)

Os limites seriam previamente demarcados.

A confederação reger-se-ia por leis especiaes, feitas por ella, reservando-se o governo portuguez nomear um juiz e pessoal judiciario, para aquelles que em ultima instancia quizessem recorrer a elle.

Artigo 2.º O governo portuguez organisaria uma força militar europea, composta de oitocentos homens para fazer a policia da cidade e outras terras.

Esta força seria paga pela confederação, ficaria com-

pletamente sujeita ás ordens do governo *dos doze*, e apenas o seu commandante, poderia recorrer para o governo portuguez, em casos de duvida, ou d'extraordinarios acontecimentos.

Artigo 3.º A confederação reconheceria El-rei de Portugal como seu legitimo soberano, e arvoraria sempre a sua bandeira ao lado e á distancia de tres metros, da bandeira portugueza.

Artigo 4.º No caso da confederação ser ameaçada, tanto interna, como externamente, o governo portuguez auxilial-a-ia com forças necessarias.

Artigo 5.º A confederação não poderia applicar a pena de morte.

Artigo 6.º Os processos criminaes seriam sempre patentes ao juiz e ao residente nomeado pelo governo portuguez, todas as vezes que elles os quizessem observar.

Artigo 7.º O residente e o juiz não poderiam intervir em cousa alguma na administração da confederação.

Artigo 8.º A navegação do Cunene e outros rios, que atravessassem os terrenos da confederação, nunca poderia ser concedida a qualquer companhia estrangeira e especialmente á Inglaterra.

Artigo 9.º A mesma clausula com respeito ás linhas ferreas e outras vias de communicação.

Artigo 10.º Todos os artigos d'exportação e importação em mutuo commercio da confederação com qualquer ponto da costa, ou outros, gosariam do beneficio concedido ás nações mais favorecidas.

Artigo 11.º Era completamente abolida a escravatura, sob qualquer forma que se quizesse sophismar, empregando a confederação todos os meios para auxiliar o

governo portuguez, na perseguição dos individuos, que se occupassem em tal trafico.

Artigo 12.º A confederação obrigar-se-ia a pagar do governo portuguez no dia 1.º de maio de cada anno, um decimo do producto liquido de todas as suas receitas, quer das minas, caminhos de ferro, contribuições etc, — que o residente fiscalisaria, velando pelo exacto cumprimento d'este artigo e dos outros contidos n'este auto.

O governo portuguez conheceu que o unico meio d'animar aquella nascente colonia, seria livral-a das peias dos codigos metropolitanos, feitos por uma civilisação avançada mas inapplicaveis a gente que estava ainda bastantes seculos atraz de nós na estrada do progresso, e compenetrando-se d'esta ideia justa e verdadeira, assignou o contracto.

Assim a confederação com as suas sabias leis e com os seus costumes, em convivio com as nossas, e com os nossos habitos, ir-se-ia modificando a pouco e pouco, sem que a transformação radical por que passaria, a assustasse e a desanimasse.

O governo dos doze fora uma creação do dr., para que os chefes, sobas ou secúlos, partilhassem com elle o poder, e como melhor conhecedores do seu povo o incitassem a auxiliar de boa vontade aquelle trabalho, onde tudo era necessario crear e fazer.

D. Amelia, D. Candida e o capellão não tinham descanço, ora tratando os doentes e os feridos pelo trabalho violento e perigoso das minas, ora acariciando os velhos e as creanças, ora ensinando a uns e a outros as palavras do evangelho.

A sua presença animava os trabalhos da cidade e

as senhoras com o seu fino tacto e bom gosto aconselhavam os aformoseamentos a fazer nos espaçosos *squares*, e lembravam os mil nadas de que dependia a belleza dos parques, dos tanques, dos jardins, das estufas e dos canteiros. E estes genios de fadas, faziam da *Nova Lisboa* um *bouquet* de mimosas boninas, entrelaçado de fios de perolas e crystallinos diamantes.

A capital do futuro *Imperio Luso-Africano*, era edificada com ouro, pela mão dos anjos!

O seu porvir seria o da abundancia, da paz, do trabalho e do socego benefico dos ditosos e das almas felizes.

A *Nova Lisboa*, era o baluarte vigilante contra o horrido, nefando, sanguinario, vil e infame trafico da escravatura. Era o estanque de tantas lagrimas derramadas pelos infelizes e indefezos escravos e as bençãos d'elles, dos desgraçados, dos mesquinhos, dos tristes, fariam com que ella se ostentasse sempre impavida, soberba e juvenil, sobre as margens do Cunene.

A cidade fundada por Arthur de Magalhães, era o templo da civilisação, que tinha surgido das selvas, das mattas virgens, dos sertões inhospitos, como redemptor d'aquelles povos arredados do tracto do mundo, das commodidades da vida e das leis da christandade; por isso Deus a tomaria sob a sua protecção infinita.

. . . .

A Nova Lisboa não era um projecto, um sonho, a *Nova Lisboa* estava concluida!

Era uma cidade de pedra e de ferro, com edificios sumptuosos, bem arejados e dispostos em ruas largas, amplas e formosas.

A multidão que passava não era uma multidão anonima, parasita e vadia, era um povo que apressado se

dirigia aos seus mesteres, que trabalhava, que se divertia, que vivia feliz e na abundancia.

Os monumentos das suas praças tinham alta significação, um, era a Liberdade quebrando os grilhões duros, grossos e pesados da escravidão, arrojando-os radiante e satisfeita para bem longe; —outro, era o progresso desbargando os vastos campos incultos, brotando d'elles a abundancia e a riqueza; e muitos outros synthetisavam a vida da colonia, sobresaindo entre elles a estatua de Arthur de Magalhães, como a d'um genio superior, que chega, vê, pensa e executa, e ao toque da sua vara magica nasce do nada e floresce uma rica, opulenta, formosa e vasta cidade!

Por entre a multidão passavam os estrangeiros admirados, e olhavam-se satisfeitos uns, invejosos outros, conforme a nacionalidade a que pertenciam.

O unico que parecia estranho ás honras e ás riquezas, era o bom do padre capellão, que no seu espirito sublime de verdadeiro sacerdote, só cuidava em conquistar para Deus, as almas dos pobres pretos, e este passa-tempo e trabalho a que se entregava, era para elle a felicidade, vendo coroados de bom exito os seus esforços.





CAPITULO XIX

A côr do negro

Numerosa companhia se reuniu no salão do elegante palacio do dr. no dia 15 de julho de 188... em que D. Amelia fazia annos.

Antigos sobas, regulos, secúlos e macotas, suas mulheres e filhas de mistura com negociantes brancos e mulatos, todos já mais ou menos bem vestidos á europea, disputavam entre si a *pose* mais magistral, para que d'elles se formasse boa opinião.

Professores, officiaes, magistrados, engenheiros das minas e industriaes, todos tinham sido convidados.

A *elite* da nova cidade e seus suburbios não faltou a festejar o anniversario natalicio da sua formosa senhora, como todos lhe chamavam.

D. João e sua esposa eram, como se fossem de familia.

O salão e outras casas abertas aos convidados estavam primorosamente adornadas á europea.

Espelhos, flores e luzes em profusão por toda a parte davam um tom phantastico e cheio d'encanto ás mobilias d'estofos variados.

Os milhares de christaes dos candelabros, alimenta-

dos a luz electrica, augmentavam com os seus tons phantasticos e ondulantes a magnificencia d'este paraizo terreal.

Musicos encobertos por massiço d'odoriferas flores, tocavam no jardim illuminado á veneziana.

Quem reconheceria agora as selvagens florestas povoadas ainda ha 6 annos de ferozes e sanguinarias feras?

Quem reconheceria então esses pretos barbaros, nús, sem confortos, nem abrigos, guerreando-se muitas vezes sómente para se escravisarem entre si, ou venderem os prisioneiros, e até mesmo os seus proprios filhos?!

Sem uma noção de Deus, da sociedade e do bem estar, que a familia proporciona; tendo de vez em quando um banquete horrendo de carne humana para festejar um acontecimento qualquer. ([a])

Vivendo em infectas *cubatas*, alimentando-se a mais das vezes de raizes, ervas ou do tradicional *infundi*.

Sem terem outras leis senão a vontade despotica, barbara e tyrannica de seus chefes.

Quem reconheceria n'aquelles aprumados *cavalheiros*, fallando já mui correctamente o portuguez, familiarisa-

---

(a) O sr. Serpa Pinto diz nas suas bem elaboradas memorias — Como eu atravessei a Africa — publicadas no Jornal de viagens á volta do mundo — a pag. 248 — o seguinte: Os sobas do Bihé fazem «repetidas» vezes uma festa, na sua libata, a que chamam a festa do Quissungue, em que são immoladas e devoradas cinco pessoas, sendo um homem e quatro mulheres, d'esta sorte: uma mulher que faça panellas, uma do primeiro parto, uma que tenha papeira (é vulgar ali.) uma cesteira e um caçador de corças.

Presas as victimas são degoladas e as cabeças são lançadas ao mato. Os corpos entram de noite para o «Lombe» da libata grande, onde são esquartejados, e morto um boi, a sua carne é cosida com a carne humana, parte da qual é tambem fervida na «capata;» sendo que tudo que apparecer no banquete deve levar sangue humano.

Logo que está prompta a sinistra e repugnante cêa, o soba manda participar que vae começar o «Quissungue,» e todos os habitantes da povoação correm pressurosos ao festim.

dos com os confortos e beneficios da civilisação, os selvagens e ignaros indigenas que o dr. encontrara ha seis annos!

Que transformação completa se operara em todo aquelle modo de ser!

E isto só devido á vontade inquebrantavel d'um homem, á sua sabedoria, á sua intelligencia privilegiada e ao seu trabalho incessante.

Ajudado, é verdade, por esse ouro, por esse metal vil para os philosophos e poetas, mas precioso e necessario para o caminhar do progresso e do bem estar da humanidade.

Os costumes europeus foram promptamente adoptados por todos os indigenas ricos, e uma febre de saber se apoderou d'elles, como a febre do ouro se apoderara ao principio dos companheiros do dr.

Os mestres de dança, de musica, de linguas, e até de sciencias naturaes, affluiram á *Nova Lisboa* attrahidos por pingues recompensas.

As *damas* já civilisadas e julgando-se dignas do convivio com as formosas brancas, e com uma habilidade espantosa, em pouco tempo executavam os mais primorosos bordados, que lhes ensinavam, e quando o dr. deu o seu primeiro baile, já dançavam com correcção e elegancia.

Por isso os annos de D. Amelia foram um verdadeiro acontecimento.

Todos á porfia queriam mostrar os progressos que tinham feito.

Contradanças, polkas, mazurkas e até vertiginosas walsas foram executadas pelas *formosas* filhas de antigos chefes.

Para tudo estar transformado, até o *modo* d'amar já era europeu, e mais d'um coração *branco*, batia apressado por um coraçãosinho *preto*.

E mais d'uma formosa filha do sertão, dardejava olhares magneticos aos filhos dos ricos europeus.

Ás duas horas da noite foi servida uma lauta e esquisita cêa, sendo n'este ponto alterados os costumes da Europa de as senhoras tomaram parte á meza junto aos homens.

É que os estomagos na Africa equatorial, não são os *estomagos* das nossas elegantes de Lisboa, nem das mademoiselles de Paris ou das vaporosas ladies de Londres.

O dr., sua esposa, o padre, D. João, D. Candida e seus paes que já ha muito estavam na cidade foram em toda a noute o alvo das mais ardentes e fervorosas demonstrações de respeito, consideração e amisade.

Elles bem sabiam quanto lhes deviam!

Uma formosa e elegante filha do chefe Francisco Antonio, antigo soba de Caquingue, que mais intimidade tinha em casa do dr. e a quem ha muito fervilhava na mente saber a razão por que a humanidade não era ou toda branca, ou toda preta, aventurou-se a perguntar a Arthur a razão d'isso.

É mui longa a resposta, minha formosa Eugenia lhe disse o dr. e estas senhoras e cavalheiros, preferirão talvez dançar mais uma contradança, a aturar uma massadora narração.

Não, não, disseram de todos os lados.

Pelo contrario, tinhamos grande empenho, em saber isso.

Então para os satisfazer, direi o que sei a tal respeito, e me occorra.

Um silencio profundo se estabeleceu como por encanto e o dr. animado por tão bem disposto e submisso auditorio, principiou assim:

Ao meu espirito tem apparecido varias vezes essa pergunta, e como lhe não achasse cabal resposta, consultei os livros dos sabios em anthropologia.

Os sabios porem estão n'este assumpto, como em muitos outros, em completo desacordo e endoidecerão o sujeito que ler tudo escripto a tal respeito, se não for dotado de uma razão clara e de um espirito forte.

Um sabio anthropologo I. Virey, n'um grosso volume d'historia natural, depois de se alargar bastante em considerações, conclue por affirmar haver: *duas especies humanas bem distinctas.*

Logo um outro não menos sabio, Bory de Saint Vicent, escreveu tambem longas paginas para nos dizer que Virey se tinha enganado, e que as *especies humanas* eram *quinze!!*

Mas logo um outro não menos sabio que o primeiro sahiu a campo, para nos dizer que tudo que até ali se tinha escripto sobre o assumpto eram erros, falsidades e imposturas! E que as *especies humanas* eram *dezasseis!!!* Fazendo porém uma divisão, que por forma alguma, concordava com as dos seus eruditos antagonistas.

A estes e outros, houve tambem muitos sabios que fizeram doutrina sua em opposição áquelles—Pritchard, um inglez de puro sangue, teve a pachorra de passar parte da sua vida a escrever dez grossos volumes, para nos dizer que a humanidade *é toda uma!*

Dividindo-a depois em tres familias distinctas a *aryana*, *semitica*, *egypciaca*, que se dispersaram pelo mundo nas primeiras edades.

Porem no fim da sua vida zanga-se comsigo mesmo, renega esta theoria e não encontra alguma que o satisfaça!!

Omalius d'Halloy, Quatrefages e outros, admittem uma só especie, porem dividem-n'a em differentes raças.

Mas nada d'isto nos diz porque ha homens brancos, pretos, amarellos, pardos e vermelhos.

O labutar dos sabios no fim de tantos annos só tem conseguido o deixar-nos na duvida de terem apparecido os differentes typos simultaneamente no mesmo ponto, partindo d'ali para outros, onde foram soffrendo transformações, ou de terem apparecido em pontos diversos do globo.

Luiz Figuier na sua interessante obra sobre as raças humanas, cheio de profunda philosophia, diz-nos a ultima palavra sobre o assumpto:

«É a nossa intima convicção, que o homem teve um «centro unico de creação no globo, que tendo nascido «n'uma região particular, irradiou d'este ponto em todos «os sentidos, e que pelas suas emigrações e pela mul«tiplicação rapida dos seus descendentes povoou todas «as regiões habitaveis do globo.

E mais adiante: «Existiria desde o principio da ap«parição da vasta especie sobre o globo, o homem bran«co, o homem amarello e o homem negro? Ou dever«se-ha explicar o apparecimento d'estas tres raças fun«damentaes pela acção do clima, pela alimentação es«pecial, resultante dos recursos locaes, ou em outros «termos, pela acção do sol, como diz o auctor conscien«cioso Trémaux?

«Innumeras dissertações se tem escripto ... mas é «preciso dizer-se que o problema ainda não encontrou *solução!*»

Depois este mesmo auctor celebre, espraia-se em innumeras considerações, concluindo que a sciencia não pode explicar cabalmente e com verdade, a differença que existe entre os principaes typos da especie humana.

Eu porem que não quero fazer escola, vou ver o que nos diz a nossa religião sobre o caso.

O Genesis, capitulo 1.º, versiculo 26.º e 27.º diz:— façamos *o homem*...E creou Deus *o homem*. E S. Paulo diz tambem, e *de um só sangue* fez toda a geração.

Não posso concluir depois de tudo isto senão que: tanto o branco como o preto são todos filhos do mesmo pae commum da humanidade — Adão — e que se as cores differem, é porque as influencias ainda não bem apreciadas por nós, actuam a pouco e pouco sobre o pigmentum, ou substancia coagulada do tecido mucoso, dando á cutila uma côr propria, do resultado d'essa influencia, que pode muito bem ser, mas que não affirmo, o effeito do clima, do methodo de vida e da alimentação, effeito que se fez sentir por uma impressão prompta, mas por graus imperceptiveis, que transmittindo-se de geração em geração chegaram a formar uma raça distincta não só na côr como em diversas formas osseas, quando a terra e o seu influxo não contraria o effeito.

Experiencias bem recentes têm demonstrado, que, bastam quatro ou cinco gerações cruzadas de pretos e brancos, para os filhos se tornarem completamente brancos, e por tanto minha formosa Eugenia peça a Deus longa vida que ainda pode beijar um formoso tetraneto de cabellos louros e olhos azues, o caso é casar-se cedo com um galante moço.

Eugenia a este cumprimento lisongeiro do dr. olhou ternamente para um esbelto filho d'um rico negociante,

e de tal maneira este lhe correspondeu, que o dr. viu claramente n'este olhar, a escolha estar já feita.

O dr. continuou— tem-se querido por uma basofia dos brancos, deprimir a intelligencia dos pretos, e se homens illustres d'esta raça, de quem a historia conserva os nomes, não tivessem com os seus brilhantes feitos e sabedoria desmentido esta opinião, bastava apenas olhar para esta illustrada companhia, para ver o que fizestes no curto espaço de seis annos, aproveitando e comprehendendo tambem os confortos e beneficios da civilisação.

A historia, essa verdade implacavel, que passa sem paixão atravez do pó dos tempos, não pode deixar de mencionar os nomes assaz illustres de Toussaint-Louverture, general que excedeu em talento bellico, e estrategia, a muitos generaes brancos do seu tempo.

Jacob Captain, foi um theologo celebre, deixando á posteridade magnificos sermões em latim e hollandez, e varias elegias muito poeticas.

Chistofle e Dessaline foram dois militares de profundo saber.

Benjamim Benneker, o novo Newton do Maryland, na America, de quem por muitos annos as ephemerides serviram para os calculos geographicos.

Este sabio apenas auxiliado pelos livros que o acaso lhe deparou, tinha tal força de vontade e intelligencia, que chegou a possuir os mais vastos conhecimentos em todas as sciencias, sendo na mathematica e astronomia que mais se destinguiu.

Amo, nascido na Guiné, apesar de ter uma desgraçada mocidade, a mais infeliz e abjecta que a humanidade impoz ao seu similhante— a escravidão— vendido

a differentes senhores, soffrendo as penas infamantes que preversos possuidores lhe inflingiam, foi levado para a Hollanda em 1707, e taes foram os seus trabalhos occultos, que em pouco sabia o latim, o grego, o hollandez, o hebraico, o francez e o allemão!!

Valeu-lhe tão grande erudição a liberdade, e ser proclamado como sabio pelo decano da faculdade de philosophia da universidade de Wittemberg, conferindo-lhe o grau de doutor aquella universidade, publicando-lhe a these que defendeu, verdadeira dissertação cheia de vigor e de grandes conhecimentos—*sobre as sensações consideradas sem relação com a alma e presentes ao corpo*,—e attingindo o mais alto grau de consideração n'aquella epocha, foi nomeado conselheiro d'estado pela corte de Berlim.

Ignacio Sancho que teve por berço ao desabrochar da vida o porão d'um navio negreiro, onde sua desgrada e infeliz mãe era escrava do capitão, escreveu cartas tão notaveis que foram publicadas n'uns poucos de volumes.

Sterne,diz d'elle estas sentidas palavras, cheias de indignação pela escravatura, questão esta que já em 1760 occupava o cerebro dos sabios humanitarios — «Admira que haja mens que queiram deshonrar os seus similhantes, egualando-os na condição aos brutos, para os tratarem impunemente, como se fossem taes»—e honrara-se com o chamar-lhe — amigo.

Francisco Williames, natural da Jamaica, foi um dos melhores poetas do seu tempo, e tinha uma esmerada educação, tendo feito os seus estudos na Universidade de Cambridge.

Na medicina tambem teem havido notaveis homens de

côr, tornando-se celebre entre elles Jacques Derham, que em 1788, era o mais considerado e o melhor medico de *Nova Orleans*.

Muitos outros se teem distinguido pela sua sabedoria e intelligencia, e se bem me recordo Othello Cugoano Oltohah, Olandad Equiano, appellidado Gustavo Vasa, João Francisco, e Angelo Solimão, foram eximios poetas e escriptores distinctos, chegando até nós as suas importantes obras sobre diversos assumptos.

Teem tambem florescido por suas virtudes e santidade, alguns homens de côr, chegando a egreja a canonisar e a considerar no numero dos seus santos, a Estevão, esse famoso rei da Ethiopia, a Ifigenia, Antonio de Caltagisone, a Benedicto, e a Antonio de Noto.

Depois d'isto, minha formosa Eugenia, se não respondi cabalmente á pergunta que me fez, vou-lhe contar uma fabula, que talvez a satisfaça melhor.

Conto-lh'a baixinho, porque é só para si.

E o dr. com ar risonho proseguiu.

Quando Deus formou o primeiro homem, Satanaz, esse diabo de longa cauda que a menina vê pintado aos pés de S. Miguel, movido de inveja, quiz tambem formar um homem de barro.

Deus ria-se da obra do rei das trevas, e em castigo da sua ousadia, fez que o homem feito pelo diabo, sahisse negro.

Este, ainda quiz vêr se o tornava branco, e levou-o ao rio Jordão, para o branquear, porem o rio horrorisado — os rios n'aquelle tempo eram muito sensiveis — fugiu, tendo o homem molhado simplesmente na areia humida a planta dos pés e as palmas das mãos, partes unicas que ficaram brancas.

Satanaz irritado por se ver contrariado tão irrisoriamente por Deus, tal palmada deu na cara do seu homem, que o nariz se lhe achatou!

Todos se riram muito com a fabula do dr. e depois de mais umas saudes com primoroso champagne, o baile continuou até manhã, retirando-se em carruagens e machilas mui satisfeitos e conservando grata recordação d'aquella esplendida e bem passada noute!!



CAPITULO XX

Dez annos depois

CONCLUSÃO

Uma decada d'annos tinha passado depois de Arthur de Magalhães e a expedição portugueza pisarem o solo africano.

A vara magica d'um genio potente, sobrenatural, maravilhoso, tocara essa parte do continente negro, e serras escalvadas e aridas, mattas gigantescas e impenetraveis, correntes caudalosas e perennes, sertões inhospitos, bravios e selvagens, tudo se transformara como por encanto-

Estradas magnificas de maccadam, assombreadas pelas copadas ramagens das arvores que bordavam os taludes das valetas, cortavam por toda a parte a vasta provincia d'Angola e levavam ás differentes povoações distantes das linhas ferreas os productos e as noticias dos outros lugares.

Como ainda não bastassem as estradas e os caminhos de ferro, milhares de barcos á vella, a vapor e a remos, sulcavam todos os rios, em que a altura das aguas e a força das cachoeiras o permittia.

Centenares de elegantes e solidas pontes de ferro fa-

cilitavam o trato de margem a margem n'aquelle dedalo de rios, regatos e riachos.

Redes de fios telegraphicos e telephonicos atravessavam o espaço em todas as direcções.

O martello das officinas, o rodar dos carros, o silvo das locomotivas, o grito dos pregoeiros, o som dos instrumentos, o patear dos cavallos, o repique nos sinos, o *frou-frou* da multidão que passa, retrocede e volta, a voz do progresso estridente metallica e electrica, ouvia-se por entre as magnificas ruas das cidades de Benguella, Mossamedes, Caconda, Bihé, Huila, Quillengues Dombe, e Humpata!

E estas formosas e ricas cidades, disputavam entre si a grandeza, imitando nas suas esplendidas construcções de ferro, pedra e madeira, os soberbos e vastos edificios da *Nova Lisboa*.

A outras terras mais distantes do grande centro do progresso, transformavam-se mais lentamente, mas lá iam a pouco e pouco acompanhando na sua marcha, os lugares proximos das grandes fontes de riqueza da vasta provincia, onde o impulso era mais forte e rapido, devido á poderosa alavanca do ouro.

Ricas plantações de todas as especies vegetaes da Europa e indigenas floresciam robustas e viçosas n'um terreno tão bem adubado, irrigado e methodicamente cultivado debaixo das vistas de sabios e praticos agronomos.

O clima quente e humido estava modificado.

As vastas, densas, seculares e virgens florestas tinham sido cortádas, e o adubo de muitos seculos, que exalava um cheiro fetido e pestifero de bafio, da accumulação das folhas das arvores e do podridão dos ve-

getaes em decomposição, misturava-se com a terra rica d'humos no revoltear do arado mechanico.

Os pantanos nauseabundos e geradores de myriades de micobrios doentios e mortaes, ou estavam aterrados, ou eram beneficiados com aguas frescas e salubres, constituindo magnificos lagos, onde os peixes viviam, e se multiplicavam, para alimento sadio e fresco dos habitantes do interior.

Nas vastas bahias de Benguella, dos Elephantes e de Mossamedes entravam e saiam milhares de navios de todas as nacionalidades, que levavam ao resto do mundo, os productos do trabalho e da riqueza da nova confederação.

Fortalezas imponentes e bem artilhadas guarneciam a costa e a fronteira, e os seus canhões monstros, polidos e lustrosos infundiam respeito e terror áquelles que ouzassem tentar assenhorear-se dos nossos dominios da Africa occidental.

A marinha tinha florescido por tal forma, que a bandeira das quinas fluctuava ovante e alterosa no tope dos mastareos, ou no laes na mezena de muitos navios armados de grossas couraças e invenciveis torres.

A armada portugueza sulcava os mares em todas as direcções, como no tempo dos Gamas, dos Albuquerques, dos Menezes, dos Castros e dos Coutinhos!

Não levando, como então, o terror, a avassalagem e a conquista nas ballas da sua artilharia e na ponta das suas espadas, mas conduzindo ás cinco partes do mundo, a abundancia e a opulencia commercial.

Os marinheiros eram negociantes ao mesmo tempo que eram valentes, leaes e intrepidos soldados.

O exercito europeu e o ultramarino tinham-se fundido n'um só.

As leis militares tinham-se modificado.

N'um paiz em que a maior riqueza era a agricultura, faltariam braços para o trabalho util e remunerador, se o grande exercito, que era necessario ter em armas, empregasse exclusivamente os filhos robustos e vigorosos da nação, no manejo rude das armas, e por isso os soldados eram trabalhadores assiduos dos campos debaixo de certos e determinados regulamentos, e em alguns dias do mez reuniam-se para receberem uma instrucção militar methodica e proveitosa; e quando a patria os chamasse a defendel-a, eram soldados instruidos disciplinados, fortes, sadios e robustos.

A Inglaterra teve medo do nosso poder.

A França, a Hespanha e a Italia orgulhavam-se de pertencer á nossa raça.

A Allemanha, a Russia e todos os povos do norte da Europa, admiravam-se e respeitavam-nos.

Na America, e especialmente no Brazil, houve crise de trabalho, faltavam-lhe os braços portuguezes.

Nos cemiterios de Demerara e das Sandwichs, onde tantos portuguezes foram obscuramente lançados na grande valla do esquecimento e da morte, quando esperavam encontrar a riqueza, a abundancia e a opulencia, não mais ó coveiro fatal lançaria a terra fria e pesada sobre o corpo dos pobres e esqualidos emigrantes.

Os portuguezes já não emigravam,— passavam á nossa rica possessão de Angola, como iam os povos da Estremadura, do Alemtejo ou do Algarve, passear ao Douro e ao Minho — era somente um simples passeio maritimo e de recreio!

Os jardins odoriferos formosos e elegantes d'Angola, convidavam áquella digressão.

. . . .

A divisa que os navios de guerra tinham na roda do leme a incitar os seus marinheiros a grandes feitos—*A patria honrae que a patria vos contempla*— foi por ordem d'um sabio ministro accrescentada com esta maxima eterna e sacrosanta: — *Trabalha, que Deus te ajudará!*

. . . .

Os fundadores da Nova Lisboa, os creadores do Imperio Luso-Africano, tiveram o justo premio dos seus esforços herculeos.

El-rei, sempre prompto em recompensar os que trabalham em honra da patria, dera o titulo de Duque, a Arthur de Magalhães, a D. João e a todos os seus descendentes, nomeando-os governadores perpetuos dos dois districtos, em que foi dividida Angola.

O bom padre capellão foi investido do alto cargo de Bispo e aquella vasta provincia foi a escolhida para elle ministrar ás suas ovelhas o pão do espirito.

Todos os expedicionarios foram cobertos de honras, conforme os ssus merecimentos, — já que as riquezas possuiam-n'as elles.

. . . .

Os paes de D. Candida e de D. Amelia vivem ainda e bemdizem a providencia que lhes concedeu abençoar todos os dias os seus estremecidos netos, e receber d'elles as puras caricias infantis, em paga do tempo que estiveram sem ver os seus queridos filhos.

Todos são felizes e o nome de Arthur de Magalhães passará á posteridade.

FIM

ERROS DE REVISÃO MAIS IMPORTANTES

Pag. — linha	Onde se lê	Leia-se
5 — 7 —	atrevessado	atravessado
12 — 9 —	Mayerbeer	Meyerbeer
27 — 11 —	prepando	preparando
44 — 17 —	stlpflug	Stlpflug
54 — 32 —	adeus á	adeus a
68 — 29 —	digna da	digno da
131 — 30 —	que inspiravam	que inspiraram
143 — 17 —	Cervais, Gemais	Cuvier, Gervais
144 — 1 —	metteu á cara	metteu a arma á cara
160 — 24 —	«E ouzam	E ouzam
172 — 10 —	aquella furia	áquella furia
173 — 5 —	planicices	planicies
180 — 31 —	tinha invejadas	tinha inveja das
188 — 17 —	que lhes	que lhe
189 — 21 —	e a ideia	concebeu a ideia
212 — 9 —	verborrhea,	verborrheia
215 — 9 —	engenheiros agronomos	engenheiros, agronomos
238 — 3 —	a pagar do governo	a pagar ao governo
256 — 18 —	os ssus	os seus



